

PODE UMA MÃE DESEJAR?
trajetória de uma artsi--
artista-mãe-etc em formação

malu teodoro

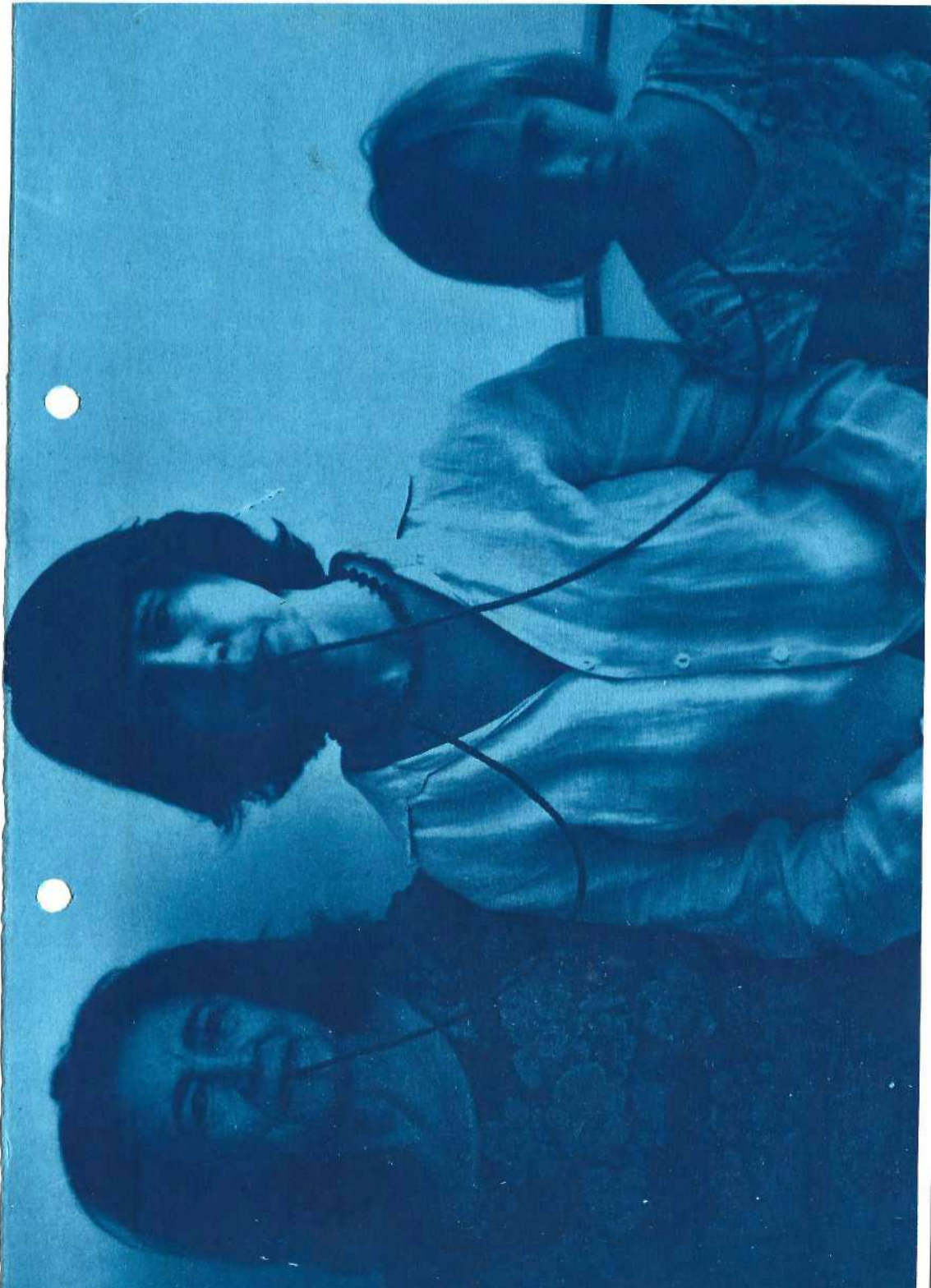
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

PODE UMA MÃE DESEJAR?
trajetória de uma mãe-artista-etc
em formação formação

MALU TEODORO

UBERLÂNDIA MG
2025



2025
UBERLANDIA MG

MADU TEODORO

em formação
trajetória de uma mãe-artista-etc
PODE UMA MÃE DESEJAR?

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
INSTITUTO DE ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTRUÇÕES

- 1- O Diário de Classe é usado para registrar a frequência dos alunos e as notas obtidas.
- 2- As anotações no Diário de Classe devem ser feitas a tinta, não sendo admitidas emendas ou rasuras que não estejam devidamente ressalvadas pelo Professor e pelo Inspetor.
- 3- Terminada a aula, o Professor registrará no lugar apropriado a matéria explicada bem como a data da aula.

Maria Luiza Teodoro Guimarães

PODE UMA MÃE DESEJAR?
trajetória de uma artista-mãe-etc
em formação

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao curso de
Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito
parcial para obtenção dos graus
em Bacharelado e Licenciatura
em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra.
Clarissa Monteiro Borges

UBERLÂNDIA MG
2025

Maria Luiza Teodoro Guimarães

PODE UMA MÃE DESEJAR?
trajetória de uma artista-mãe-etc
em formação

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para
obtenção dos graus em Bacharelado
e Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa
Monteiro Borges

Uberlândia, ____ de Setembro de 2025

Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges
Orientadora

Prof. Dr. Geovanni Lima da Silva
Examinador

Profa. Ma. Marcia Franco dos Santos Silva
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do curso de Artes Visuais, em especial à Clarissa Borges, cuja orientação e inspiração são fundamentais em minha trajetória.

Aos professores membros da banca, Márcia e Geovanni, pela atenção e dedicação.

Aos grupos de pesquisa Feminismos nas Artes Visuais e Substantivo Coletivo.

À Universidade Federal de Uberlândia e às instituições públicas de fomento, pelo inestimável apoio.

Aos meus pais, Solange e Luiz, e às minhas tias, Ana e Lúcia, pelo valioso cuidado e suporte conosco.

Aos meus parceiros de trabalho, de curso e de vida.

Aos amigos que sempre acreditaram.

A mim mesma, por não desistir de desejar.

À minha filha, pelo amor e pela vida compartilhada.

RESUMO

Este memorial, intitulado *Pode uma mãe desejar? Trajetória de uma artista-mãe-em-formação*, percorre o caminho de uma mulher e estudante de Artes Visuais que insistiu em criar, mesmo diante dos desafios cotidianos da maternidade em espaços – acadêmicos e artísticos – que tantas vezes resistem a acolher essa experiência. Entre arte e vida, os trabalhos *Álbum de Família*, *A menina é a mãe da mulher* e o filme *Peixes, Búfalos & Urubus* entrelaçam registros íntimos, técnicas experimentais e reflexões surgidas do corpo e da memória. Aqui, a maternidade aparece não apenas como tema, mas como uma força capaz de reorganizar o tempo, o olhar e os processos criativos, dando forma a narrativas que ecoam em outras mulheres, mães e em todos aqueles que reconhecem na arte um território de cuidado, escuta e reinvenção.

Palavras-chave: maternidade; memória; audiovisual; corpo; performance.

ABSTRACT

This memorial, entitled *Pode uma Mãe Desejar? Trajetória de uma Artista-Mãe-em-Formação*, unfolds the path of a woman and student of Visual Arts who insisted on creating, even while facing the daily challenges of mothering in spaces – both academic and artistic – that often resist accommodating such experiences. Between art and life, the works *Álbum de Família*, *A menina é a mãe da mulher*, and the film *Peixes, Búfalos & Urubus* weave together intimate records, experimental techniques, and reflections born from the body and memory. Here, motherhood emerges not only as a theme but as a force that reorders time, perception, and creative processes, shaping narratives that resonate with other women, mothers, and those who find in art a field of care, listening, and reinvention.

Keywords: motherhood; memory; audiovisual; body; performance.

SUMÁRIO

caos (tudo)

álbum de família (2017-2025)

você está morta 2021

a criança está viva 2024?

a menina é a mãe da mulher 2022

a mãe monstra 2023

peixes, búfalas & urubus 2023

por fim/porvir

bibliografia



soes
(tudo)

mãe,

você é muito boa em
esquecer

inaê

CAOS (TUDO)

Essa pesquisa/memorial/livro busca criar um sentido para a trajetória dessa aluna, mãe e artista durante os anos em que cursou a licenciatura em artes visuais na Universidade Federal de Uberlândia. Após ser mãe, passados mais de dez anos enquanto trabalhadora-artista, o ensino e a pesquisa pela primeira vez se apresentou como um caminho interessante e possível. Iniciar uma graduação aos 35 anos, já tendo um trabalho e uma pesquisa artística, mãe-dona-de-casa, tem sido uma experiência muito diferente da primeira vez que, aos 18 anos, cursei uma universidade. Cheguei cheia de desejos de juntar tudo - pesquisa, arte, criação, educação e maternidade. Consegui/tive que, neste percurso, levar a criança às aulas, produzir obras juntas, desenvolver linguagens e técnicas que logo se tornam tema de projetos, exposições, cursos livres, extensão, pesquisas e publicações. Essa pesquisa busca criar um memorial da trajetória dessa mulher, artista, mãe, pesquisadora, educadora em constante formação e criação: de criança e obras.

Da mesma forma que não é dada a uma mãe a possibilidade de ser artista - e agora que você é mãe, com o que vai trabalhar?, também não é permitido à mãe cursar uma universidade, demonstram pesquisas. As mulheres são a maioria nos cursos universitários até que se tornam mães e perdem parte de seus direitos de liberdade e dignidade. Desde que me tornei mãe, no momento mais desafiador para tal, escolhi ser artista. Foi com bastante desejo que escolhi cursar a licenciatura em artes visuais, tendo uma poética em ~~meu~~ ^{meu} envolvimento e articulando minha vida de profissional artista em paralelo. Sendo assim, desenvolvi projetos atrelados à universidade que cruzavam as temáticas de meus interesses, como PINA (Programa de Iniciação Artística, gerenciado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura), PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, gerenciado pela CAPES) e PIAC-Estudantil (Programa Institucional de Apoio à

CAOS (TUDO)

Essa pesquisa/memorial/livro busca criar um sentido para a trajetória dessa aluna, mãe e artista durante os anos em que cursou a licenciatura em artes visuais na Universidade Federal de Uberlândia. Após ser mãe, passados mais de dez anos enquanto trabalhadora-artista, o ensino e a pesquisa pela primeira vez se apresentou como um caminho interessante e possível. Iniciar uma graduação aos 35 anos, já tendo um trabalho e uma pesquisa artística, mãe-dona-de-casa, tem sido uma experiência muito diferente da primeira vez que, aos 18 anos, cursei uma universidade. Cheguei cheia de desejos de juntar tudo - pesquisa, arte, criação, educação e maternidade. Consegui/tive que, neste percurso, levar a criança às aulas, produzir obras juntas, desenvolver linguagens e técnicas que logo se tornam tema de projetos, exposições, cursos livres, extensão, pesquisas e publicações. Essa pesquisa busca criar um memorial da trajetória dessa mulher, artista, mãe, pesquisadora, educadora em constante formação e criação: de criança e obras.

Da mesma forma que não é dada a uma mãe a possibilidade de ser artista - e agora que você é mãe, com o que vai trabalhar?, também não é permitido à mãe cursar uma universidade, demonstram pesquisas. As mulheres são a maioria nos cursos universitários até que se tornam mães e perdem parte de seus direitos de liberdade e dignidade. Desde que me tornei mãe, no momento mais desafiador para tal, escolhi ser artista. Foi com bastante desejo que escolhi cursar a licenciatura em artes visuais, tendo uma poética em desenvolvimento e articulando minha vida de profissional artista em paralelo. Sendo assim, desenvolvi projetos atrelados à universidade que cruzavam as temáticas de meus interesses, como PINA (Programa de Iniciação Artística, gerenciado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura), PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, gerenciado pela CAPES) e PIAC-Estudantil (Programa Institucional de Apoio à

Cultura, Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e à Diretoria de Cultura da UFU), comunicação em congressos, etc. Paralelamente à esses projetos na Universidade, participei de residências, exposições, fomentos públicos, PMIC, Paulo Gustavo e privados, Lab Cultural BDMG, e o CLIPE, um programa de formação de escritores da Casa das Rosas/SP, que aconteceu de forma remota por um ano. Minha condição me trouxe uma outra experiência enquanto estudante universitária, cheia de desafios, mas muito produtiva. À medida que fui produzindo, também fui tentando fazer relações conceituais e teóricas, as quais gostaria de me debruçar nessa pesquisa e desenvolver mais profundamente nesse momento de conclusão de curso, com a sorte da orientação de uma professora que pesquisa a mesma temática. *Como uma mãe solo, beirando os 40 anos de idade, pode ser estudante de artes?*

Durante o processo de quatro imensos anos na Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, muito foi realizado em diversas mídias: escrita de projetos, escrita livre-poética-criativa, audiovisual, gravura, fotografia, performances, pinturas e muitas experimentações. Essa pesquisa trata de mergulhar nos arquivos desses processos, e também trazer novas referências, a fim de realizar uma costura entre esse material, que se finaliza em forma de publicação/memorial/catálogo.

Meu trabalho na área de artes visuais é anterior à minha entrada no curso, e acontece desde 2007, quando me formei em Comunicação Social, me dedicando principalmente à fotografia e ao vídeo em diversas linhas, autorais e comerciais (editorial e publicitária, por exemplo). Com o passar do tempo foi ficando claro para mim que me interessava muito mais o encontro com diversas linguagens, e seus desdobramentos.

Desde que me tornei mãe, em 2018, a maternidade tem sido o tema que mais me debrucei, por ter sido traumática, e por me colocar em situações que não imaginava viver. Vejo que a maternidade, pelo menos de onde eu venho e no meio em que eu circulava, era vista como natural e

instintiva para a mulher. Em outras palavras, o exercício da maternidade é retratado de forma romantizada. E quando me tornei mãe, tudo aquilo que eu idealizei foi por água abaixo. Acredito que faltou diálogo com mães, faltou conviver com crianças pequenas, faltou conviver com mães e crianças e faltou-me conhecimento do que é de fato maternar. Como artista que trabalha com a autobiografia, tratar desse tema que tanto me atravessava foi um caminho natural. Porém, percebi que esse "não-dito" da maternidade habitava também o mundo das artes.

Falar de maternidade, e em mães artistas, é um tabu. Ser artista enquanto mãe era um "erro". Cheguei a escutar que eu estava há 3 anos sem trabalhar, nos anos após ter parido minha filha - mesmo que eu sentisse que nunca havia trabalhado tanto! Inclui-se aqui questões sobre o trabalho do artista, da mulher, da mãe, e da professora, geralmente muito mal remunerados e invisíveis na sociedade. Eu passei a reunir tudo isso em mim. No entanto, de alguma forma um tanto ambígua, ter me tornado mãe me fez ter mais forças para viver da forma que eu realmente desejava.

Foi assim que me separei, mudei de país, organizei uma rede de apoio principalmente familiar para que eu pudesse, na pandemia, reerguer-me com base em meu trabalho. Falar sobre maternidade em meus trabalhos teve em mim um lugar de cura, ao passo que também percebia a importância e urgência da temática. Muitas pessoas, principalmente mulheres e mães, artistas ou não, me retornavam contando como meu trabalho reverberou nelas, e se inspiram tanto para produzir trabalhos nessa temática, como para questionar situações pessoais. Interessa-me criar esse diálogo, tirar a pedra-tabu em torno da maternidade, conectar mulheres e mães, e proporcionar às crianças um espaço potente que as considerem como sujeitos. Trabalhar como artista-mãe quer dizer, muitas vezes, trabalhar com uma criança em casa, enquanto lava-se louça, cozinha-se um macarrão, ou pensar em projetos enquanto coloca-se a filha pra dormir. Este movimento faz com que eu possa envolvê-la desde cedo nas questões que fazem parte da minha vida como mulher e artista, além de mãe. Sendo

assim, meu trabalho mudou significativamente desde que passei a compartilhar os dias com Inaê. Precisei adaptar meus trabalhos para técnicas mais manuais e menos baseadas no computador, pois eu não conseguia trabalhar no computador com minha filha em casa. Também passei a trabalhar com materiais mais táteis, que já era um desejo meu e que já vinha acontecendo mesmo antes dela nascer.

Outro ponto importante é a educação. Desde que me tornei mãe, a questão da educação ganhou outra dimensão, já que me tornei uma educadora em tempo integral. Passei a pensar e exercer a educação em artes visuais com minha filha (e não só), dentro de casa, incluindo-a nos meus trabalhos e abrindo espaços para que pudéssemos, juntas, conhecer novos caminhos, como o desenho, a fotoperformance, a cianotipia, etc. Neste movimento, tento criar para ela uma experiência de infância com espaço e tempo para as artes, que eu mesma não tive. Esse trajeto pessoal descrito acima, me levou a cursar a Licenciatura em Artes Visuais, e ao desejo de integrar a mãe, artista, pesquisadora e educadora, e por fim, deixar esse registro.

Minha pesquisa se constrói a partir do diálogo com autoras e artistas que entrelaçam escrita acadêmica, criação artística e maternidade, como Clarissa Borges, Marta Mencarini, Tatiana Reis, Lu Berlese, Elisa Elsie, Mariana Pimentel, Graziela Kunst, Rosana Paulino e bell hooks, além de publicações como a *Revista Trama* e o projeto *Madonnas & Fridas*, de Aná Sabiá. São vozes que inspiram caminhos e abrem possibilidades de pensar a vida, a produção artística e a reflexão teórica como dimensões inseparáveis.

No campo das artes visuais e do audiovisual, encontro referências em mulheres que produzem e deixam legados significativos, como Mary Kelly, Ana Casas Broda, Carmen Winant, Annie Wang, Carrie Mae Weems e Mierle Laderman Ukeles, bem como Naomi Kawase, Petra Costa e Aline Motta, cujas obras dialogam com memória, narrativa, intimidade e representação.

O álbum de família surge como um eixo central de investigação:

Se, lembrando as palavras do antropólogo Richard Chalfen, "fazer fotos de família e organizar álbum são adições modernas às muitas maneiras de um ser humano definir e ordenar simbolicamente o mundo", qual seria nossa tarefa como pesquisadoras(es)? E se nos dedicássemos a inventar maneiras de desfazer as fotos de família - e o que elas fizeram conosco? E se nos dedicássemos a desorganizar álbuns e outros modos que a modernidade/colonialidade construiu para definir e ordenar as nossas vidas? (Chalfen, 1991 apud Lopes, 2021, p. 32).

Questões como esta, de Rodrigo Lopes em sua dissertação *Álbum de Família na arte/educação: matéria de ficção*, me levam a querer pesquisar meu trabalho por esse viés que me atravessa desde quando comecei a fazer o álbum de minha filha, em 2017. Outro autor que serviu às pesquisas teóricas em torno do álbum de família foi Armando Silva, em *Álbum de Família: A imagem de nós mesmos*. As reflexões sobre o álbum de família perpassam questões da fotografia, das narrativas íntimas, pessoais e autobiográficas, da memória, da representação, do arquivo, das artes visuais e também da tensão entre o real e a ficção. Por fim, também gostaria de me debruçar sobre o texto *Performances do tempo Espiral: poéticas do corpo tela*, de Leda Maria Martins.

A noção de teórica-doméstica, proposta por Mariana Pimentel (2020), surge como um procedimento contra-pedagógico elaborado a partir da experiência de maternagem e da tensão entre corpo-mãe e corpo-professora universitária, evidenciando as fraturas entre o espaço doméstico e o acadêmico. Inspirada em Basbaum e dialogando com autoras como Butler, Rancière e Federici, essa proposta busca desnaturalizar o corpo masculino como modelo único de prática acadêmica, assumindo a fissura produzida pela maternidade como potência criativa para reinventar modos de produção de saber e relações dentro da universidade. Assim, a teórica-doméstica não significa conciliar dupla jornada, mas expor a invisibilização histórica do trabalho doméstico e embaralhar as fronteiras entre

público e privado, cuidado e saber, abrindo espaço para outras economias e formas coletivas de vida.

Em 2024 a Revista Trama Bodoque publicou um número todo sobre Arte e Maternagem, e teve como curadoria Marta Mencarini e Tatiana Reis. A revista contou com a publicação de 21 "artistas-mães fecundas em propostas plurais entre pintura, escultura, intervenção urbana, bordado, fotografia e performance que provocam questionamentos, incômodos e lançam mão da *escrita de si*, como campo fértil para operar deslocamentos subjetivos, fissuras e apontamentos importantes sobre as maternidades e suas existências." As curadoras iniciaram em 2021, imbuídas de suas experiências pessoais/maternais, um mapeamento dessas mulheres-mães-artistas sob uma metodologia de pesquisa que denominam como "poética do enquanto". Sobre a *poética do enquanto*:

Produzir arte e pesquisa criando gente faz-se em fragmentos, partes disparees que demoram a se tornar conjunto completo, obra. Compreendemos a *Poética do Enquanto* como ações-estratégias-exaustão que se fazem presentes nas madrugadas, 'no corre', enquanto se lava a louça, 'deixando a peteca cair'. Tais processos fragmentados constituem-se transpostos pelas dinâmicas da maternagem, manejos familiares, exigências públicas e privadas; e apontam a uma denúncia sistêmica-capitalista-patriarcal incidente sobre os corpos-mães (Mencarini; Reis 2024)

A exposição/publicação da Trama Bodoque divide os trabalhos das 21 artistas brasileiras em três grandes blocos: Corpo-mãe/Escritas de si: Monica Ventura, Priscilla Burh, Mariana Guimarães, Tatiana Reis, Jocarla Gomes, Tainã Mello, Clarissa Borges e Bruna Alcântara. Ninho/Manutenção da vida: Marjô Mizumoto, Lorena D'Arc, Elisa Elsie, Cecília Cavalieri, Gabriela Manfredini e Cathy Burghi. Domesticidade, resistências e violências: Daniela Torrente, Clarice Gonçalves, Bárbara Milano e Nazaré Soares, Roberta Barros, Mau Teodoro, Marta Mencarini e Ada Medeiros.

É curioso que provavelmente nenhuma dessas artistas trabalhassem com o tema da maternidade antes de terem se tornado mães. Nem as curadoras trabalhavam nessa perspectiva. É provável também que nenhuma delas imaginasse que desenvolveria obras dialogando com essa temática. A maternidade pega a gente de sopetão e sacode as estruturas. As formas conhecidas de criação, até então, passam a não funcionar mais. Por exemplo, eu me lembro do quanto produzia em meio ao ócio, quando tinha tempo para fazer tudo devagar, com uma certa contemplação. Desde que sou mãe, esse tempo é outro. Não há tempo. Não há mais tempo para diferenciação entre a criação artística e a criação das crias/crianças. Curioso também que a palavra criação tenha a mesma origem etimológica da criança, de acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986):

Criança / substantivo feminino

1. ser humano na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade.
2. filho, rebento; cria.

Origin: ETIM(sXIII) der. vern. *criar* + *-ança*

Criação / substantivo feminino

ato, processo ou efeito de criar.

1. conjunto dos seres e coisas criados que apresentam existência própria.
2. ação humana de conceber, de gerar, de dar existência ao que não existe, ou de dar nova forma, novo uso a alguma coisa.
3. (figurado) qualquer produção artesanal, artística e/ou intelectual.
4. elaboração, concepção de qualquer coisa.
5. capacidade ou aptidão especial para inventar, elaborar.
6. reprodução, gestação, propagação da espécie humana ou animal.
7. fase em que se é criança; infância.
8. educação, sistemática ou não, de uma pessoa.
9. amamentação, lactação.

Origin: ETIM(897) latim *creatio, ōnis* 'procriação, criação'

O movimento de mulheres artistas-mães se manifesta coletivamente, como na publicação da *Revista Trama Bodoque*, que reuniu experiências de mães-artistas para inspirar e apoiar outras mulheres. Muitas dessas artistas mantêm redes de colaboração e inspiração, mesmo virtualmente, especialmente durante períodos como a pandemia e o puerpério, sendo esses encontros fundamentais

para estabelecer práticas de criação nessa temática. A visibilidade e o compartilhamento coletivo rompem com o silenciamento. Outro agrupamento significativo de mulheres-mães ocorreu em 2025, com o projeto *Madonnas e Fridas*, desenvolvido pela artista Ana Sabiá e contemplado pelo Prêmio FUNARTE Marc Ferrez de Fotografia - 17ª edição. O projeto realizou chamada aberta para seleção de 50 fotografias que abordassem a maternidade em suas obras, promovendo ainda encontros virtuais sobre temas como "o corpo", "a casa" e "outras línguas". Participei da última mesa da série de lives no canal do YouTube do projeto, com o tema "lutas", juntamente com outras artistas e mediação da própria Ana Sabiá. Para o mapeamento, enviei os trabalhos *A criança está viva* (2024) e *A menina é a mãe da mulher* (2023), ambos relacionados à fotografia. O projeto reuniu obras das artistas em uma videoarte, e organizou um Seminário presencial que aconteceu em Setembro de 2025, em Florianópolis/SC.

Ao contrário dos movimentos coletivos propostos por mulheres, na cultura patriarcal elaborada pela perspectiva masculina, a criação das crianças está historicamente relacionada ao trabalho reprodutivo exercido pelas mulheres, como o cuidado e a manutenção da vida, invisibilizado e subvalorizado, mas fundamental para a produção capitalista (Federici, 2018). De outro lado, o trabalho produtivo e criativo, associado ao fazer masculino, é exaltado e exibido na esfera pública da sociedade: remunerado e valorizado (Beauvoir, 2004).

A maternidade coloca as mulheres nesse lugar subalterno e de serviência. Muitas, por questões sociais, de classe e de raça, acabam sucumbindo ao exaustivo trabalho de cuidado e manutenção. Com a maternidade, essa discrepância entre os papéis sociais de gênero se amplia. Com o peso que recai sobre as mulheres, algumas sucumbem, e as que podem, gritam. O grito pode acontecer de diversas formas: cortar relações abusivas, realizar mudanças radicais na vida, engajar-se em militância política ou na criação artística. Gritar, neste contexto, é uma forma de resistir e de tentar mudar as estruturas que oprimem,

de forma coletiva.

Nesse sentido, é importante reconhecer o trabalho que os movimentos feministas vêm exercendo para alterar gradualmente a realidade das mulheres, por meio de leis e políticas públicas que resguardecem a integridade das mães e valorizem social e economicamente seus trabalhos de cuidado e manutenção da vida (Federici, 2018; Beauvoir, 2004).

Quando Mierle Laderman Ukeles lança, em seu *Manifesto for Maintenance Art, 1969!*, a pergunta "Depois da revolução, quem vai recolher o lixo na segunda-feira?", o que ecoa não é apenas uma provocação, mas a revelação de tudo aquilo que se mantém fora dos holofotes: o trabalho de cuidado, a engrenagem silenciosa que sustenta a vida. O manifesto nasce da própria experiência da artista, que ao se tornar mãe percebeu como gestos diários – cozinhar, limpar, criar filhos, manter a ordem mínima do mundo – eram descartados da esfera da arte e invisibilizados no espaço social.

Ao propor que esses gestos também possam ser arte, Ukeles desarma a separação entre criação e manutenção, entre o "grande ato" e a rotina repetida. O que normalmente seria visto como resto, sobra ou tarefa secundária, torna-se em sua escrita a própria condição de continuidade da vida. A pergunta sobre "quem vai recolher o lixo" revela a fissura entre os momentos de ruptura e espetáculo e aquilo que, inevitavelmente, nos chama de volta ao chão: alguém sempre precisa limpar, cuidar, garantir que o cotidiano não desmorone.

Nesse deslocamento, a arte deixa de ser apenas monumento ou obra singular para se abrir a uma estética da repetição, da rotina, do invisível – uma arte do cuidado. Ukeles nos lembra que manter também é criar, e que a manutenção é tão política e transformadora quanto qualquer gesto de invenção. Assim, seu manifesto abre caminho para pensarmos arte, maternidade e feminismo não a partir do que se acumula em museus, mas a partir

daquilo que sustenta a vida todos os dias, nos espaços historicamente relegados às mulheres e desvalorizados pelo olhar patriarcal-capitalista.

Enquanto mulher branca, classe-média, eu digo que não sentia o machismo me paralisando, até virar mãe. Nesse momento, julgamentos sem fim, portas de trabalho que se fecham, cerceamento da liberdade de ir e vir no espaço público estando com uma criança, dificuldades financeiras. Esse impedimento acontecia inclusive no meu próprio corpo, quando este era tomado pela criança: o ventre, o peito, os hormônios. Já não tinha direito ao meu tempo, ao meu sono. Todo o meu corpo era proclamado pela criança, o tempo inteiro. A boa mãe, perante à sociedade, é essa que tem o corpo totalmente disponível à criança. O contrário disso: a mãe insuficiente, egoísta, ruim.

Aqui gostaríamos de trabalhar com a definição de Winnicott (1975), que propõe o conceito de "mãe suficientemente boa" para descrever uma mãe que não precisa ser perfeita, mas que responde de forma sensível e adequada às necessidades da criança. Essa presença materna proporciona segurança emocional, permitindo à criança experimentar limites, frustrações e desenvolver autonomia, construindo uma base sólida para seu desenvolvimento psíquico saudável. Em *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, Elisabeth Badinter desafia a ideia de que o amor materno é um instinto natural e universal das mulheres. A autora argumenta que esse amor é, na verdade, uma construção social que surgiu entre os séculos XVII e XVIII, impulsionada por mudanças culturais, religiosas e científicas. Antes disso, as mães eram vistas como figuras secundárias na educação dos filhos, com pouca participação emocional. A maternidade, portanto, não é uma vocação inata, mas uma função atribuída e moldada historicamente. Badinter analisa como essa construção do amor materno serviu para reforçar o papel submisso da mulher na sociedade patriarcal, limitando sua liberdade e identidade.

Falar de maternagem é destacar a natureza ativa da maternidade: uma medida importante, dada a visão tradicional da cultura ocidental de que a mãe é passiva e impotente. É também pavimentar o caminho para um entendimento do comportamento da mãe como performativo e potencialmente subversivo (Jeremiah, 2006, p. 21 [tradução livre])

O trecho de Emily Jeremiah coloca a maternidade como um ato performativo, destacando que o comportamento materno não é simplesmente passivo ou natural, mas ativo, criativo e potencialmente subversivo. Falar de maternidade e maternagem é reconhecer duas dimensões distintas, ainda que profundamente entrelaçadas. A maternidade remete ao estatuto social e biológico de ser mãe, historicamente carregado de obrigações e naturalizações – como mostrou Elisabeth Badinter (1985), ao revelar que o chamado "instinto materno" é, na verdade, uma construção cultural. Já a maternagem, termo que emerge da psicanálise de Winnicott (1975) e que vem sendo retomado por autoras feministas contemporâneas como Emily Jeremiah (2006), aponta para a prática do cuidado: alimentar, acolher, sustentar, criar vínculos. Trata-se de um gesto ativo, performativo e até subversivo, na medida em que desloca a maternidade de um destino biológico para uma experiência relacional, que pode ser exercida por diferentes sujeitos. Assim, enquanto a maternidade fala da condição de mãe, a maternagem nos conduz ao fazer cotidiano que sustenta a vida.

Essa perspectiva dialoga de forma interessante com as "Performances do Tempo Espiral: Poéticas do Corpo-Tela", de Leda Maria Martins, que propõe compreender o corpo como um espaço de inscrição, ação e memória, atravessado por temporalidades, histórias e relações sociais. Assim como a maternidade performativa de Jeremiah desloca o lugar da mãe da passividade para a ação criativa, Martins nos lembra que o corpo – em suas práticas artísticas ou cotidianas – se constitui como um campo de performance e de resistência.

Em outras palavras, podemos pensar a maternidade como uma forma de performance do corpo cotidiano: os gestos de cuidado, os ritmos da vida doméstica, as práticas de atenção e afeto se tornam "movimentos performativos" que inscrevem sentidos, atravessam estruturas sociais e produzem conhecimento, assim como o corpo-tela que Martins analisa. A maternidade, assim, pode ser lida como prática estética e política, onde o cuidado, a repetição e a presença se transformam em uma forma de resistência silenciosa e criativa.

bell hooks dedica uma parte importante de sua obra a pensar o amor como prática ética, política e transformadora. Para ela, o amor não é apenas um sentimento romântico ou privado, mas uma escolha consciente e uma ação que envolve cuidado, afeto, reconhecimento, responsabilidade, respeito, confiança e compromisso. No livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (hooks, 2021), a autora afirma que o amor deve ser compreendido como uma prática capaz de sustentar relações mais justas e saudáveis, tanto no campo íntimo quanto no social. Amar, nesse sentido, não é apenas desejar, mas agir de forma a nutrir o crescimento espiritual próprio e do outro. hooks também critica como o patriarcado e o capitalismo reduzem o amor à posse, ao desejo ou à romantização, esvaziando seu potencial revolucionário. Para ela, o amor verdadeiro exige honestidade e responsabilidade; é um ato político porque desafia sistemas de opressão e nos convida a construir comunidades mais solidárias.

Feita esta introdução, passando por algumas referências que sustentam o solo em que piso, trago agora e para finalizar, a autora e artista Rosana Paulino, que se propõe a pensar sobre a criação artística e a escrita acadêmica. Em sua tese de doutoramento *Imagens de Sombras*, mais precisamente no primeiro capítulo, chamado *Afinal, qual é o lugar do texto nessa pesquisa? ou Da necessidade de se pensar critérios diferenciados para o texto em Poéticas Visuais*, Paulino relata como, durante a pós-graduação, procurou se aproximar do chamado texto

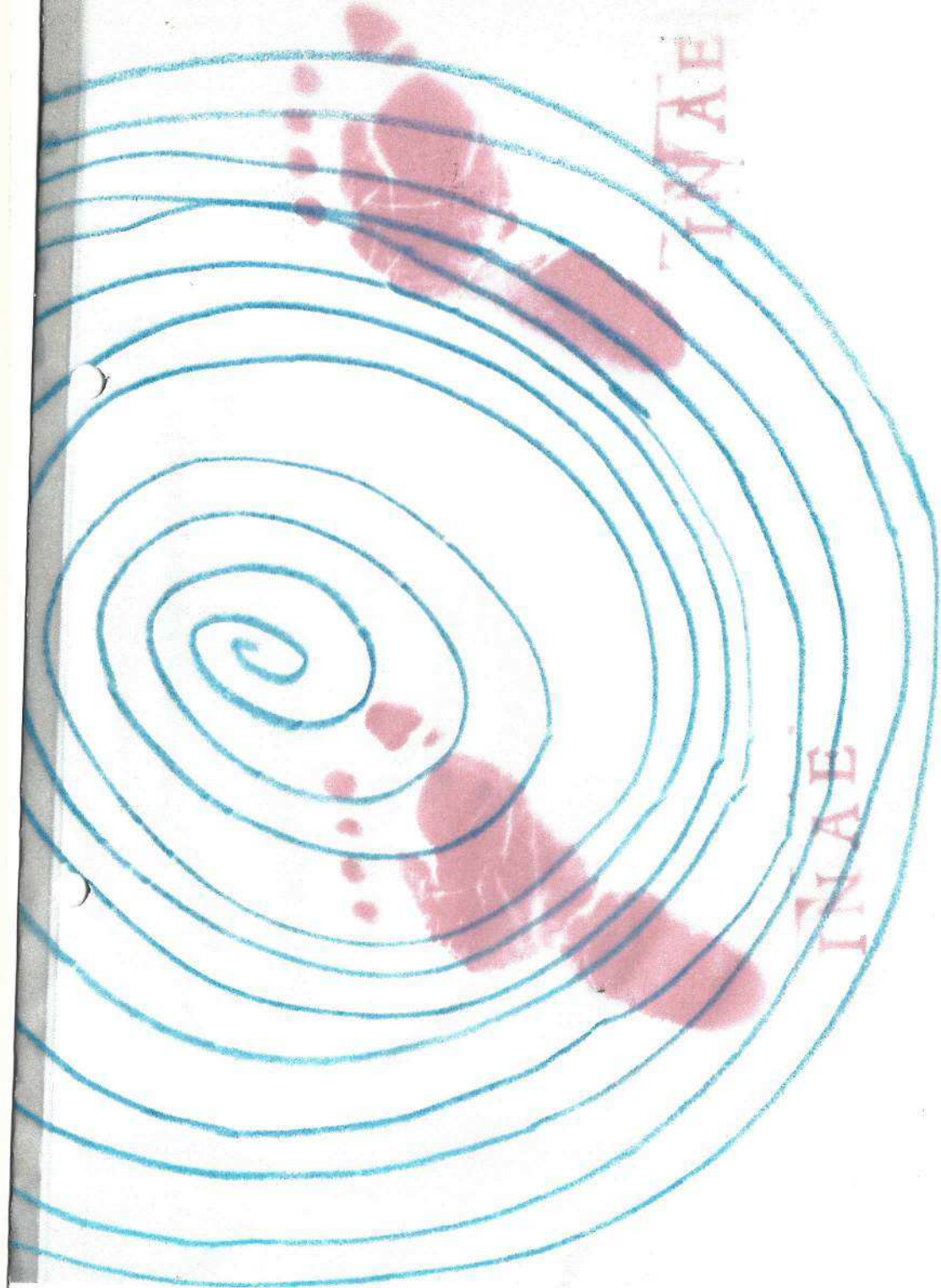
de artista, uma vez que:

"não existiam parâmetros claros que pudessem ser úteis para a realização do texto a ser apresentado juntamente com o trabalho plástico desenvolvido, parecendo mesmo existir uma grande confusão sobre como e o que escrever" (Paulino, 2011, p. 7).

Rosana Paulino analisa obras e escritos de artistas que refletiram sobre seus processos criativos, mostrando que esses textos cumprem funções fundamentais: de um lado, ampliam a compreensão da obra, e de outro, revelam escolhas técnicas que não se limitam a dados objetivos, mas que traduzem a técnica como linguagem de pensamento, como expressão de uma intenção que se materializa na obra. A autora observa ainda que definir o que seria o "texto de artista" – não no sentido do trabalho acadêmico formal, mas de registros como cartas, diários, anotações, a exemplo do que produziram artistas como Louise Bourgeois, Iberê Camargo ou Henri Matisse – já constitui uma investigação em si. Esses textos, quando lidos junto às obras, revelam que a palavra escrita não esgota o trabalho, mas o atravessa, trazendo à tona expectativas, condições de vida, dúvidas e motivações que se entrelaçam à criação.

Assim, esse tipo de escrita não busca oferecer uma explicação didática ao observador, mas criar deslocamentos que expandem os significados da obra. Trata-se de uma forma de escrita que acompanha a pesquisa plástica e dá visibilidade ao que move o artista em seu fazer, às tensões entre sentir, pensar e materializar. Para Paulino, esse gesto não é apenas romântico: é também uma das contribuições mais potentes que os textos no campo das Poéticas Visuais podem oferecer, já que ampliam tanto a experiência cognitiva quanto a compreensão estética do trabalho artístico. Nesse sentido, a arte se afirma como campo de produção de conhecimento, e o/a artista, ao refletir criticamente sobre o próprio processo, não apenas elabora novas leituras de sua obra, mas também abre caminhos de interpretação para aqueles que dela se aproximam.

Por fim, este livro-memorial busca reunir e aprofundar no percurso da criação da estudante-artista-mãe-etc em sua trajetória na Licenciatura em Artes Visuais, tendo como pano de fundo todo o contexto social em que vive, as referências aqui citadas, as disciplinas e as trocas incessantes com docentes e discentes do curso, o trabalho de prestação de serviços em fotografia e outras formas que uma artista cria para bancar a si e sua família, as relações familiares, a maternagem. Enfim, a pesquisa em arte, em cuidado, em educação, a múltipla pesquisa e imersão proposta neste relato.



QUEM
CUIDA DE
QUEM CUIDA?



MÚTUA
OBRIGATORIEDADE

NÃO DÁ +

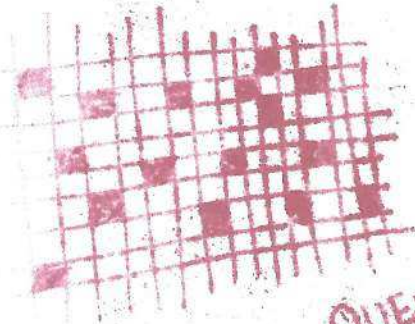


O
PESSOAL
É
POLÍTICO



FACILITA
PRA MÃE

COTA PRA MÃES



QUEM SE
IMPORTA?

LEVEZA

NÃO TÔ
DANDO
CONTA

O PESSOAL
É POLÍTICO

COTA
PRA
MÃES

COTA
PRA
MÃES

FACILITA

POXA

CANSEI
DE
TANTAS
NEGATIVAS

SER
MÃE
SOLO

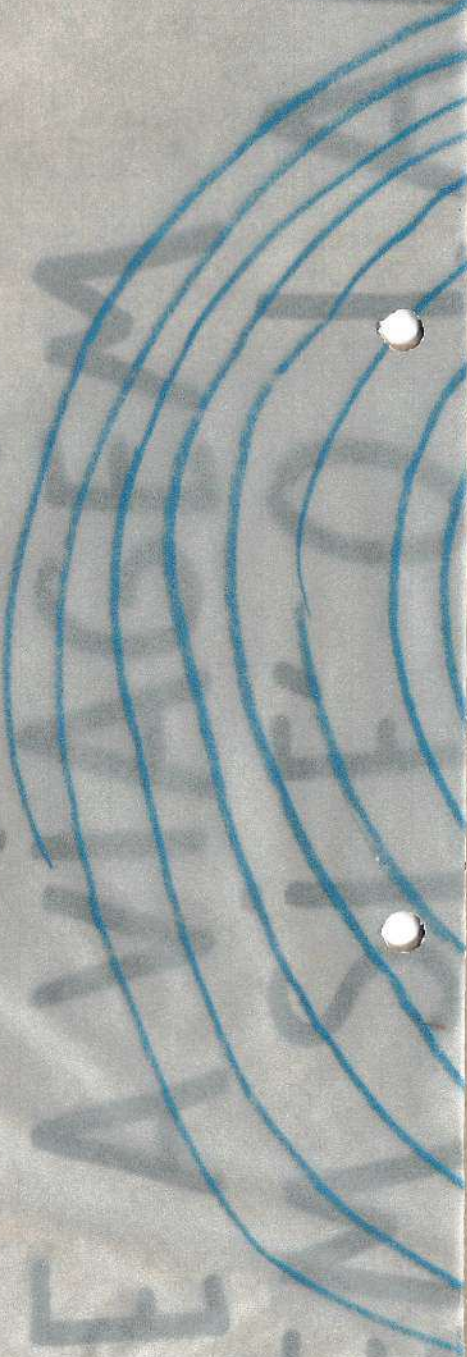


TODO DIA É

UMA VIAGEM

E A VIAGEM

É A VIAGEM



eu deixei a minha criança com os meus pais para ir a outra cidade estudar. passado um tempo, voltei para buscá-la. "mas você vai largar tudo?", me perguntavam eu a procurava e não a encontrava. meus pais haviam levado a criança pro orfanato. fui ao orfanato na companhia de minha mãe.

chegando lá a criança não me abraçou ou demonstrou afeto e saudade. mas me conduziu a um quarto, escuro e distante, onde passamos horas juntas, a desenhar conversar e nos reconhecemos.

a criança não foi embora comigo mas a partir dali, eu voltaria todos os dias, até que ela quisesse estar sempre comigo.

álbum de família

Há sete anos, de forma obsessiva, tenho pesquisado relações de família, território e ancestralidade. A pesquisa se deu início com uma residência artística em Belém do Pará, quando, após anos vivendo no sudeste, iniciei um retorno para o Norte e o ponto de meu nascimento e infância: Porto Velho, Rondônia. Essa pesquisa foi se desenvolvendo de muitas formas: à princípio mais subjetiva e pela experiência do corpo, fui a Portugal guiada pelo movimento da pesquisa em dança, o que afinal resultou em uma gravidez, e entre idas e vindas, me fixei onde hoje vive a maior parte da minha família, onde estão enterrados os meus mortos, o antigo Sertão da Farinha Podre, no triângulo mineiro, "terra fértil", Uberlândia, MG. Daqui vem meus avós maternos Glória e Iaponan, e os avós paternos Olmira e Antônio. Também vivo na companhia de Solange, minha mãe e Inaê, minha filha, com 70 e 4 anos respectivamente.

Quando minha filha nasceu, em 2018, eu vivia um momento de ruptura. Durante os primeiros anos de sua vida, me dediquei intensamente a viver, documentar, elaborar, e criar sobre o processo de dividir-se, multiplicar-se e enlouquecer, que a maternidade pode engatilhar. Nos raros momentos livres que tinha, eu construí um objeto em forma de álbum, onde com muito afinho e obstinação tratei de dar conta daquela experiência fodida que eu estava vivendo. Claro que falhei. O álbum tinha o intuito de abarcar o primeiro ano da menina, o que de fato se cumpriu, porém, não era possível falar daquele ano sem falar de uma mulher que estava vivendo um processo de puerpério e luto de sua vida anterior, tampouco era possível falar daquele ano sem falar do infinito e infindável (nome do último capítulo do álbum) processo de tornar-se ancestral.



frame vídeo em stop-motion do álbum e qr-code para acessá-lo; ou
<https://www.youtube.com/watch?v=K8htdNQGKkk>

Eu via esse projeto como o cerne, a espinha dorsal da minha pesquisa em artes. Dele, muitos outros projetos, pesquisas e obras já nasceram. É pra onde sempre volto. O álbum conta (inventa?) uma narrativa, tem seu valor literário, se debruça nas imagens fotográficas e seus arquivos, pode também conter outros objetos, fios de cabelo, cartas etc. Ao me demorar sobre o álbum (prático e teórico), me dava conta do quanto a família e suas relações também são formadas por performances e ficções. Nesse momento, me interessa transformar o Álbum de Família em um projeto audiovisual.

Percebo que o álbum, que é um objeto/livro de artista/peça única dedicada à minha filha, não pode dessa forma alcançar outras pessoas, e é justamente nesse ponto que senti a necessidade de expandir esta pesquisa para outras linguagens.

Penso em como transmidializar o álbum de família. Tenho o álbum pronto em minhas mãos e a pesquisa prática de haver me tornado mãe e me dedicado à criação do álbum está feita. Como transpor esse projeto para o audiovisual? Como criar diálogo com outras mães (e não só) estando fisicamente distantes? Como transpor a invisibilidade do trabalho materno, superá-lo e criar algo a partir disso, que vá além do documental? Como agregar a escrita, que é parte muito significativa do meu processo artístico, para compor com o álbum? O álbum carrega em si muitas camadas, e o audiovisual também possui essa característica de poder confluir vários tipos de mídia.

O projeto se inicia com um mergulho no arquivo: reuni o material fotográfico que tenho em alta qualidade do álbum, bem como vídeos e fotografias do meu arquivo pessoal recente, e a reunião e re-leituras de textos escritos por mim nesse período. A partir disso, editei, montei, recortei, tratei de fazer sentido (assim como foi feito com o álbum físico) na timeline do tempo do audiovisual. Mergulhar nesse processo me custa, é como reviver um momento forte, delicado, vulnerável, intenso e visceral da vida de uma mulher e uma criança: o nascimento de um filho e de uma mãe. Há, porém, uma parte da pesquisa que ainda está por vir. E só pode ser realizada neste território específico: as pessoas que vieram antes de mim. Como se o passado estivesse em vias de ser criado e imaginado. O fio da vida que conecta as gerações: avó, mãe e filha. Tanto me debrucei sobre a minha filha e o meu tornar-me mãe, que quis também olhar pra trás, entendendo minhas relações ancestrais.

Por fim, Interessa-me pensar o álbum de família e suas relações diante da tensão entre testemunho e fabulação, construção social e performance. Menos um livro que conta a história absoluta de uma família, mas uma organização narrativa e poética que pode nascer desse lugar pulsante que são as relações, a família e a ancestralidade.

O Álbum visa dar protagonismo a narrativas e visualidades íntimas e domésticas, contrapondo-se às narrativas hegemônicas e totalizantes que frequentemente moldam nossa percepção do mundo. O álbum de família é um tesouro que conta histórias através de fotografias e objetos. Nele, encontramos cartões, avisos, recortes de jornais e relíquias que se transformam em elos entre gerações, um testemunho tangível de nossas jornadas pessoais e familiares. O álbum não é apenas um registro visual; é, literalmente, um pedaço de nossos corpos, revelando os modos e circunstâncias em que a família e cada um de nós se mostram na fotografia e são arquivados.

As imagens do álbum desvendam a intimidade de uma família e, por extensão, de toda uma sociedade. Elas revelam ritos, fetiches, posses, paixões e segredos, lançando luz sobre a complexidade da experiência humana. No entanto, os avanços das novas tecnologias transformaram a maneira como arquivamos memórias e até mesmo redefiniram o conceito de família. Nossas vidas são agora registradas em um mundo virtual de imagens, onde os membros se agregam e participam de "álbuns digitais" disponíveis na web. Essa mudança fundamental tem implicações profundas para a nossa compreensão da intimidade, da memória e da própria identidade. A maternidade, a primeira infância e o álbum de família estão frequentemente confinados ao âmbito doméstico e pertencem ao "universo das mulheres".

Este projeto tem como objetivo dialogar sobre aspectos da vida doméstica e privada, abordando temas que precisam ser discutidos em uma esfera mais ampla. A desromantização do trabalho exaustivo do cuidado é essencial para promover uma sociedade mais justa e igualitária. Através do trabalho audiovisual, pretendia-se lançar um olhar crítico e sensível sobre as complexas dinâmicas que cercam a maternidade, a intimidade familiar e o papel das mulheres, contribuindo para uma maior compreensão e conscientização em relação a essas questões profundas.

Demorei 4 anos pra finalizar o álbum de 1 ano da criança, e 7 anos pra finalizar o audiovisual. Quando eu tentava me aproximar dele, a fim de finalizá-lo, ele fugia de mim e virava um outro trabalho. Um recorte dele, uma extensão dele, algo novo. Consegui, em 2025, finalizá-lo via editais de fomento, como o PMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia/MG) e a Lei Paulo Gustavo, do Estado de Minas Gerais. Antes disso, participei do BDMG Lab Cultural, uma espécie de residência online, em que um grupo de artistas tinha acompanhamento e tutorias de Aline Motta, Gil Amâncio, Dione Carlos e Ricardo Aleixo. As tutorias precisas e cuidadosas, assim como os apontamentos do colegas, foram uma base pra que eu pudesse seguir com o projeto. Mas sempre me frustrava por não finalizá-lo. Algum tempo depois, consigo finalizar uma versão, um corte, um recorte do processo. Não adentrei, no entanto, ao passado, como foi proposta a princípio.

Tive muitos problemas ao acessar o material de vídeo captado em 2018, quando registrei o primeiro ano de vida da minha filha. O HD que armazenava esses registros foi danificado e não consegui recuperar o conteúdo. Tenho um arquivo grande, duplicado e bem organizado, mas justamente esse material falhou. Em contrapartida, imprimi muitas imagens dos primeiros anos de vida dela para compor o álbum físico e, assim, acabei me voltando ao material analógico que possuía — o que, certamente, seria suficiente para realizar longas-metragens, publicações e o que mais eu quisesse. Tenho a sensação de que hoje poderia produzir apenas com meu arquivo, sem precisar criar nenhuma nova imagem. Mantive uma espécie de álbum online em plataforma hotglue:



albumdefamilia.hotglue.me ou via qr code

Escrevi muitas páginas, mantive cadernos, diários, anotações, poemas, etc. Gostaria, em algum momento, de organizar alguns textos para publicação. Usei alguns desses textos como recurso narrativo no vídeo, em voz off. O filme incorporou recursos de acessibilidade, como intérprete de Libras, audiodescrição, tradução e legendas em português, espanhol e inglês, garantindo sua fruição por um público mais amplo. Tivemos um lançamento em Uberlândia, e também online, que contou com uma roda de conversa. E produzi um zine com as páginas do álbum e alguns postais, que servem como divulgação e material impresso sobre o vídeo. Por meio da exibição do filme e da realização de rodas de conversa, foi criado espaços de troca e reflexão sobre maternidade, audiovisual, entre outros. Assim, o álbum de família se expandiu em diferentes linguagens — do manual ao audiovisual e ao impresso — alcançando um público diverso, promovendo reflexões sobre experiências íntimas e familiares e incentivando diálogos sobre maternidade e ancestralidade em uma perspectiva ampla e acessível.

Entre as principais referências teóricas que embasam esta pesquisa estão o livro Álbum de Família: a imagem de nós mesmos, de Armando Silva, que discute as possibilidades narrativas e simbólicas do álbum como objeto de memória e identidade, e Metagenealogia, de Alejandro Jodorowsky e Marianne Costa, que propõe uma reflexão sobre ancestralidade, herança afetiva e reconstrução das histórias familiares. No campo visual, destaco obras que dialogam diretamente com a poética do projeto: o filme Elena, da cineasta brasileira Petra Costa, e a produção artística e cinematográfica de Aline Motta, ambas marcadas por um mergulho sensível nas relações entre memória, intimidade e arquivo. Além delas, encontro grande força nas práticas de artistas mulheres modernas e contemporâneas, especialmente brasileiras, como Celeida Tostes e Anna Maria Maiolino, que expandem os limites entre corpo, materialidade e experiência. Também me inspiro em filmes que abordam a memória de modo experimental e poético, como Otto, de Cao Guimarães, e na produção diarística e íntima do cineasta lituano Jonas Mekas. Por fim, os curtas e médias-metragens da cineasta japonesa Naomi Kawase acrescentam uma dimensão sensível ao tempo, à vida cotidiana e às relações familiares, fortalecendo a tessitura de referências que atravessam este trabalho.

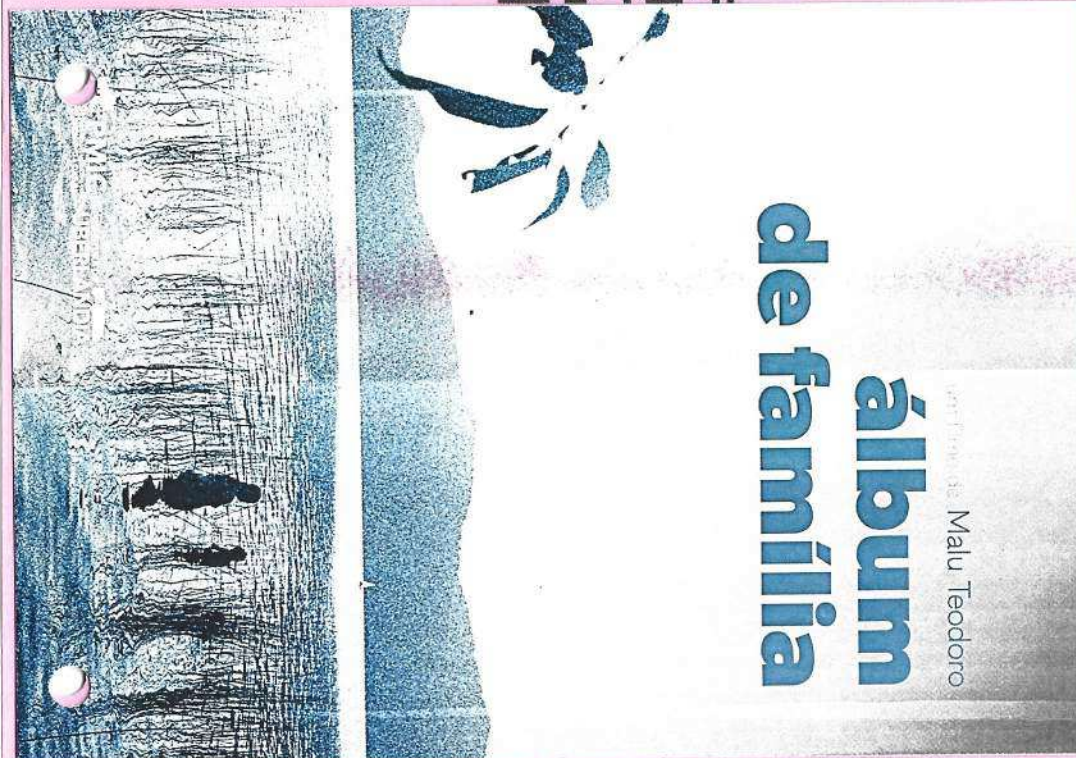
Finalizar o filme envolveu longas horas de edição e montagem, articulando um vasto arquivo e documentação, mergulhos difíceis de conciliar com a vida materna, que a todo momento é interrompida. A montagem audiovisual me demanda um atenção diferente. Tive o álbum físico como apoio, que funcionou como guia e roteiro para a narrativa audiovisual. Cada página do álbum foi digitalizada, e a partir dessas imagens o filme foi construído, incorporando movimentos de câmera, narrações, vídeos, voz off, sons, música e outros recursos próprios da linguagem audiovisual.

O álbum se encontra na intersecção de diversas linguagens artísticas – fotografia, artes visuais, literatura – e sua adaptação/tradução para o audiovisual, que também permite integrar essas múltiplas linguagens, era o desafio.

A estrutura narrativa do filme seguiu a divisão em capítulos do álbum: o Capítulo 1, que trata da introdução, gravidez, apaixonamento e definições; o Capítulo 2, que aborda a mudança para um novo continente, casa, casamento, parto e puerpério; e o Capítulo 3, intitulado o infinito e infindável, que explora pesquisa, registros de família e ancestralidade. Os dois primeiros capítulos se baseiam no material já presente no álbum físico e na pesquisa de arquivo, enquanto o terceiro aprofunda-se nas histórias familiares e na ancestralidade, refletindo sobre descendências e ascendências que se entrelaçam com a história da humanidade.

Embora a narrativa seja centrada em uma experiência pessoal, ela busca estabelecer uma ressonância universal, apresentando a história de um indivíduo de forma a dialogar com outras realidades e trajetórias, criando um espaço de identificação e reflexão compartilhada.

O processo de criar o álbum e o filme do álbum foi dolorosamente íntimo. Assistir ao filme ainda é um pouco desconfortável para mim, como acontece com obras nas quais sinto que me exponho demais. Ainda é tudo muito recente; pode ser que, com o tempo, isso mude. Ou não – e tudo bem também. Talvez ele realmente pertença apenas a mim e à minha filha, e algumas coisas não sejam para compartilhar, pelo menos não dessa forma. Não sei.



Filme sonora original: Thiago Fontes
Mixagem de som: Lucas Vidal
Acompanhamento crítico: Cecília Borges
Comunicação: Mariana Sassine
Design gráfico: João Luz
Impressões offset: Gráfica Cortes
Intérprete de Libras: Kelly Assis
Áudiodescrição: Anita Rezende
Tradução e legendas: Chrystal Caratta
Edição de acessibilidades: Ana Moraes

Finalizar o filme envolveu longas horas de edição e montagem, articulando um vasto arquivo e documentação, mergulhos difíceis de conciliar com a vida materna, que a todo momento é interrompida. A montagem audiovisual me demanda um atenção diferente. Tive o álbum físico como apoio, que funcionou como guia e roteiro para a narrativa audiovisual. Cada página do álbum foi digitalizada, e a partir dessas imagens o filme foi construído, incorporando movimentos de câmera, narrações, vídeos, voz off, sons, música e outros recursos próprios da

íntimo. Assistir ao filme ainda é um pouco desconfortável para mim, como acontece com obras nas quais sinto que me exponho demais. Ainda é tudo muito recente; pode ser que, com o tempo, isso mude. Ou não — e tudo bem também. Talvez ele realmente pertença apenas a mim e à minha filha, e algumas coisas não sejam para compartilhar, pelo menos não dessa forma. Não sei.



<https://www.youtube.com/watch?v=f1kHc6t-WoQ>

Álbum de família, de Malu Teodoro (2025).

Álbum de Família é um mergulho íntimo e sensível nos primeiros anos de vida de uma filha e na transformação de uma mulher em mãe. Através de um vídeo de 16 minutos, o filme traduz audiovisualmente um álbum de fotografias feito à mão e com obsessão durante esse período de descobertas, desafios e mudanças. Em sua essência, a obra aborda a profundidade da experiência materna, o caos e os colapsos internos que surgem com a tentativa de moldar uma nova estrutura familiar. Através dessa jornada, o filme revela o ponto de fragilidade onde o amor se mistura com o colapso, e onde o fracasso se torna, paradoxalmente, uma parte essencial da construção da família.

O projeto álbum de família: performance e ficção foi realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo de Minas Gerais, e finalizado em Maio de 2025.

Ficha técnica

Roteiro e direção: Malu Teodoro

Produção executiva: Vanesa Maciel

Preparação de corpo e voz: Fernanda Bevilacqua

Edição e finalização: O sopro do tempo e Malu Teodoro

Narração: Inaê, Malu Teodoro e Rodrigo Usba

Trilha sonora original: Thiago Fontes

Mixagem de som: Lucas Vidal

Acompanhamento crítico: Cecília Borges

Comunicação: Mariana Sassine

Design gráfico: João Luz

Impressões offset: Gráfica Cortes

Intérprete de Libras: Kelly Assis

Áudiodescrição: Anita Rezende

Tradução e legendas: Chrystal Caratta

Edição de acessibilidades: Ana Moraes

Álbum de Família como uma revisão de si, por Cecília Borges

Álbum de Família, de Malu Teodoro, apresenta seu processo de maternidade, deslocando o discurso romantizado para um espaço de vulnerabilidade e reconstrução subjetiva.

A artista, ao criar uma narrativa audiovisual do álbum de sua gestação e puerpério, acessa camadas da experiência materna, expondo o caos emocional comum à tentativa de moldar uma nova configuração de si e de família. Nesse gesto, transforma paisagens geográficas e familiares em um mesmo espaço de conflitos e ambivalências.

Essa obra encontra eco na grande interrogação sobre a idealização da mulher-mãe como pilar do lar. Me vem Adrienne Rich quando em *Of Woman Born*, distingue a maternidade institucionalizada – um aparato que mantém as mulheres em posição subordinada – da experiência materna em si, rica e contraditória. No território estético de Malu Teodoro, ouvimos sobre o entrelaçamento entre o afeto e a perda de identidade.

A conversa da artista Malu Teodoro parece convocar também Anna Maria Maiolino e suas esculturas em barro. Malu borda, cola, pinta e escreve como se precisasse da materialidade dos afetos para falar das dores silenciadas. Esse gestual insistente sinaliza a persistência do corpo e da memória em atravessar e transformar esse espaço.

Quando Miriam Bäckström era criança, seus pais a usavam como terapeuta para o relacionamento deles. Hoje, a artista sueca considera que “lares são assustadores”. Seu local de trabalho, uma “imitação de um lar” em uma antiga mansão, é parte do seu trabalho que aborda as dinâmicas familiares a partir de encenações fotográficas. Quando a artista Malu Teodoro anuncia que o álbum é “fake, falso, fingido”, parece que temos uma pista sobre o que está entre a sobreposição de sorrisos e cenas alegres que ocupam páginas e páginas.

Comparo a personagem “Malu grávida” com uma atriz. Não saber quem você é e, ao mesmo tempo, carregar todos os personagens dentro de si. O que está sendo encenado no álbum em movimento? Talvez sejam espaços íntimos e cotidianos que escondem uma opressão latente debaixo do tapete – e talvez isso seja a maternidade.

Ao invés de ocultar o fracasso, Malu o eleva como parte constitutiva da construção familiar – seja essa família qual for. O álbum também se abre para novas formas e reposiciona a maternidade no centro de uma discussão sobre identidade e afeto.



WINANT, Carmen. *My Birth*. 2018. Instalação composta por 3.059 imagens encontradas e impressões fotográficas, aplicadas com fita adesiva. MoMA, NY.

Obsessão (substantivo feminino) motivação irresistível para realizar um ato irracional; compulsão. apego exagerado a um sentimento ou a uma ideia desarrazoada.

Um tema ocupa tanto uma cabeça – e uma vida!, que na melhor das hipóteses, transborda em repetições obstinadas, como um loop sem fim de fazimento da mesma coisa, ou coisa parecida. Imagens do mesmo tema, recortadas, coladas lado a lado, com a mesma fita azul ocupam toda uma parede de uma grande galeria. A artista vive essas imagens, tem loucura por elas, busca por elas. Sonha com elas? Fotografias & manualidades: juntas. Satisfação deve ser ver essas imagens saírem do pensamento e ocuparem fisicamente um espaço. Fazer fazer fazer, até que se esgote. Intensidade, monotema, fadiga necessária. Imagens de parto doméstico, mães, bebês, cuidado, medo, afeto, lágrimas, corpo.

“Com a força de suas mãos dilaceradas você apenas abria um caminho” -- Torto Arado, Itamar Vieira Jr.

Um caminho como um corredor de uma galeria, um canal por onde todos que ousam nascer precisam cruzar. O único caminho possível para se adentrar a vida. A mão que cuida (ama), que alimenta, que embala – todo dia; a mesma mão que obstinadamente busca imagem da travessia, recorta, coleciona, rasga pedaço de fita, cola – três mil vezes, pelo menos. A mão que produz, o corpo que molda. Tirar da cabeça: escorrer pelas mãos: caminho de cura.

Escrito com o grupo de pesquisa Arte e Feminismos em 2025.

MALU TEODORO / 07.10.2021

ÁLBUM DE FAMÍLIA: O ESTADO DAS COISAS

álbum de família

fotografia

maluteodoro

performance

vejo o álbum feito há três anos e me parece outra vida, outro eu, tão distante. acesso muitos sentimentos confusos ao fazê-lo.

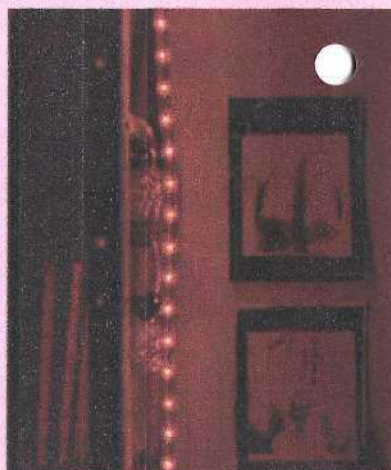
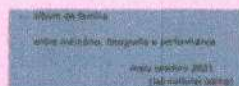
talvez evitando olhar diretamente pra essas memórias, hoje virtualmente e obstinadamente (assim com naquele outro momento), construo outro álbum,

o estados das coisas, hoje:

<https://albumdefamilia.hotglue.me/>

irei proximoamente falar sobre algo como um diário de bordo sobre esse processo, compartilhar o que do meu caderno de percurso, por onde tenho passado, o que tem me afetado e como o lab tem me feito revirar tantas coisas. por ora, me atendo às imagens disso que intensamente vivo e descubro todos os dias, a tal *família*.

montar esse álbum virtual soa como uma catalogação de repetições. pq fotografei tantas vezes minha filha dormindo? que corpo mãe é esse? as nossas selfies e as fotografias que minha filha faz. fotoperformances domésticas. compartilho aqui algumas "páginas" desse novo álbum:



MALU TEODORO / 29.10.2021

ÁLBUM DE FAMÍLIA: LIVRO DE PERCURSOS

álbum de família

maternidade

processos

passos práticos:

organizar o arquivo bruto // um computador eficiente para trabalhar as edições // im; às mãos o álbum, o projeto, cadernos e processos // ler o livro álbum de família // cr imagens da vida rotina diária // gravar áudios // anna karenina // mãe monstrinha hh / vó, djamila // ler o diário que escrevi pra filha no primeiro ano (que nunca mais abri)

denso & íntimo x leve & compartilhados/compartilháveis

começar um novo caderno como quem começa um novo dia
fazer uma mudança como quem muda uma planta de vaso
resolver questões como quem joga um dado
conhecer alguém como quem não busca nada

leve

transitar

genealogia materna

gabriela - glória - solange - maria luiza - inaé

[—ligação metafísica—]

[—forte ligação física—]

((

que

14-07-21 aline motta

sonhos intranquitos - angústia - exercício de respiração

a respiração é a rainha do corpo

avó doralice: "a água é uma máquina do tempo"

[ela pede licença]

* síntese *

- provérbios -

avô - força de cura - conflito é fundamento, plurivozes ancestrais!

linhagem & linguagem

crianças avós sábias

ori - cabeça - umbigo

lêda m. martins e a espiral do tempo

segundo		
encontro		
do		ou terceiro
LAB		se contar com a entrevista

falaram os 4 tutores
chorei me emocionei diversas vezes.
tem sido muito emocionante
a questão da ancestralidade, e afrodíspora.
tenho aprendido!
honra e alegria em estar junto.

-a história de meus pais que contei a leopoldo
-entrevistá-los
-família/ rede de apoio/ segura as pontas/ pra rede balançar
-contei para Inaê sobre os sonhos que se sonha dormindo ou acordada
-audiovisual a partir do álbum d'inaê

reunião n.4 com ricardo aleixo
o transe só pode acontecer pela repetição
na repetição instaura a novidade
-> manóel de barros
-> derrida
a escuta do outro
o monstro em kant. (chris tigrá) / monstrosidade
o mais ameaçador é o monstro que não se revela?
os projetos são coletivos ou não serão.

1a pessoa do plural

múltiplas vivências// monstro é o que se mostra// se gre do// lugar de falha
pra aline, a arte é um caminho espiritual. estar vulnerável. se construir pra contar esse segredo. o q
viver? a primeira palavra é o choro.
não existe relação com o outro que não seja *fatal*
<3 onde não há pecado nem perdão : convite do ricardo para o lab <3

É UMA PESQUISA

EM

PERFORMANCE

é uma
performance

de
pesquisa

processos ^ diários
usei o instagram como caminho para alguns trabalhos
cadernos de percursos
álbum ———> audiovisual (ay carajo)
compartilhar o álbum manual e o stop motion
fase digital /
mudança e encontro com os restos, textos
-> focar no "projeto" que é essa transmidialização do álbum
making of do fazer/finalizar do álbum físico
um período na semana para me dedicar ao lab.

auto ficção . biografia ficcional . o que a família quer mostrar . memória e fabulação

23 - 08 encontro com aline
o corpo envergonhado não pode criar
um coração vivo. e. queremos mostrar
coragem : se centrar (a gente sabe o que quer)
a mente uma faca afiada que corta o ar.
dar forma ao ar :: palavra :: contrói e destrói :: materializar
joão nogueira, o poder da criação

-

compartilhar o processo

a arte não se faz com referências/reverências verticais

sem pedestal

guerreiros fazer zigue zague

/\/\/\/\/\/\/\/\/\/\/

o rio também

14-07-21 dione carlos

o amanhã não é o futuro - é um lugar.

escrita - fruição do pensamento / contemplação

r i g o r

"é uma luta constante pra mulher ~~canta~~ contar a sua própria história"

mãe de três ou 4 filhos.

ditadura e escravidão: escreve com raiva e alegria

direito de exercer nossos dons

a voz pública da mulher é muito temida e o endeusamento da escritora suicida.

escrever = responsabilidade = pajelança // atores deuses incorporados

criar os nossos próprios MANIFESTOS

dizer não: dizer sim para mim

todos somos diaspóricos/todos viemos da áfrica/que ancestral quero ser?

criar fissuras no real.

lêda m. martins, ricardo aleixo, beatriz nascimento, a partilha do sensível ranciere.

14-07-21 gil amâncio

a voz das avós; as vozes que escutamos ou deixamos de escutar

som&movimento -> tocar pra dançar

mãe a mestra a que ensinou a dançar com uma pedagogia, a mãe tornou seu corpo andar <3

a cultura da infância, lydia hortêlio

a força da criança e a força da criação do novo mundo

não se separa das idades na capoeira e no congado

14-07-21 ricardo aleixo

lygia pape

canta que o mundo é teu canta que o mundo é teu canta que o mundo é teu canta

canta que o mundo é teu

eu faço arte pq eu faço arte (gratuidade) eu não faço arte para pagar boletos

ancestral, quem vive no meio do tempo

- espiritual e política -

abrir futuro e a responsabilidade de ser ancestral

arte - ética e estética

respiro o comum do mundo

os gestos são linguagens

sacro-ofício, o sagrado nas atividades cotidianas

atividades tradicionais são iniciáticas: tear cozinhar maternar

o contato com o aprendiz obriga o mestre a viver a palavra

fotografar é escutar (a palavra)

nãos se pode pentear uma pessoa quando ela está ausente

edição de vídeo - corte - respiração

afiar

sintético síntese

coragem de adentrar o álbum

entrevistar as tias (desejo meu)

fotografar o tempo

firmar o tempo

firmar a ancestralidade

----- glória -----

|

----- solange -----

|

----- maria -----

|

----- inaê -----

processo criativo :: ou a vida em processo

avanço do projeto x vida pessoal

o cotidiano e as pessoas ao redor

(aleixo)

a poesia não é um luxo (audre lorde)

"suportar a intimidade da auto-investigação"

a vida é radicalmente experimental

criança brincando in can sã vel

eu sou aquela que pode decidir o que fazer/ o que sou. se deixar que o outro decida, não si

a arte que coloca mais questões do que respostas.

álbum de família

REVISITAS

cada vez sou outra a olhar o álbum. olhar o álbum com os olhos daquela que o fez, seria po

romântico de família e maternidade.

conceito de família

de álbum

de representação

de memória

abandono

mulheres que viveram o abandono.
a dor que causa o abandono.
sucumbir e desaparecer.
quando minha filha nasceu, como nunca, me senti tão abandonada.
eu fingia que não. não podia acreditar. comigo não. comigo também não.
abandono.
aconteceu comigo. aconteceu com minha mãe, aconteceu com a minha avó.
falar sobre o abandono e a solidão. da mãe. da mulher.

dias de abandono, elena ferrante
pequena coreografia do adeus, aline bei
copo vazio, natalia timerman

falar do álbum é falar de solidão
desamparo e
abandono.

|
|
|
|
|
|
|
|
|
|

A B I S M O

custa entrar.

que mulheres possam escolher bem como terão seus filhos.

fazer tipo um fichamento, grifos, registros de cada livro lido durante/para a pesquisa.
bell hooks tudo sobre o amor

"inaê nasceu do nosso amor"

a maior frase do álbum, escrita de um lugar de falta. eu me forçava a acreditar que se eu me
mais um pouco para dar amor ele renasceria.

o álbum era um exercício (desesperado) de apesar de tudo encontrar o amor

dione.

quem é a sua mãe antes de ser a sua mãe?

quem sou eu antes de ser mãe?

ou me ater ao que ali está, existe e foi.

planta osibatã

leticia bassit ou eu também não gozei

janaina leite

filme elena

mamaesarada34

mamaesafada34

mãe também é gente.

as fotos do primeiro casamento de minha mãe são todas cortadas, rasgadas, o homem eliminado.
queimado? histórias tristes de abandono e desamparo. hoje olho para o álbum e aquelas fotos do
casamento > para quê servem? álbum como não faz sentido um álbum de uma família que nem existe.

ATAR

FOGO

NO

ÁLBUM

DE

FAMÍLIA

-notas do dia 11 de outubro-

o abandono. palavra que não fazia parte do meu vocabulário, não porque eu não conhecia o abandono,
este na verdade uma sensação bem conhecida, mas por dificuldade de me reconhecer abandonada.
percebi alguns icônicos abandonos em minha vida. (...) mas o abandono dentro da instituição família -
aquele que não só me abandonou mas também a nossa filha. eu não tive culpa apesar de muitas vezes
me culpar, de tanto me culparem. clássico. e isso continua a se perpetuar: laços fortes entre mães e
filhas, e pais ausentes e para sempre infantis e incapazes.

por um tempo, enquanto dona de casa, esposa e nova mãe, estive compromissada com o exercício de
dar sentido àquela experiência que vivia. o álbum ajudou a isto. o álbum era o íntimo exercício de provar
a ela mesma que existia e sobrevivia ali, sobretudo, uma mulher capaz de contar a sua própria história.

além de viver, tem sonhos.

22 de outubro

sinto-me atrasada com o meu projeto. como no parto? tp intenso e expulsivo confuso, não sei bem dizer
quando foi que começou e minha filha nasceu cuspida. penso que eu poderia ter um expulsivo mais
tranquilo (é possível controlar qqr coisa?). estou em trabalho de parto? gestação?

per curso

trauma

diálogo
memória

arquivo

fotografia

performance

VOZ
APROPRIAÇÃO
PERTENCIMENTO
SOCIAL/PESSOAL

ÁLBUM

representação

ORIGEM
MATRIZ
MOTRIZ

Mulheres &
subjetividade

DE
FAMÍLIA

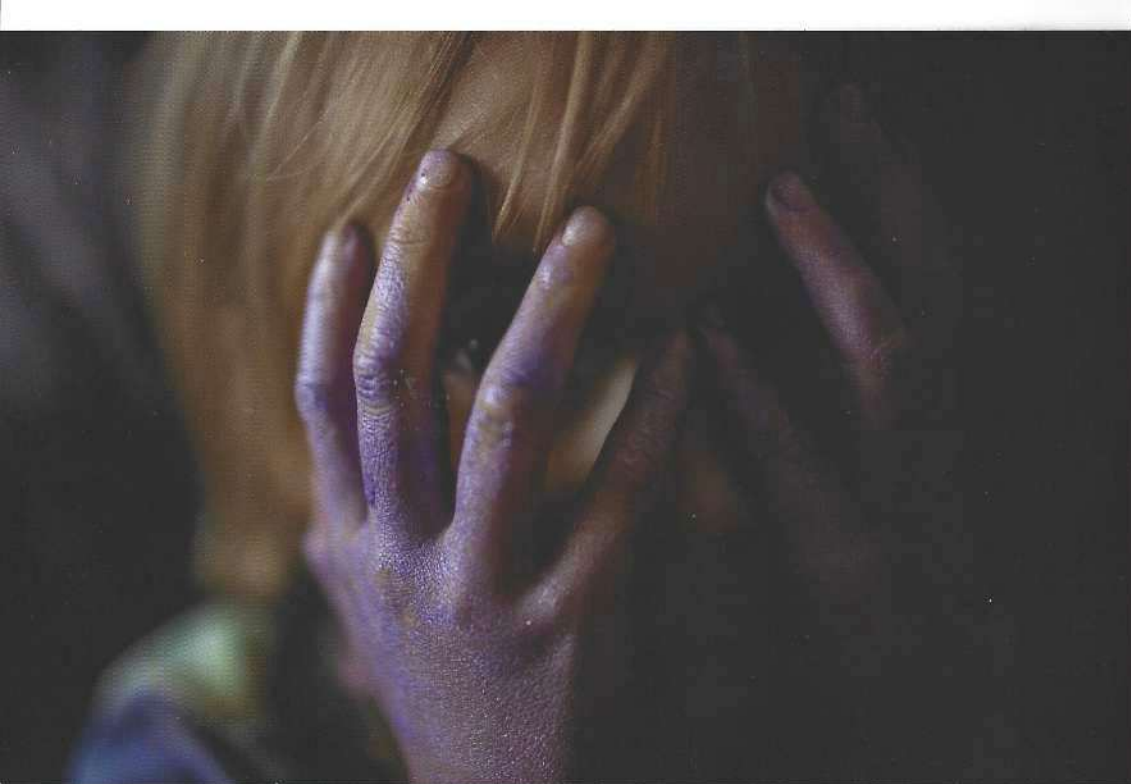
materna-
gem-

Ascendência
&
Descendência

tempo
contínuo
Laboratório
das relações
e emoções

criança





Ara
Minas 2025 ano mineiro das artes

um filme de Malu Teodoro

álbum de família



Minas

GOVERNOS
MUNICIPAIS
ESTADUAIS
E
FEDERAIS

MINAS
GERAIS



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
UNião e Reconstrução

Ara
Minas 2025 ano mineiro das artes

um filme de Malu Teodoro

álbum de família



Minas

GOVERNOS
MUNICIPAIS
ESTADUAIS
E
FEDERAIS

MINAS
GERAIS



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
UNião e Reconstrução

Ara
Minas 2025 ano mineiro das artes



Minas

GOVERNOS
MUNICIPAIS
ESTADUAIS
E
FEDERAIS

MINAS
GERAIS



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
UNião e Reconstrução

GOVERNO FEDERAL
UNião e Reconstrução

MINISTÉRIO DA
CULTURA

LEI
PAULO
GUSTAVO

GOVERNO
ESTADUAL
ESPÍRITO
SANTO

MINAS
GERAIS



CULTURA E
TURISMO

Minas



Minas

CULTURA E TURISMO

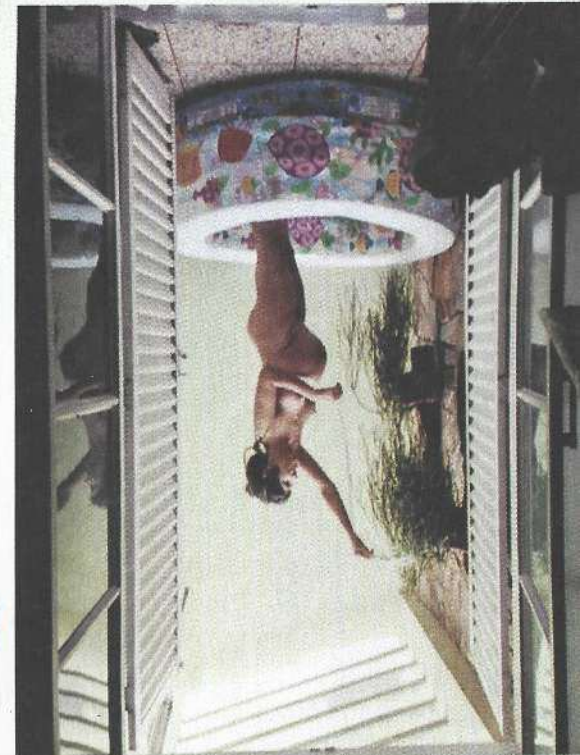


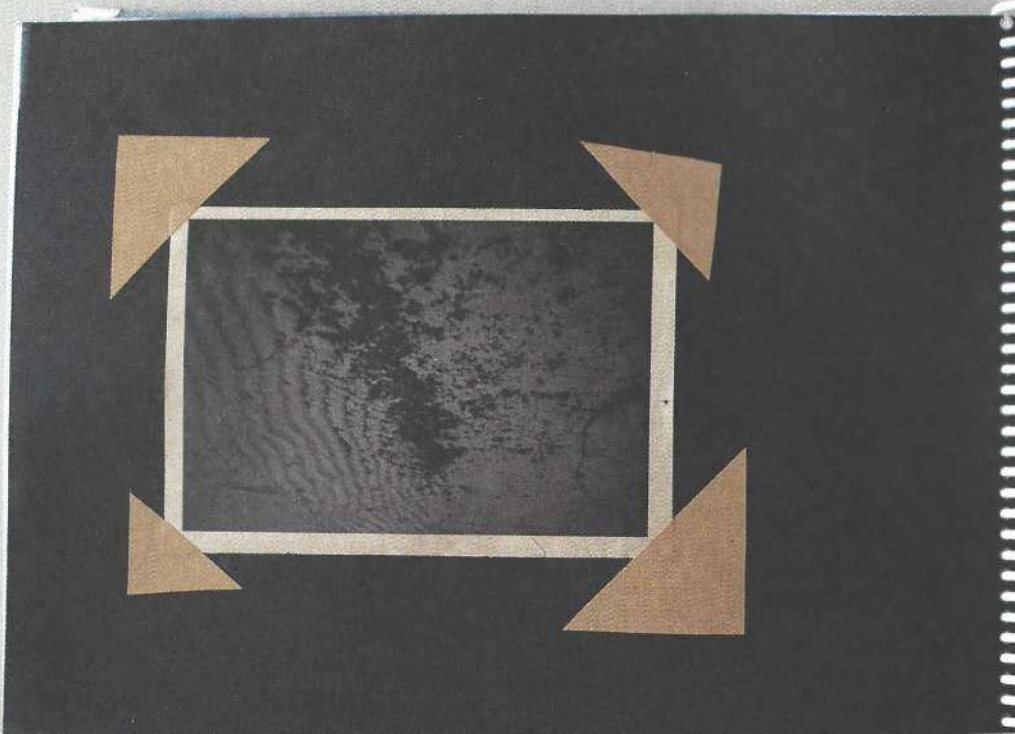
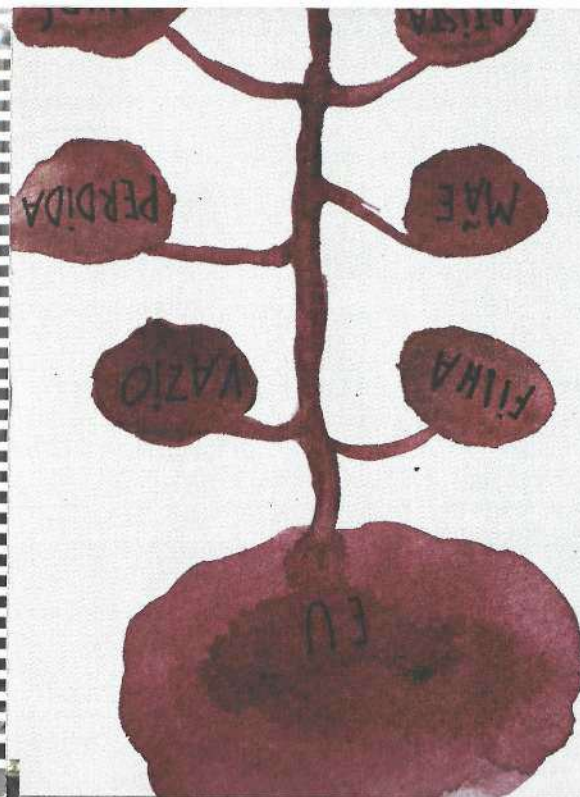
MINAS GERAIS

GOVERNO
DIFERENTE
ESTADO
EFICIENTE



MINISTÉRIO DA CULTURA





em uberlândia, 2017 - 2018

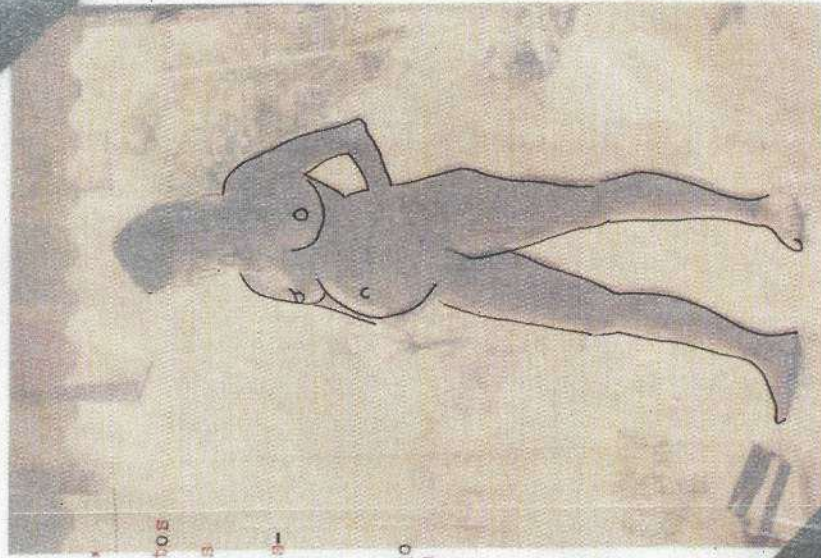
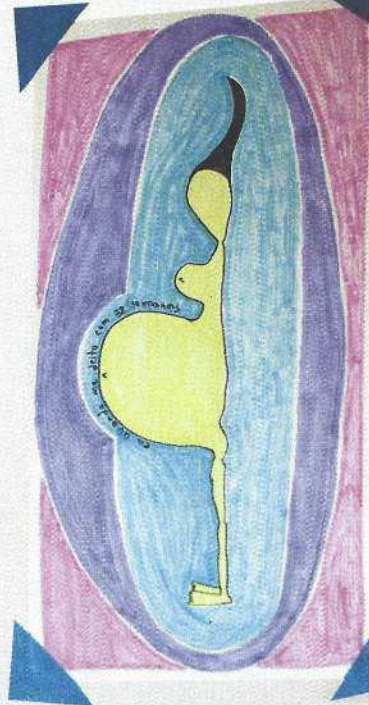
tempo de espera e de incertezas. estávamos na casa de meus pais, buscávamos um canto nosso naquele lugar em que um de nós não gostaria de estar, havia falta, cóvida, meco.

era um tempo de organizar o parto, as roupas, os documentos do casamento, da residência de estrangeiro, carteira de motorista, compramos um carro pela primeira vez em nossas vidas. tudo era novo pra mim, e velho pro pi, xxx.

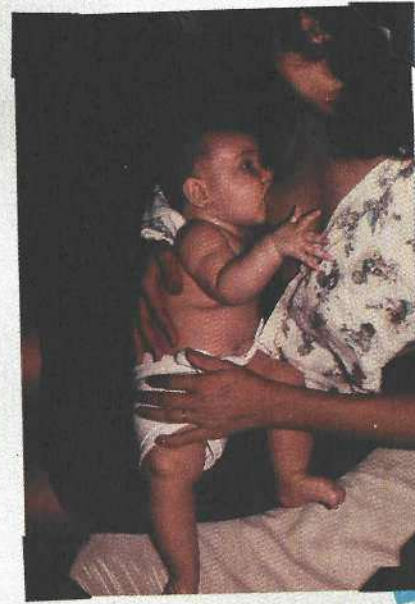
buscar médicos que fizessem o parto que eu gostaria, construir uma rede de apoio, especialmente descartar, estar perto da família, me cuidar, descansar, gestar, parir, nutrir.

olhar pra mim, meus limites, necessidades, confiar. é algo que minha filha, minha experiência com a maternidade tem me perdido. todo dia, a cada dia.

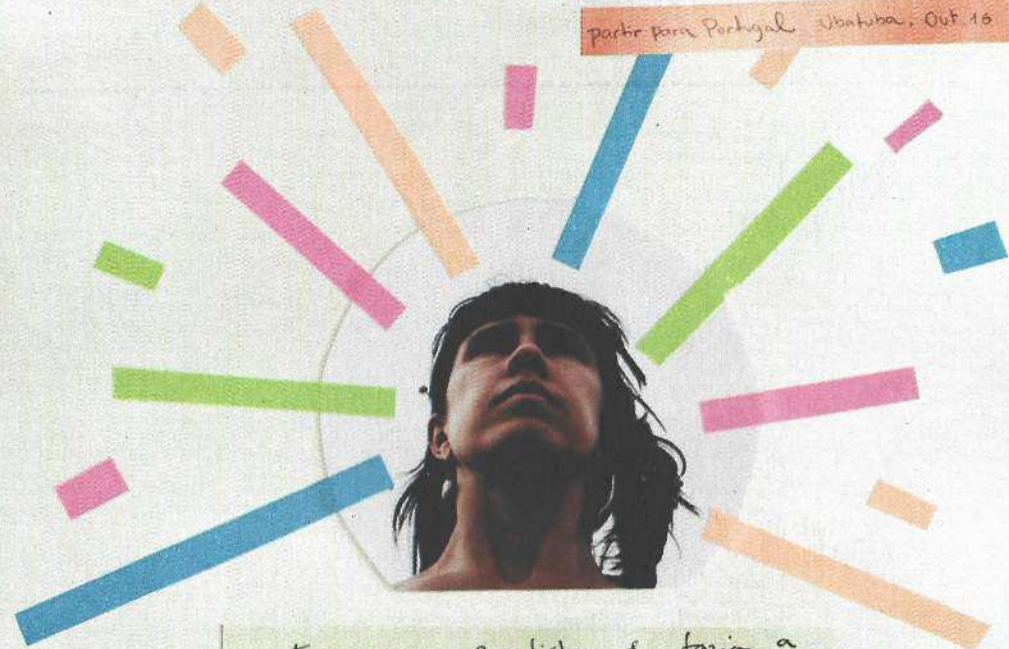
eu só queria estar ali.



Primeira fotografia do meu álbum de criança Maio/87 PORTO VELHO RO



Nossa última fotografia antes de partir para Portugal Ubatuba, Out 16



Eu morava em Lisboa e fazia a FIA, no CEM- Centro em movimento. Era um grupo de pessoas pesquisadoras do corpo, dança e movimento, convivendo e criando juntos por 7 meses - dinamicamente.

Lisboa, Fevereiro de 2019.

com um pouco da minha infância aqui e sobre a vida
que a minha família e eu levamos lá.



Mithuna basiaza convertem a spancan pelos
curtos pelos de hirtupio, enquanto paracromos
um vis na pelicia antes de ir ao Brasil.
De 56Kg a quase 70 em 2 mto. ?



PASSAGE FOR PARROTS



CHEBROS AC RIO DE JANEIRO



LCSC FORCE A

FILE NO. PRA

ECONOMICS PAGE

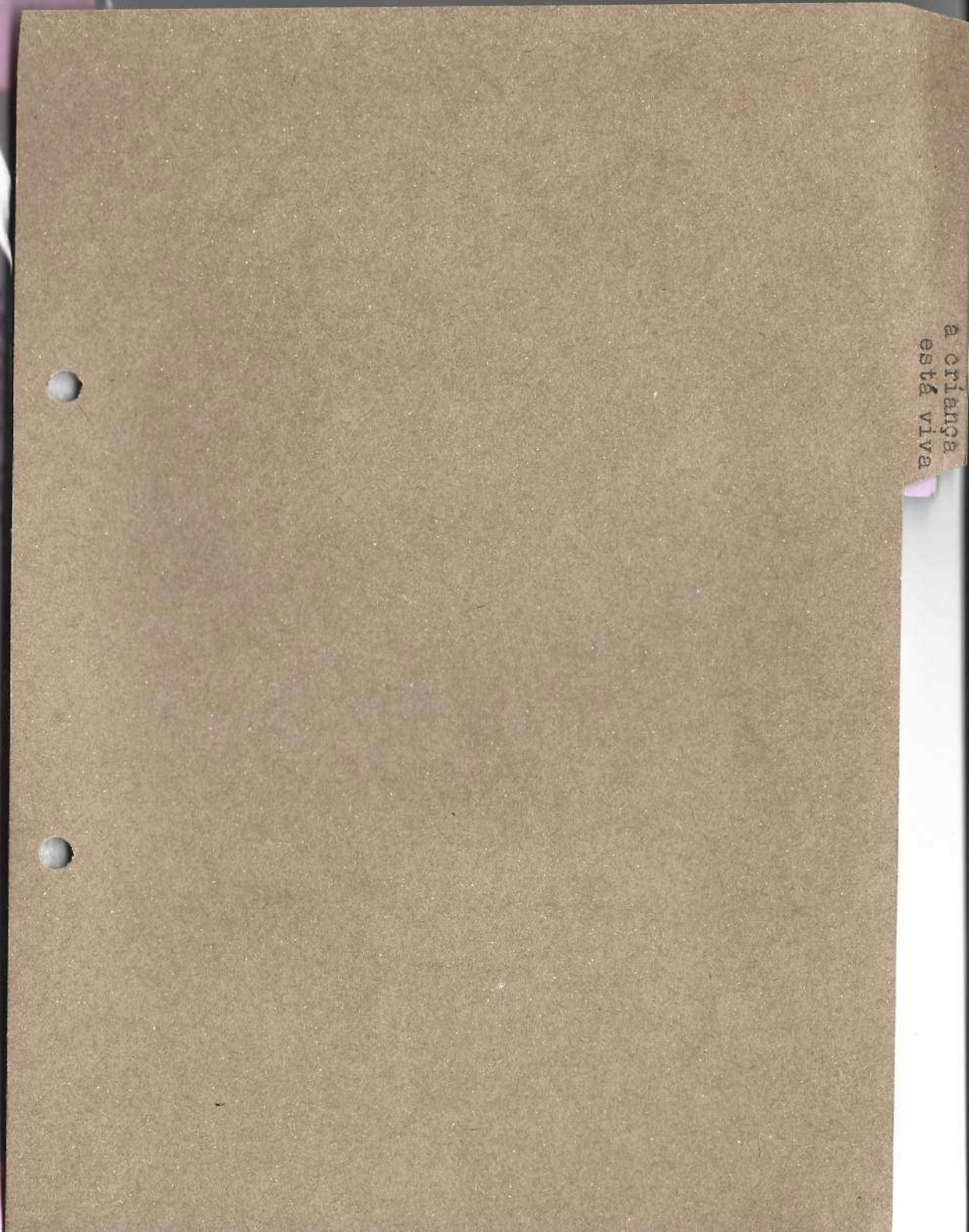
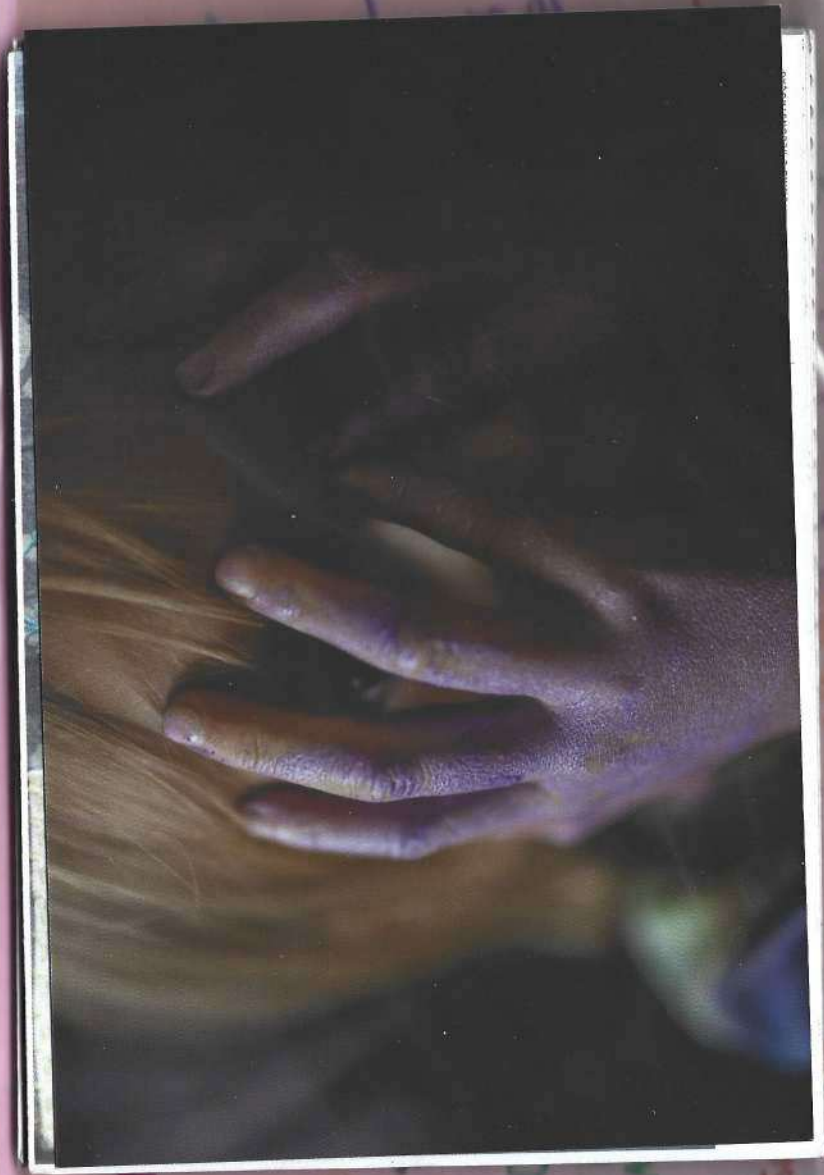


capítulo dois

UM NOVO CONTINENTE



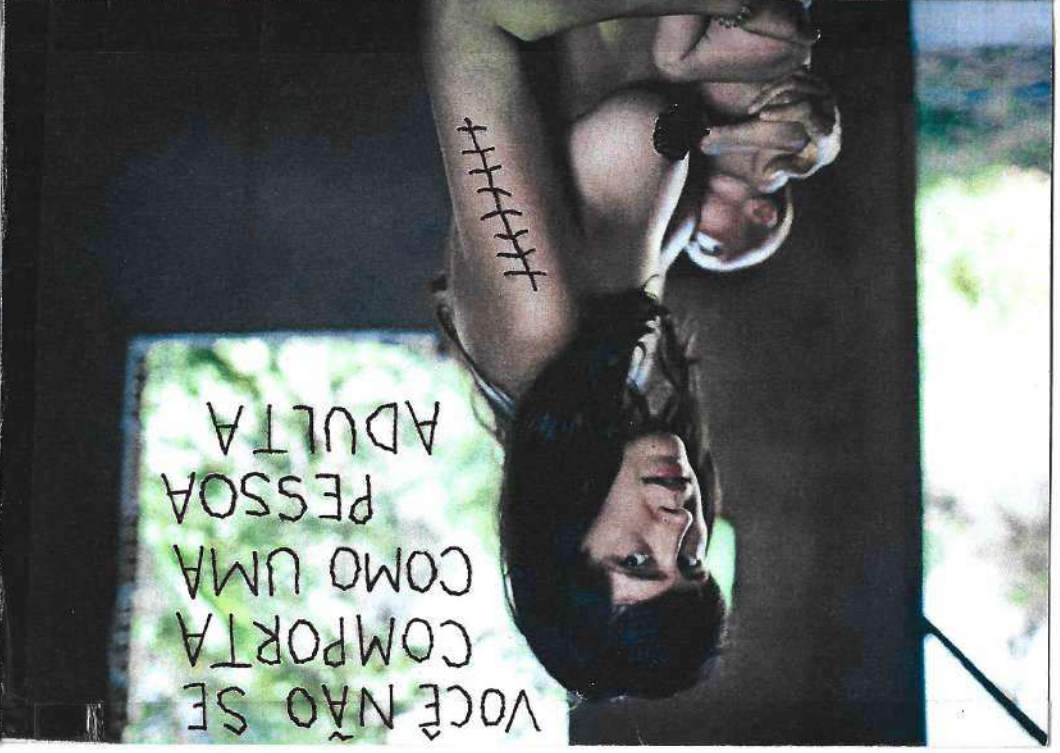
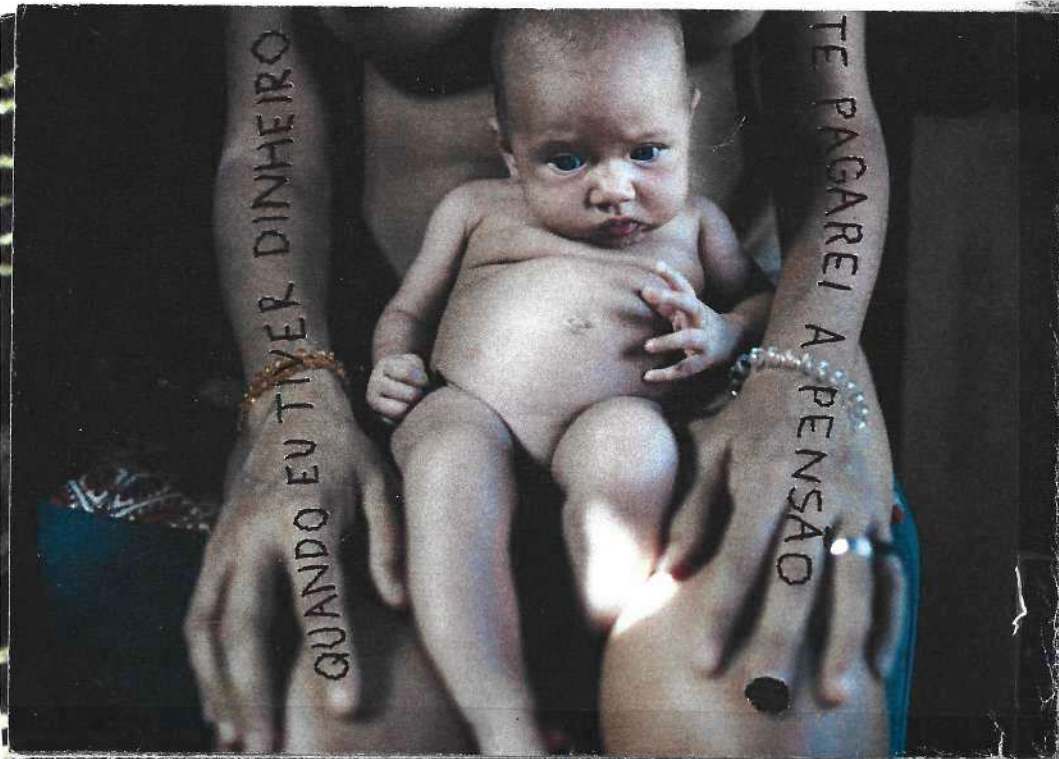




a criança.
está viva



NÃO VOTO A LÍBRIA DE VOCÊ
NÃO TRAI O AMAMENTAR



NÃO VETO A HORA DE VOCÊ
PARAR DE AMAMENTAR



POR MIM ELA TERIA IDO PRA CRECHE
AOS TRÊS MESES
E ESSA CASA PODE APODRECER
QUE EU NÃO LIGO

SE EU FAÇO ISSO É POR
VOCÊ MAS VOCÊ
NÃO FAZ O QUE É
IMPORTANTE PRA MIM
BOQUETE



MENTIROSA
PUTA

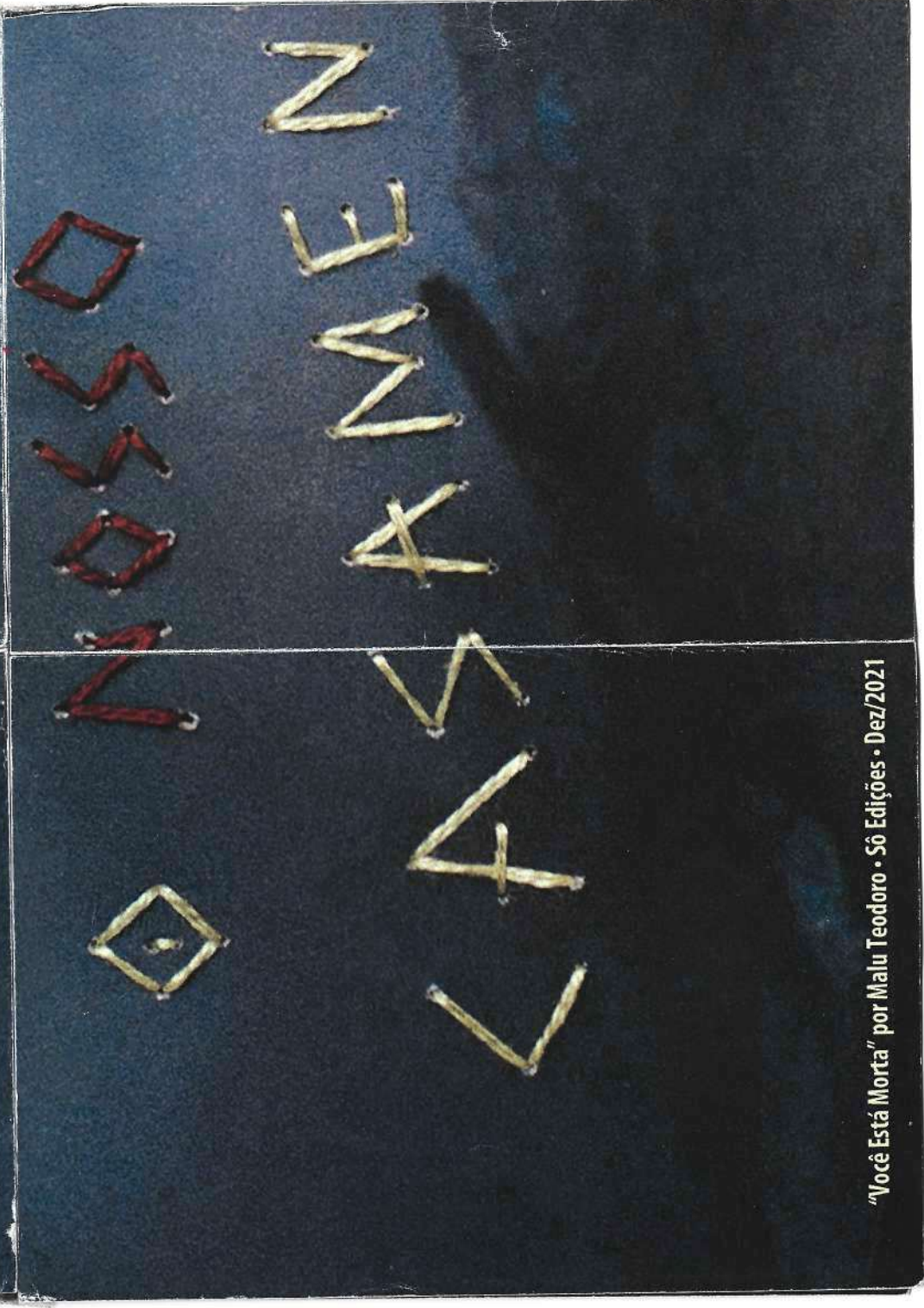
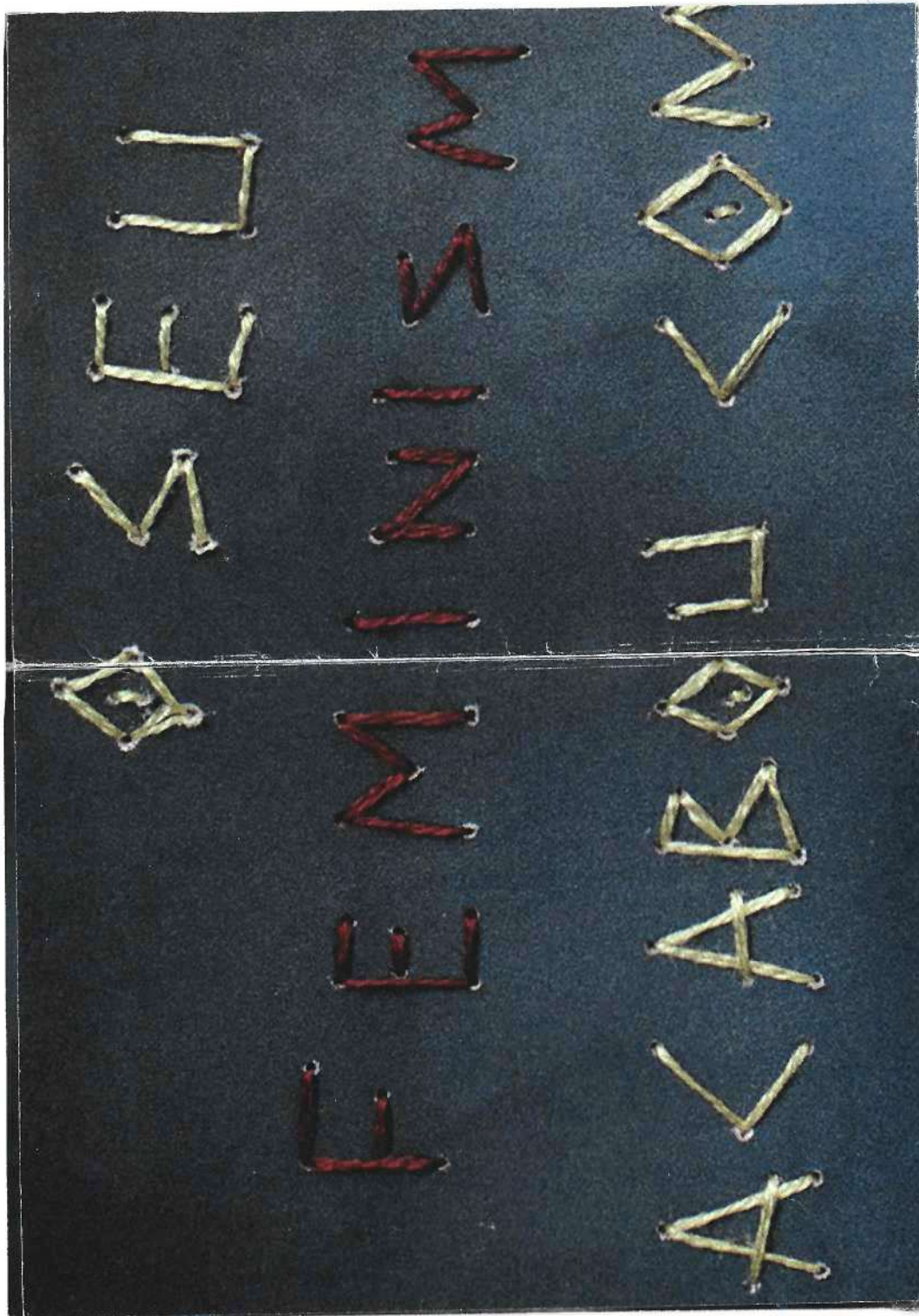


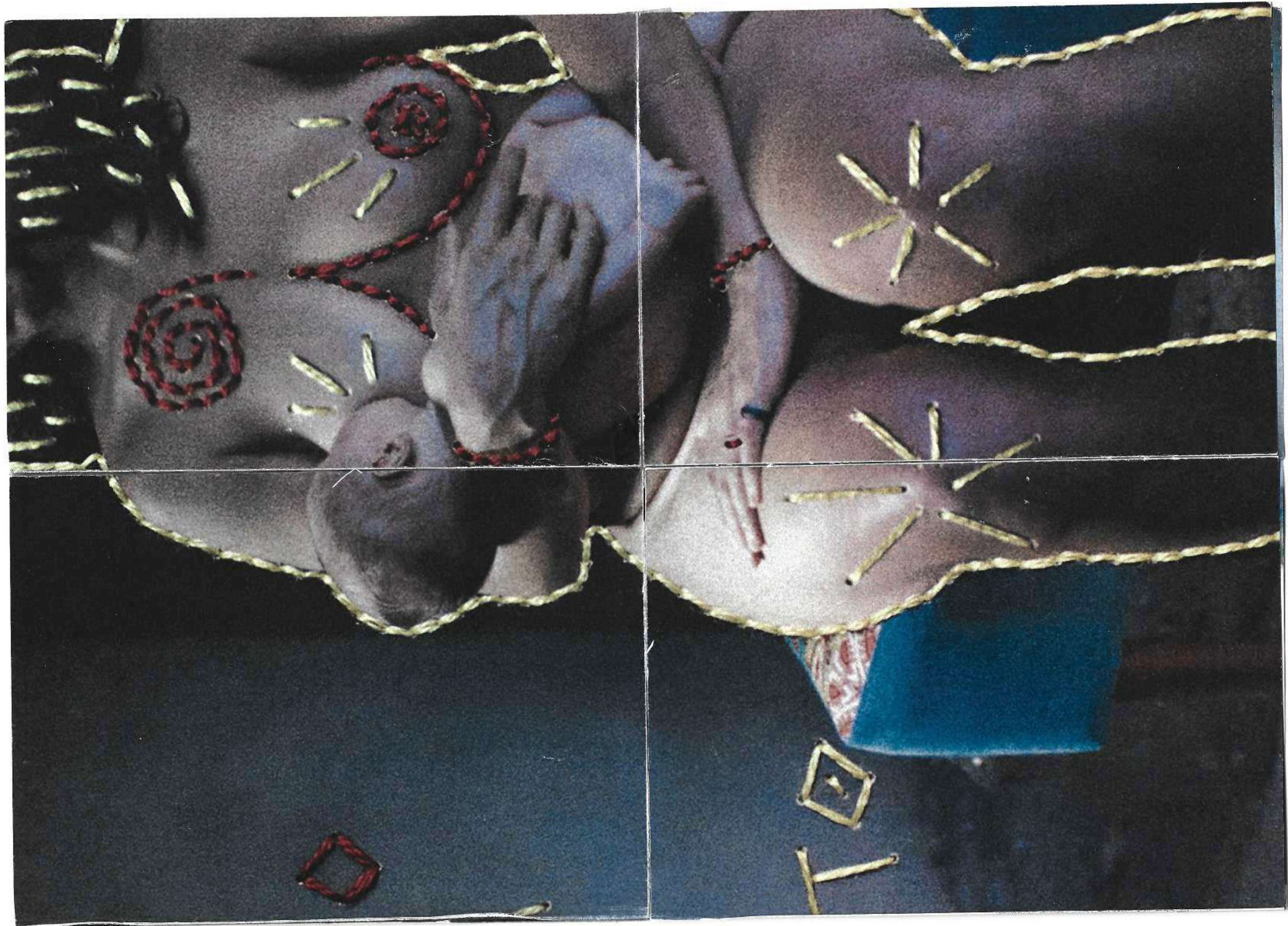
TRABALHA

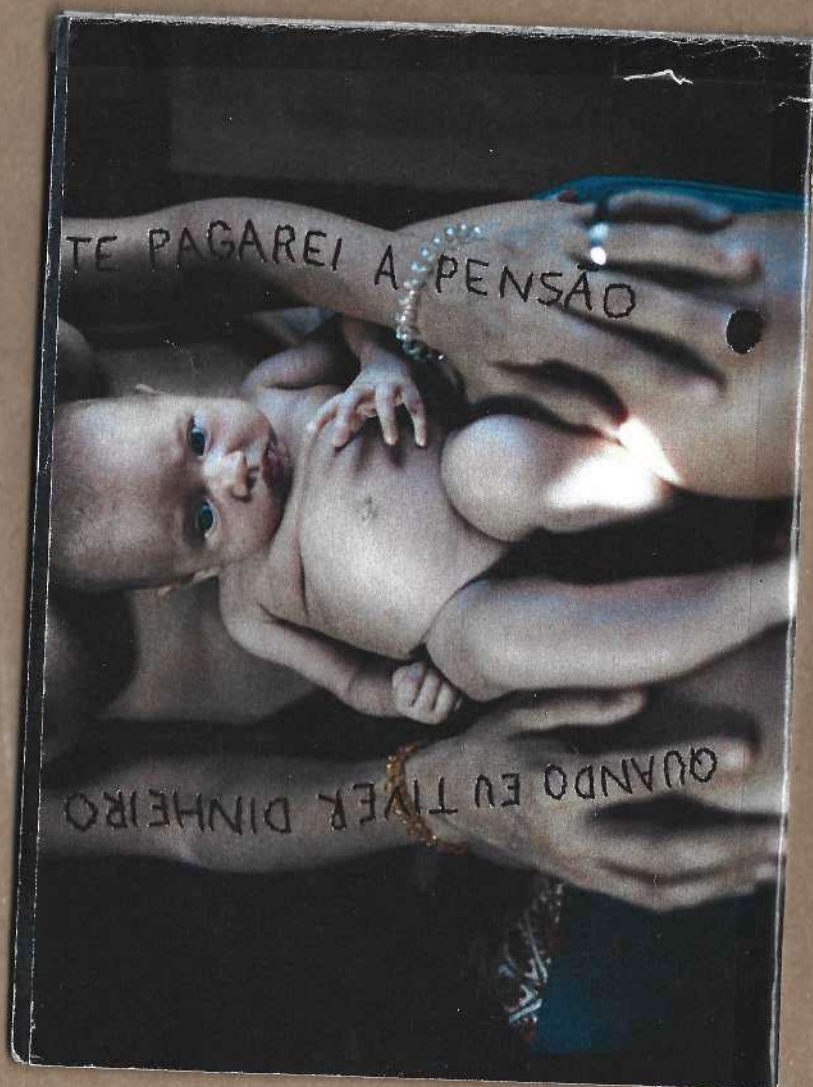


VOCÊ
NÃO

HÁ TRÊS ANOS







1



A criança está viva

Você está morta (2021) é uma série de imagens auto-biográficas composta por fotografias como suporte para o bordado. O conteúdo dessas imagens é um ensaio fotográfico de uma mãe com sua filha, que na altura tinha dois meses de idade. A segunda camada dessas imagens é o bordado, que carrega frases hostis que a mãe escutou do próprio pai da criança nesse momento de extrema fragilidade que foi a chegada de um bebê ao mundo e o nascimento de uma mãe.

Com a chegada de um bebê, a vida da mulher sofre inúmeras e profundas transformações, como a depressão pós-parto que acomete mais de 25% das mães no Brasil, como relatou uma pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), que entrevistou 23.896 mulheres entre 6 e 18 meses após o parto. Trata-se de uma questão de saúde pública que reflete em toda a sociedade, uma vez que mães em depressão não estão em plenas condições de desenvolver o seu papel de cuidadora principal de um bebê. O tema da fragilidade emocional das mulheres no pós-parto ainda é muito cercado por preconceitos e estereótipos no país, inclusive por parte dos médicos, que muitas vezes negligenciam a questão ao tratar suas pacientes, e os resultados das pesquisas mostraram que o número de mães que apresentaram sintomas estava acima da média internacional.

Esse trabalho buscava chamar a atenção do público geral não apenas às questões de saúde da mulher no pré-natal e pós-parto, que precisam de medidas mais efetivas para tratar mulheres nessa situação, mas também levantar a questão sobre a situação das mulheres na sociedade. Naquele momento, 31% das mães brasileiras eram solteiras, mais de 80% das crianças tinham como primeiro responsável uma mulher e 5,5 milhões não tinham o nome do pai no registro de nascimento. Os dados, publicados nos últimos anos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), demonstraram a força da presença feminina e da ausência paterna na educação dos filhos. Além disso, os números mostraram que a responsabilização pelo lar cresceu entre as mulheres, mesmo quando elas estavam inseridas no mundo do trabalho, o que evidenciava o acúmulo de funções — ainda mais quando uma mulher tinha um filho. Uma pesquisa mais recente, de 2023, realizada pelo DataFolha, constatou que cerca de 55% das mães brasileiras são solteiras, viúvas ou divorciadas, ou seja, criam seus filhos sem companheiro(a).

Também foi constatado que 69% das mulheres no país têm ao menos um filho.

O bordado é entendido como uma forma de expressão culturalmente feminina, técnica muitas vezes ensinada através de gerações às mulheres. A linha e a agulha, o furo, a costura, o fiar e o remendo referem-se ao universo feminino de cura, acolhimento e do tempo em que as mulheres se reuniam para bordar e compartilhar suas histórias. A palavra trouxe a conexão forte com o sentido, a busca, o desejo e a intenção de cada palavra. E a imagem fotográfica carregou o peso do imaginário e da memória. Portanto, cruzar a palavra, a imagem e o bordado no contexto da maternidade revelou-se como um processo de cura em relação às experiências traumáticas vividas.

As fotografias apresentadas faziam parte do Álbum de Família, mas eu sentia que elas não estavam finalizadas e poderiam ganhar uma nova camada. A maternidade me aproximou de outras mães, e em nossas conversas, pude ir percebendo que as questões que me atravessavam, perpassavam também as experiências das outras mulheres, principalmente as questões ditas negativas da maternidade, como a violência, a solidão, o medo, entre outros. Fiz uma lista de frases violentas que mulheres mães costumavam ouvir em relação à criação dos filhos, seus corpos e questões relacionadas. Certo dia de pandemia, estava eu na casa de minha mãe, que é costureira e está sempre rodeada por linhas, trapos e agulhas, e bordei sobre uma imagem dessa série a frase que tinha escutado do pai de minha filha e me deixou abalada por dias: "há três anos você não trabalha", pois eu sentia que nunca tinha trabalhado tanto na vida como nos três primeiros anos da minha filha, em que eu conciliava em forma exaustiva o trabalho sem fim da manutenção da vida, de cuidado, de amamentação e da casa - não remunerado, e o trabalho "oficial".

Bordar essa frase sobre o meu corpo me deu a sensação de tirar de mim o peso, eu sentia que falar me liberava. Ao mesmo tempo, minha mãe me questionava, perguntando para quê fazer aquele tipo de coisa, e que eu deveria esquecer. Publiquei numa antiga rede social essa fotografia, e essa publicação mobilizou muitas mulheres a colocarem também seus depoimentos, a compartilharem comigo suas situações e dores, e eu entendi que esse trabalho trazia um diálogo muito necessário. Compartilhar com as mulheres mães me dava força pra me liberar dos traumas, me curar e também seguir me expressando.

Foi nesse contexto que escrevi uma proposta ao edital emergencial da Lei Federal nº 14.017/2020 - Lei Aldir Blanc para realização da série e tive uma resposta positiva. Selecionei as imagens, contei com tratamento de imagens profissional, testei papéis algodão para confirmar que conseguiria bordar sobre eles e finalmente as imprimir em um estúdio de impressão fotográfica fine art. Decidi bordar apenas as frases que eu mesma escutei e fiz uma seleção das frases de forma que se ligassem bem às imagens. Passava muitas horas bordando as imagens com muito cuidado, pois a impressão mineral sobre papel algodão deixa a superfície muito sensível e eu precisava utilizar luvas de algodão para não deteriorar as imagens. As imagens foram compartilhadas no meu Instagram pessoal, criando bastante diálogo principalmente entre mulheres e mães. Foi realizada uma roda de conversa com a Profa. Clarissa Borges, a artista Débora Flor (Pará/Canadá) e a antropóloga Cynthia Cardenas (Peru), e uma roda de bordado gratuita, virtual e coletiva.

A obra recebeu o título da primeira imagem da série "Você está morta" e participou de exposições como Mulher no plural: Múltiplas perspectivas. Assembleia Legislativa de Minas Gerais (2021), Mostra Corpo decolonial. Festival de Arte e Sexualidade. Belo Horizonte/MG (2022), teve Menção Honrosa Janelas da Distopia: Exposição Virtual em plataforma virtual (2021), foi premiada no 1º Prêmio de Fotografia Adelina, em 2021, com o 1o. Lugar, e em 2022 participou do 19o. Salão Nacional de Artes. Museu de Arte Contemporânea de Jataí/GO, recebendo o prêmio aquisição.



Você está morta, no 19o. Salão Nac. de Artes,
Museu de Arte Contemporânea de Jataí/GO.

Com a obra selecionada para o 19o. Salão de Artes de Jataí, preparei as imagens para a exposição, emoldurando-as em molduras douradas, com vidro dos dois lados, para que se pudesse também ver o avesso da imagem bordada. Levei pessoalmente as imagens até Jataí/GO, participando da montagem do Salão e da cerimônia

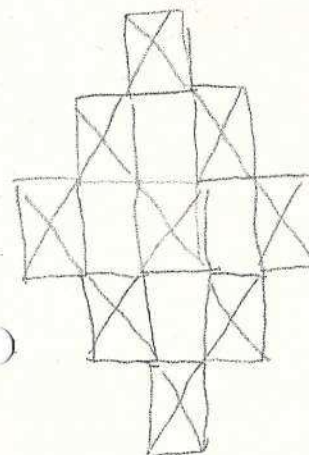
de abertura e premiação. Fiquei muito surpresa com a premiação, pois era o primeiro Salão que eu participava. E fiquei também bem feliz, pois devido ao conteúdo das imagens, eu não gostaria de tê-las comigo, ou em minha casa. Após a cerimônia de anúncio dos premiados, saí para a parte exterior do Museu e encontrei escrito sobre a porta do museu "A criança está viva", e essa frase, nesse momento, me impactou bastante. Eu estou morta (?) mas a criança está viva, me remetendo ao sonho que tive no início de tudo (maternidade) e também à conclusão dessa série densa e pesada. Foi um alívio e uma espécie de caminho por seguir.

Em Outubro de 2023 participei no curso "Especializações: perspectivas feministas", com Gabriela De Laurentiis, na UFU, e o curso acabou nos levando à criação da exposição "Interiores Feministas", que aconteceu no Muna em Março e Abril de 2024. Para a exposição, além de apresentar a obra "Pêra Rocha ou A transfiguração de uma puérpera" (2019), também preparei uma nova versão da série "Você está morta". Essa nova versão foi impressa em tecido oxford, com bordado manual e bico de crochê, com imagens no tamanho de 45 x 61 cm cada uma, e contou com mais uma imagem. Essa décima imagem mostra uma bebê olhando para a câmera com o bordado "A criança está viva", bordados por mães e filha, e assinada por ambas.

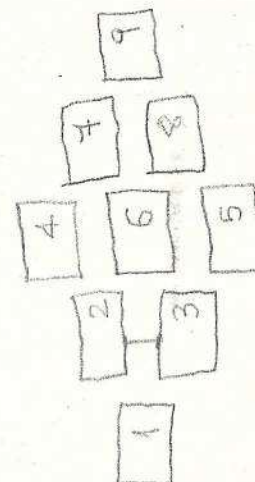
"A Criança está viva" é a décima e última imagem da obra "Você está morta", encerrando com vida uma série fotográfica sobre a invisibilidade do trabalho materno e a violência intrafamiliar, finalizada em bordado e bico de crochê realizados por mulheres próximas à artista, como sua mãe, tias, filha e a mãe de uma amiga, que fez o crochê.



Montagem na exposição Interiores Feministas, Muna, Uberlândia/MG. A criança está viva, 2024.



Opção 2 - Geo



Opção 2 -

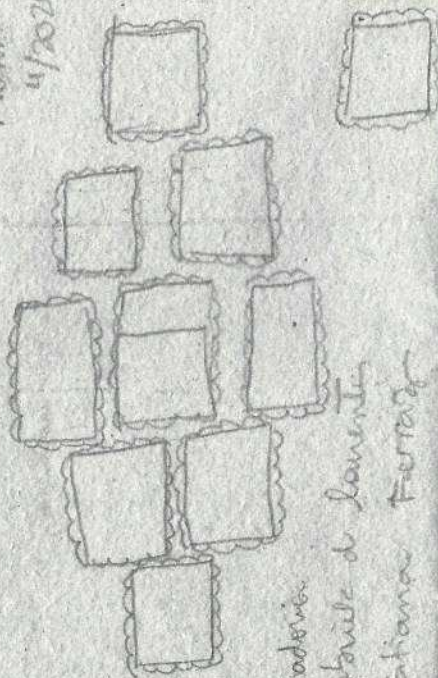
Opção 2 -
JATAI-MG 4
JATAI-MG
DE ARTES DE JATAI
POR DEFEITE
de ônibus sozinho
fora muito e mais assio
TRABALHO

R\$400 moldura
 R\$200 passagem
 R\$140 hotel
 R\$125 alimentos

865 gasto para
 participar do Salão de
 Batuí.

MUNA
 4/2024

INTERIORES FEMINISTAS



46

E a tempo minha
 obra ao museu de
 arte da Batuí.
 Isso é que se do
 desvincula-se do
 passado.

Olmar Camilo
 Vila Cultural Corline
 Henrique Lima
 uffj - antes na
 pedagogia

Sandro Torres
 (n' veio, está na Fango)

R\$400 moldura
 R\$200 passagem
 R\$140 hotel
 R\$125 alimentos
 865 gasto para
 participar do Salão de

voce está mata
 foi premiada
 no Salão III
 as que quase não
 virá, que não
 + mil +
 alguns novos amigos
 sempre quando.

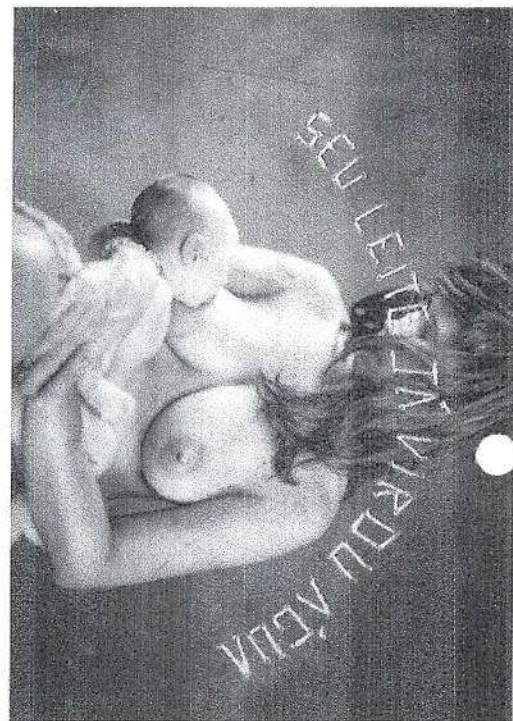
VOCÊ ESTÁ MORTA
2018-2021

Você CLARAMENTE UM
RAJALHO DO PASSADO
NÃO QUERO ESTAR
OJTA. ARRIR-ME AO
ITURO. PERDOAR O
SSADO.

UAL SERIA A NOB E
ERRADEIRA FOTO?

OPÇÃO 1 - CLÁSSICA

1
2
3
4
5
6
7
8
9



Ronaldo Entler (cur.), 1º Prêmio de Fotografia Adelina Inst.

O que pode uma imagem? Sem dúvida, muita coisa. Ao percorrer as centenas de trabalhos que chegaram a este prêmio, tivemos uma boa amostra da consciência crítica e das transformações que as imagens reivindicam no âmbito dos saberes, da política, da memória e das linguagens artísticas. Vemos que são muitas as potências da imagem. Mas são igualmente tantas suas convivências com o poder.

Não existe um limite claro entre idealização e ideologia. Quando a imagem consolida seus modos ideais de exibir os corpos, ela reafirma normas que pesam sobre suas aparências, gestos e comportamentos. Ao categorizar, classificar, atribuir papéis, a pose modela aquilo que representa. Ela coloniza, disciplina, mutila, assim como exclui e invisibiliza o que não responde a seu enquadramento.

Encontramos em muitos dos trabalhos inscritos o esforço de tensionar essas diferentes faces da imagem, de enfrentar com suas potências críticas os pactos que ela faz com o poder. Como matéria viva, a imagem está sempre pronta a reconfigurar-se e a inconformar-se. Basta despir o olhar de sua obediência para enxergar o equilíbrio precário que sustenta essas poses idealizadas. Há muitos movimentos e vozes latentes na imobilidade e no silêncio das imagens. De modos diversos, os trabalhos escolhidos como finalistas são aqueles que convidam a essa descoberta.

Reconhecendo no imaginário que os cerca dores históricas que ainda latejam em seus corpos, Malu Teodoro, Laiza Ferreira e Felipe Camilo, artistas cujos trabalhos foram premiados, recorrem à fotografia para repensar suas heranças, tanto as que receberam quanto aquelas que deixarão para as próximas gerações. Malu reproduz com a linha que perfura a superfície da imagem violências que atravessam esse corpo impactado por dentro e por fora pela maternidade. Os olhares ocultados nas montagens de Laiza ou as vidas interrompidas nos relatos de Felipe dialogam entre si: ambos dão contorno a uma longa história de invisibilidades que não apenas esgarçam os fios de suas ancestralidades, como também anestesiaram a pele para as violências que se perpetuam. Nesses três trabalhos, tempos diversos se sobrepõem: a vivência das origens, assim como a da gestação de uma nova vida, insere suas existências num ciclo de vida e de morte a ser enfrentado todos os dias.

Para manejar essa realidade tão cheia de fraturas, são necessárias operações que reconfiguram radicalmente a pose: desmontagens, remontagens, sobreposições, suturas, reinvenções da técnica e intervenções ostensivas de outras imagens e outras linguagens, gestos que ressignificam os papéis atribuídos aos corpos pelo álbum de família, pela iconografia científica, pelo fotojornalismo ou pelos registros de identificação policial.

Esse resultado reflete a vocação do Prêmio de Fotografia do Adelina Instituto de acolher vivências artísticas atravessadas de formas amplas pela fotografia. Nesta primeira edição, o prêmio recebeu 640 inscrições que atestam a qualidade e a diversidade da produção fotográfica brasileira. O júri, formado pela artista Aline Motta, pela curadora Cecília Bedê e por mim, Ronaldo Entler, elegeu 12 finalistas, dentre os quais, os três trabalhos premiados. Foram colocadas como questões iniciais a consistência da pesquisa em que o trabalho se insere, a qualidade e a coesão dos resultados apresentados e a relevância da produção para a construção de uma visão crítica do presente. Mais do que apontar tendências e hierarquizar valores estéticos, o prêmio se propôs a oferecer uma escuta às inquietações e urgências que foram se configurando no conjunto de trabalhos recebidos.

Sobre uma maternidade bordada, de Paula Araújo de Carvalho

Imersa na análise da produção da artista Malu Teodoro, destaca-se sua obra intitulada *Você está morta*, na qual aborda a temática da violência intrafamiliar e a invisibilidade do trabalho materno. Este exemplo representa uma interseção relevante entre maternidade e processo artístico. Através deste trabalho, Teodoro se apresenta como uma figura materna, colocando-se firmemente dentro da imagem e explicitamente expondo sua filha e suas próprias dores pessoais. Ao falar sobre sua experiência materna, Teodoro apresenta uma visão multifacetada da maternidade que engloba simultaneamente poder e desolamento. Esta abordagem oferece uma narrativa complexa que desafia representações mais simplistas da maternidade, destacando a realidade emocionalmente rica e muitas vezes contraditória dessa experiência.

O trabalho fotográfico foi desenvolvido durante o período do puerpério, quando sua filha tinha apenas dois meses de idade. Durante esse tempo, Teodoro documentou intensamente seu cotidiano com a intenção de criar um álbum do primeiro ano de vida de sua filha. O processo de montagem do álbum proporcionou a Teodoro um meio de dar sentido à experiência avassaladora de se transformar de mulher para mãe - uma transição que ela descreve como a morte de uma mulher e seu renascimento como mãe. Como observado em seu discurso de premiação no 1º Prêmio de Fotografia do Instituto Adelina, ela se tornou uma mulher com uma função muito específica: a de nutrir e proteger um ser humano, o que a fez perceber e sentir de maneira mais intensa diversas formas de opressão e discriminação.

A cena quase teatral que Teodoro constrói através de sua obra é igualmente significativa, demonstrando um estado simultâneo de poder e a submissão do próprio corpo à imagem. Este ato revela a maneira como a maternidade envolve uma entrega física e emocional, uma doação que se reflete em sua escolha de se apresentar tão abertamente em seu trabalho. Suas fotografias apresentam um contraste dramático entre a escuridão do plano de fundo e a luz que ilumina a pele da artista e da filha. Os cabelos cobrindo o rosto da artista criam um escudo visual, como se estivesse protegendo a filha dos conflitos externos. Isso sugere um sentido de resiliência e fortaleza, apesar das dificuldades.

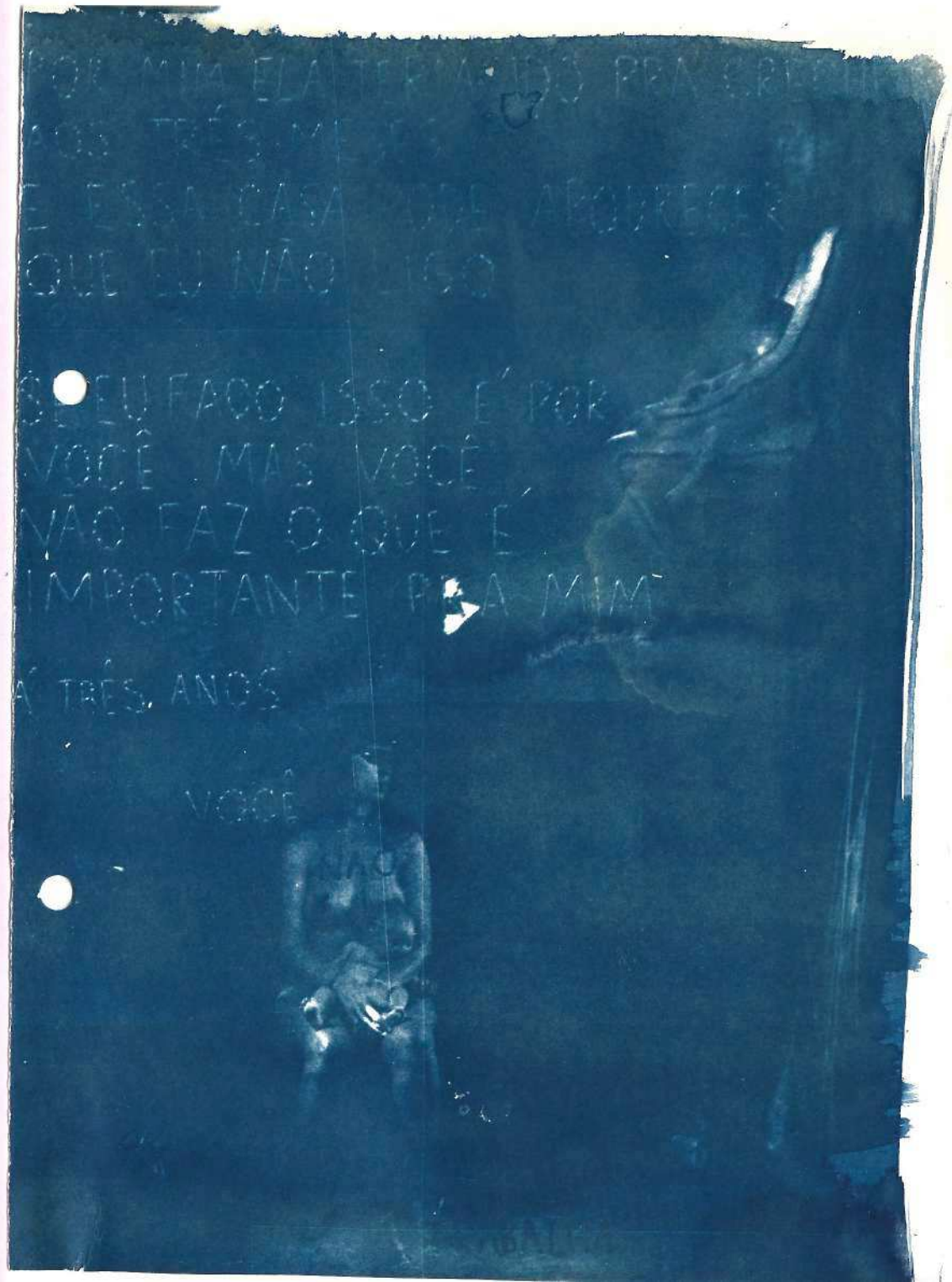
Em resposta a essas experiências, Teodoro dedicou atenção a outras mulheres, especialmente mães, refletindo essas experiências e

histórias em seu trabalho artístico. Ela descreve o ato de bordar palavras em seu próprio corpo como uma forma de sutura, uma prática curativa que a conecta com outras mães e suas histórias avassaladoras. Por fim, o trabalho de Teodoro destaca o poder da arte em expressar e enfrentar experiências pessoais difíceis e complexas, fornecendo um meio de se conectar e se identificar com as experiências de outras pessoas.

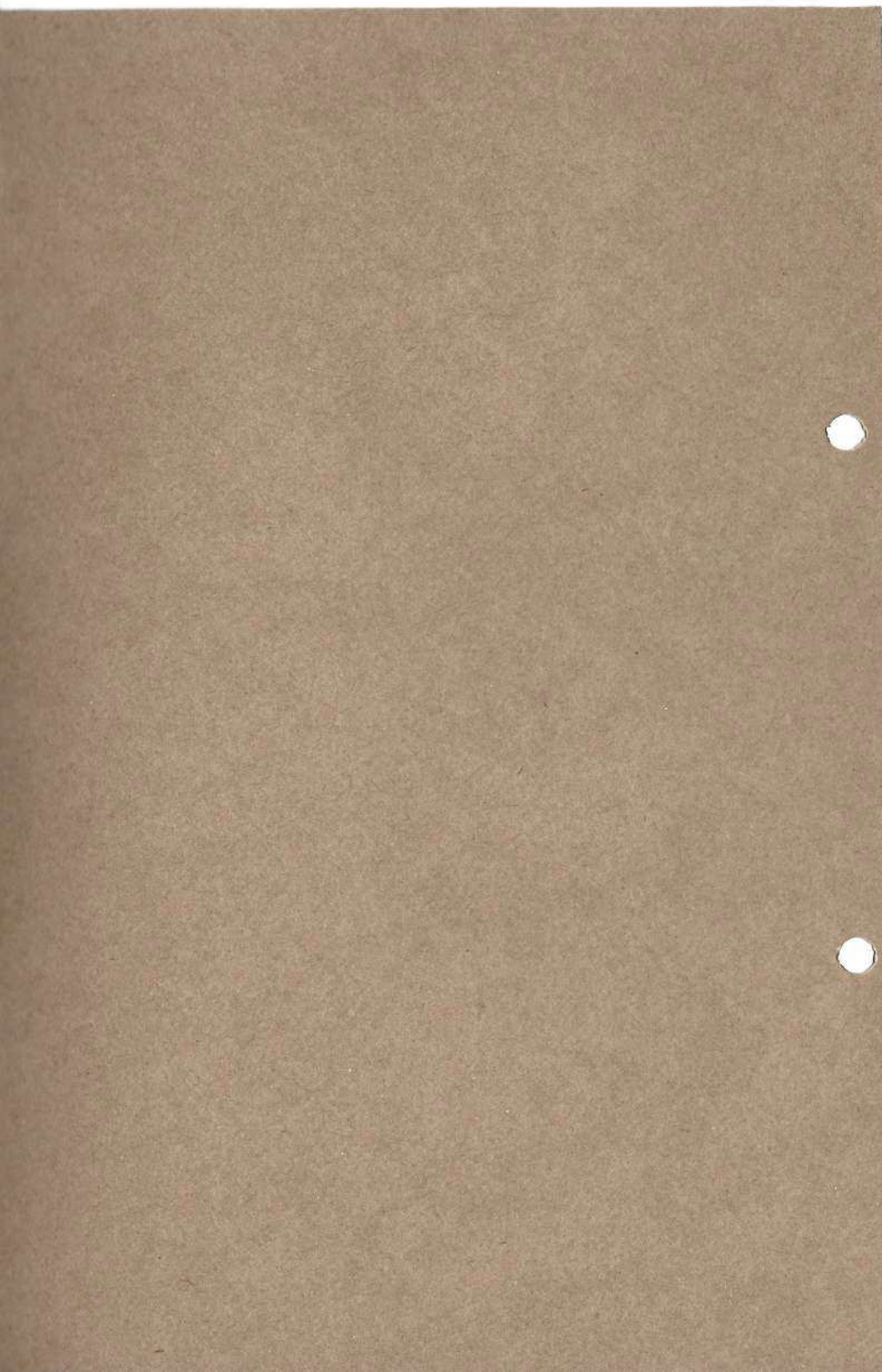
Realmente algo que não estamos, assim que damos a luz, é morta. Mas morremos, morremos muito. Uma parte muito grande de nós é tirada de dentro de nossos corpos e essa ausência interna se transforma numa presença externa constante, uma ligação animalesca e brutal, que agora se alimenta de nosso sangue em forma de leite, de boa parte da nossa energia, e de nosso tempo. Eu morri para o que eu era, eu morri para as relações que eu tinha, muito de mim morreu, mas muito de mim nasceu em meio ao parto, gritos, choro, sangue e medo. Eu sei, minha filha sabe, alguns sabem. você pode não ver, mas eu não estou morta (TEODORO, 2018 - 2021).

(...) a artista aborda o tema da amamentação, criando uma imagem poderosa que explora as tensões socioculturais em torno desse ato natural. O comentário, bordado em linha amarela sobre a fotografia, reflete uma atitude que infelizmente é compartilhada por muitos na sociedade, evidenciando a pressão e o julgamento que as mães frequentemente enfrentam. A frase perfurada na foto, juntamente com a marca de "X" que cobre os mamilos da artista, serve como um comentário potente sobre as restrições e proibições em torno do ato de amamentar. A sociedade frequentemente polícia e regula a amamentação, especialmente em espaços públicos, fazendo com que um momento íntimo e essencial de alimentação do bebê se torne objeto de constrangimento e vergonha. Isso destaca uma das diversas questões acerca da amamentação na sociedade contemporânea: a ideia de que o corpo da mãe não pertence a ela, é um corpo público e sujeito a intervenções de terceiros.

A obra de Teodoro pede uma reconsideração das normas e expectativas que cercam a amamentação e a maternidade em geral. Assim, a artista convida o espectador a refletir sobre as maneiras pelas quais os corpos maternos são policiados e controlados, e a considerar as implicações dessas atitudes para as mães e seus filhos. Demonstra, ainda, a importância de considerar a relação entre o artista/mãe e o processo do trabalho artístico. Sua abordagem autêntica e franca oferece uma contribuição inestimável para o nosso entendimento da maternidade como vivência real e complexa, além de desafiar a visão unidimensional da maternidade frequentemente perpetuada na sociedade.



a menina é a
mãe da mulher



A menina é a mãe da mulher

De acordo com o dicionário Aurélio (2021), o termo fabulação se refere "à ação de fabular, de substituir a verdadeira realidade por uma aventura imaginária que serve para um conto ou novela". Com o projeto "Fabulações Maternas: relações entre infância, arte e educação" desenvolvi trabalhos com uma bolsa de Iniciação artística em artes visuais e uma proposta em arte-educação e extensão, pautados na relação com minha filha.

Minha intenção foi deixar os atravessamentos da experiência de ser uma mãe estudante universitária aparecerem em minha produção em arte. Além da produção artística, realizei também uma ação de extensão com este tema, convidando artistas e teóricos do assunto para uma roda de conversas, e uma ação educativa na exposição do trabalho totalmente direcionada para crianças junto com seus responsáveis.

O início de minhas reflexões sobre relações parentais começou com um sonho, que tive em uma noite há uns 4 ou 5 anos antes de ter minha filha, ou talvez quando estivesse grávida. No sonho, eu deixava minha criança com a minha família para cursar a faculdade. Passado algum tempo decidi que precisava buscar a minha criança e então fui até os meus pais, que me disseram que a haviam levado a um orfanato. Minha mãe me levou a este lugar, e no momento em que entrei e encontrei a minha criança, não houve euforia ou demonstrações fortes de afeto. Ao contrário, ela me pegou pela mão e me levou a um quarto pequeno, um pouco escuro e sem janelas, onde passamos muito tempo juntas entre conversas, desenhos e criações. A sensação era que aquele era um ateliê, um laboratório, um lugar onde muito era possível, e ali aprendi muitas coisas durante muito tempo. Ao final do encontro decidi que não a levaria para casa a qualquer custo, pois via que ela estava bem, mas que retornaria todos os dias até que ela escolhesse ir embora comigo.

Algum tempo se passou, tive minha filha e a memória desse sonho sempre voltou. Cursei uma faculdade, que ingressei aos 18 anos, e os estudos e a vida adulta me afastaram "dessa criança". Em meus processos artísticos, muitas vezes consegui entrar em contato novamente com esse ateliê-laboratório-ondetudo-é-possível, o lugar do encontro comigo mesma e com o sentido de tudo. Essa figura infantil do sonho foi representada em minha vida por minha filha, Inaê, que então tinha quase quatro anos. Era como se ela fosse um canal por onde eu podia

acessar a mim mesma. Como mãe solo e diante das infundáveis responsabilidades do cuidado e da manutenção de toda uma estrutura para que eu e minha filha pudessemos viver, muito se perdia. Com esse projeto busquei romper a rigidez, ser mais maleável e leve, tanto na criação de minha filha quanto na forma como desenvolvi pesquisa e meu trabalho em artes, fazendo com que durante os dias pudessemos estar juntas, mãe e criança, nos estudos e no ateliê.

No alto de seus quase quatro anos, percebi como a influência de uma mãe artista atuava sobre Inaê, no uso de materiais, técnicas e procedimentos artísticos com os quais de alguma forma ela tinha familiaridade. O ato de desenhar, fotografar, colocar-se na imagem em fotoperformances e questionar eram cotidianos em nossa casa, e demonstravam também os potenciais das crianças. Pelo histórico de trabalhos que fizemos juntas percebi que meu olhar e direcionamento, juntamente com as descobertas dela, e vice-versa, foram capazes de criar obras coletivas. Esses trabalhos podem ser encontrados em: www.maluteodoro.com.

Em meus estudos sobre estas relações nas Artes Visuais encontrei trabalhos bastante interessantes de artistas que propuseram obras a partir da relação materna. Alguns exemplos foram Mary Kelly, que criou uma obra a partir do registro documental de seu filho até que este fosse capaz de escrever; Ana Casas Broda, fotografando em sua casa a relação com seus dois filhos pequenos; e o grupo Maternal Fantasies, coletivo de mães artistas que realizou ações performáticas com suas crianças.



Maternal Fantasies (coletivo), Suspended Time, on Caring (2020-)



Ana Casas Broda, da série Kinderwunsch (2006-11)



Mary Kelly, Post-Partum Document, Documentation I: Analysed fecal stains and feeding chart (1973-79)

A experiência da maternidade não tinha como sair de mim. Eu seria sempre uma estudante-mãe. Por mais que eu trabalhasse sem a minha filha, essa experiência estaria sempre calcada em minha pele, na forma como eu vivia e experimentava o mundo. Então, quando disse que estaria desenvolvendo trabalho juntamente com minha filha, esse "junto" incluiu diversas possibilidades de relações - ora bem juntas, ora a filha ausente, mas sempre em conexão.

Trabalho com artes visuais desde 2007, quando me formei em comunicação social, dedicando-me principalmente à fotografia e ao vídeo em diversas linhas, autorais e comerciais. Desde que me tornei mãe, em 2018, a maternidade foi o tema que mais me interessou desdobrar, por ter sido traumática em minha vida, por ter que lidar com questões que eu não imaginava que teria que passar. Vi que a maternidade, pelo menos de onde eu vinha e no meio em que eu circulava, era vista como natural e instintiva para a mulher. Em outras palavras, o exercício da maternidade era retratado de forma romantizada. E quando me tornei mãe, tudo aquilo que eu idealizava foi por água abaixo. Acredito que me faltou diálogo com mães, faltou conviver com crianças pequenas, faltou conviver com mães e crianças e me faltou conhecimento do que é de fato maternar.

Como artista que trabalha com a autobiografia, tratar desse tema que tanto me atravessava foi o caminho mais coerente. Porém, percebi que esse "não-dito" da maternidade habitava também o mundo das artes. Falar de maternidade, e em mães artistas, era um tabu. Ser artista enquanto mãe era um "erro". Cheguei a escutar: "e agora que você é mãe, vai trabalhar com o quê". No entanto, de alguma forma um tanto ambígua, ter me tornado mãe me deu mais forças para viver da forma que eu realmente desejava. Foi assim que me divorciei, mudei de país, organizei uma rede de apoio principalmente familiar para que eu pudesse, na pandemia, reerguer-me com base no meu trabalho artístico.

Falar sobre maternidade em meus trabalhos foi curativo para mim, mas também percebi a importância e urgência que essa temática carregava. Muitas pessoas, principalmente mulheres e mães, artistas ou não, me retornaram contando como meu trabalho reverberou nelas, e se inspiraram tanto para produzir trabalhos nessa temática como para questionar situações pessoais. Essa troca foi muito importante para mim, e por este motivo propus uma ação de extensão neste projeto. Busquei criar diálogo,

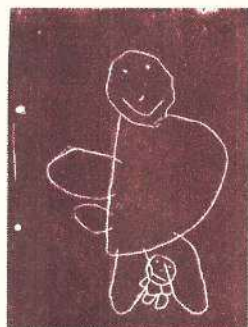
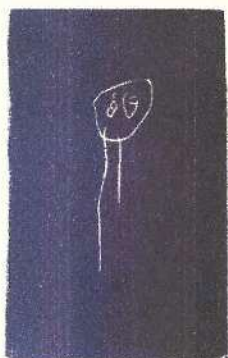
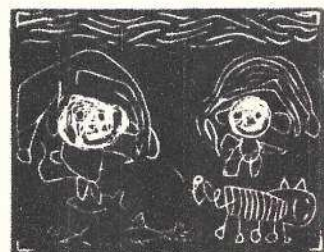
tirar a pedra-tabu em torno da maternidade, conectar mulheres, libertar mães, e proporcionar às crianças um espaço potente que as considerassem como sujeitos criativos.

Trabalhar como artista-mãe quis dizer, muitas vezes, trabalhar com uma criança em casa, enquanto eu lavava louça, cozinhava um macarrão, ou pensava em projetos enquanto colocava a filha pra dormir. Este movimento fez com que eu pudesse envolvê-la desde cedo nas questões que fizeram parte da minha vida como mulher e artista, além de mãe. Sendo assim, meu trabalho mudou significativamente desde que passei a compartilhar os dias com Inaê. Precisei adaptar meus trabalhos para técnicas mais manuais e menos baseadas no computador, pois eu não conseguia trabalhar no computador com minha filha em casa. Também passei a trabalhar com materiais mais táteis, que já era um desejo meu e que já vinha acontecendo mesmo antes dela.

Outro ponto importante para o projeto "Fabulações maternas" foi a educação. Desde que me tornei mãe, a questão da educação ganhou outra dimensão, já que me tornei uma educadora em tempo integral. Passei a pensar e exercer a educação em artes visuais (e não só) com minha filha, dentro de casa, incluindo-a em meus trabalhos e abrindo espaços para que pudéssemos, juntas, conhecer novos caminhos, como o desenho, a fotoperformance, a cianotipia, etc. Nesse movimento, tentei criar para ela uma experiência de infância com espaço e tempo para as artes, que eu mesma não tive. Esse trajeto pessoal descrito acima me levou a cursar a Licenciatura em Artes Visuais, e ao desejo de integrar a mãe, artista, pesquisadora e educadora com esse projeto.

"Fabulações maternas" teve também objetivos específicos, como documentar de forma poética o cotidiano e a realidade de uma mãe-solo-artista-dona-de-casa-universitária sobrecarregada pelo excesso de demandas de uma jornada múltipla e infinita; criar, a partir do percurso dessa mãe dentro da licenciatura em artes visuais. Assim como, ouvir e responder a provocações oriundas de outros contextos; organizar materiais já produzidos anteriormente e/ou que estavam sendo produzidos pela diáde mãe-criança, como forma de criar sentido, narrativa e que pudessem ser compartilhados. Além disso, foi importante expor o resultado dessa proposta em forma de uma exposição, que aconteceu no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, um equipamento cultural da UFU. Neste projeto aconteceram também ações de compartilhamento paralelas à exposição: uma

roda de conversa com a Clarissa Borges e Marta Mencarini, e uma oficina para mães e crianças no Muna em Janeiro de 2023. De forma prática, realizei o processo de cianotipia nos tecidos durante o Ateliê de Gravura, com o professor Marcel Esperante. Iniciei os experimentos no Ateliê de Gravura fazendo monotipias juntamente com a minha filha, pois nesse semestre, no turno do ateliê, na maioria das vezes eu não tinha com quem deixá-la, e também tenho interesse em trabalhar em conjunto com ela nos componentes curriculares práticos. De alguma forma esse interesse já havia aparecido na técnica da gravura quando, no segundo semestre do curso, desenvolvi o projeto "Garavunhas", em que eu realizava minhas primeiras experiências em gravuras a partir dos primeiros desenhos de minha filha Inaê e nesse momento finalizei uma série com sete gravuras em madeira e linóleo:



Marcel Teodoro

Resgatando projetos anteriores vale a pena lembrar que no ano de 2015, fiz parte da residência "Dois de lá, dois de cá", na Associação Fotoativa em Belém do Pará. Por três meses dois artistas de fora do Pará (Randolpho Lamounier e eu) e dois artistas do Pará (Débora Flor e Wellington Romário), conviviam diariamente e no final, montamos uma exposição no Museu de Arte da UFPA. Nessas trocas, eu pude ter contato com a técnica da cianotipia, que a artista marajoara Débora Flor vinha desenvolvendo em sua pesquisa. A Fotoativa tem uma trajetória de trabalhar a fotografia dentro dos aspectos sociais e educativos da prática, e fazem isso trabalhando com técnicas artesanais, históricas e manuais da fotografia. Acredito que esse caminho deixe a fotografia mais próxima, palpável, e até mágica, pois ver a imagem se formar sem a necessidade de equipamentos sofisticados é muito interessante, além de acessível.

Desta forma, aos poucos vim desenvolvendo meu conhecimento em cianotipia, e principalmente depois que minha filha nasceu, pela necessidade de usar técnicas mais simples, menos tecnológicas, e também seguras e não-tóxicas para crianças pequenas, acabamos por realizar juntas muitas cianotipias. Desde muito nova minha filha sabe como funciona a técnica, sendo capaz inclusive de ensinar outras crianças e adultos. A técnica também a permitiu olhar para a botânica com mais atenção, recolhendo folhas e flores com o intuito de fazer cianotipia das mesmas.

Em 2021 propus um projeto ao PMIC (Programa Municipal de Incentiva à Cultura, da Secretaria de Cultura e Turismo de Uberlândia), em que transformaria praças da cidade em um ateliê aberto de cianotipia. No entanto, a pandemia chegou e alterou todos os planos. O ateliê-móvel viu-se restrito ao espaço limitado e infinito da casa: jardim-ateliê-escola-etc. O projeto transformou-se, então, em uma publicação impressa em risografia, em que o ateliê vai até o leitor, acompanhado de cartões postais, capa-cartaz, papéis e instruções para que as cianotipias dos leitores façam parte do experimento Azul.

Durante todo o ano de 2022, nos encontros de orientação do projeto PINA e posteriormente, nas aulas do Ateliê de Gravura, eu falava sobre o desejo de realizar tal cortina em cianotipia. Trabalhar a cianotipia sobre tecido, além de caro, era um desafio pra mim. Vários testes haviam dado errado. Foi então que resolvi assumir a produção desse trabalho com o auxílio imprescindível do Laboratório de Gravura, do Prof. Marcel

Esperante e dos companheiros de Ateliê. Outro fator que potencializou o desejo de criar a cortina em cianotipia foi haver visitado o espaço expositivo da Graça do Aché, que tem um saguão circular amarelo, e a possibilidade de expor os tecidos nesse espaço. Imaginei que as grandes cortinas em Azul da Prússia ficariam belíssimas naquele espaço circular amarelo gema.

Nesta investigação técnica assisti a muitas vídeo-aulas do Lab-Clube, um coletivo de São Paulo que ensina a cianotipia sobre vários suportes, além de vender os materiais. No meu caso, comprei os químicos Ferricianeto de Potássio e Citrato de Amônio e Ferro, além de água destilada e ácido cítrico em distribuidora de produtos químicos aqui na cidade de Uberlândia mesmo, em grandes quantidades, deixando o valor mais acessível e duradouro. Mas assisti a muitas e muitas aulas sobre cianotipia em tecido e isso me deu confiança e base para seguir com o plano de realizar a cortina. Usei o tecido brim, que de acordo com as pesquisas, é um tecido que tem ótimo custo-benefício e resultados ótimos. Como a peça será usada de cortina em minha casa, também considerei um tecido que fosse resistente. O brim tem uma outra característica, dentre todos os outros tecidos, que é a possibilidade de usá-lo dupla-face, podendo realizar diferentes impressões em cianotipia em cada um dos lados do tecido.



preparando grandes quantidades de químicos e improvisando um quarto escuro para secagem no quarto da minha filha.

Tendo a parte técnica resolvida e assegurada, parti então para pensar como seria a representação de nós duas, mãe e filha, nesse trabalho. A imagem da filha veio mais fácil, enrolada em algo como uma placenta, o cordão umbilical, o líquido amniótico representado pelos peixes, a escuridão do útero representado pelas estrelas e pela lua, a criança em posição fetal.

Entretanto, tive dificuldades em visualizar a imagem da mãe, talvez pelo excesso de identificação comigo mesma, mas isso trouxe inclusive um aspecto mais vivo à imagem da mãe, com contornos menos definidos e até uma certa transparência, resultado do suor do corpo real sobre o tecido imantado ao sol, que trouxe manchas que afinal pareciam órgãos. E no fim, esteticamente, a imagem da mãe me agradou muito! Em vários trabalhos a arte me ajuda a me enxergar, me ver, me definir. De alguma forma, nesse trabalho aconteceu a mesma coisa.





processos, processos, processos.

Contei com a ajuda de muitas pessoas para realizar esse trabalho: as reuniões semanais de orientação com a Prof. Clarissa Borges, as conversas e uso do espaço do Ateliê de gravura, os amigos que me ajudaram a esticar o tecido na hora da exposição ao sol e rapidamente inserir os elementos sobre a cortina, a minha mãe que costurou as barras do tecido e fez as presilhas superiores para que se tornasse uma cortina, meu pai que me ajudou a pendurá-la no espaço expositivo da Graça do Aché/UFU, uma de frente à outra, diferentemente da ideia inicial que foi pensada para o espaço doméstico em que uma cortina ficará ao lado da outra

O trabalho recebeu o título de "A menina é a mãe da mulher", em releitura à frase de Machado de Assis "O menino é o pai do homem", fazendo alusão à continuidade da vida e o renascimento da mulher depois que se torna mãe, e o trabalho está exposto até do dia 30 de Janeiro no Espaço Cultural Graça do Aché.

Reuni fotos e vídeos do processo de criação das cortinas e editei um pequeno vídeo relatando o processo:

<http://youtube.com/watch?v=DIWjftiSU3o&t=2s>

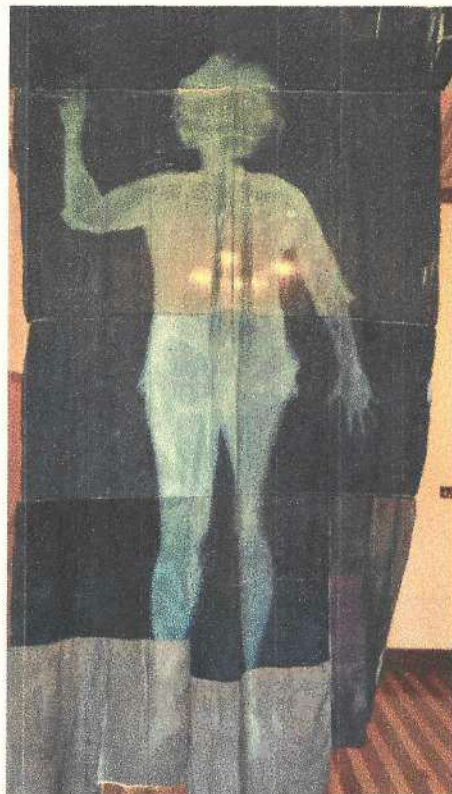


Exposição "A menina é a mãe da mulher", Graça do Aché, Uberlândia/MG. Janeiro/23.

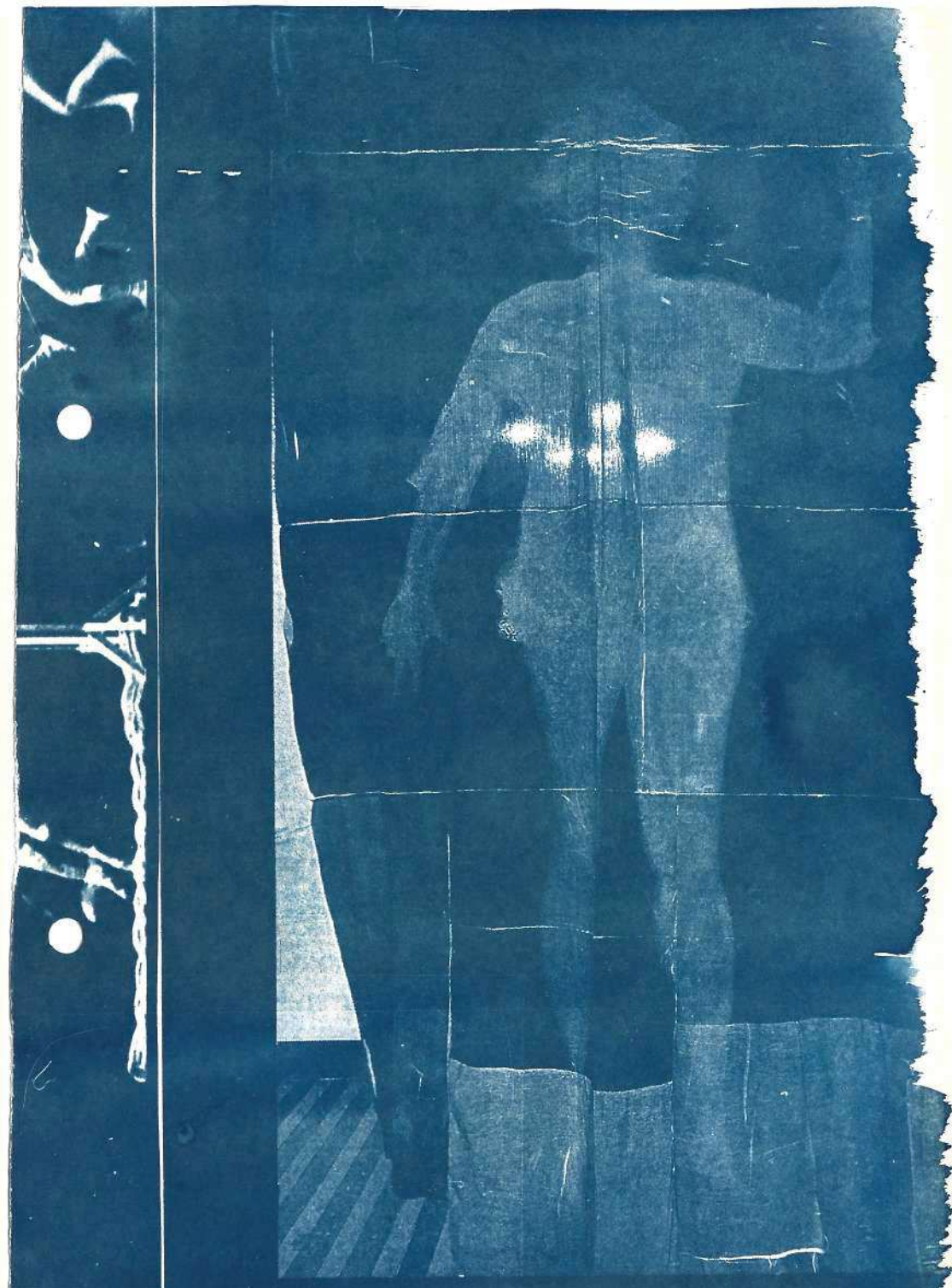
O processo de passar os químicos no tecido, pelas minhas pesquisas, pode ser feito de duas formas: utilizando um pincel, ou por imersão. De qualquer forma, é importante que o excesso de químicos seja retirado do tecido. Devido às dimensões das cortinas, optei pelo processo de imersão, e para a remoção do excesso, utilizei minha máquina de lavar roupa no modo centrifugar. Com isso, retirando a mangueira da máquina, consegui coletar de voltar bastante químico. Uma vez que os químicos estão misturados, é preciso que eles sejam aplicados à superfície, então comecei a passá-los sobre muitos papéis e tecidos que tinha disponível pela casa, para uso posterior em oficinas ou projetos.

Depois da exposição A menina é a mãe da mulher, realizada na Graça do Aché, enviei uma proposta de exposição para a Secretaria de Cultura e Turismo de Uberlândia, por meio de edital. A proposta Não há descanso do coração sobre a pelve foi contemplada e, nessa mostra, apresentei nove obras que dialogavam com o tema da maternidade, na Casa da Cultura de Uberlândia. Nesse processo, produzi mais uma grande cianotipia, que passou a integrar a série A menina é a mãe da mulher. Essa última cortina foi confeccionada com retalhos de tecidos variados e trazia a imagem de minha mãe. A série passou então a reunir três cortinas: a minha, a de minha mãe e a de minha

filha. Essas três cortinas já foram expostas em conjunto com a obra O fio da vida (que aparece na contracapa deste livro), uma fotografia em cianotipia que mostra as três mulheres da família conectadas por um fio que sai de suas bocas — referência direta à obra Por um fio, de Anna Maria Maiolino. Esse conjunto esteve presente em diferentes mostras, como o Festival de Fotografia de Paranapiacaba/SP (2023) e a exposição Casa de Mulheres (2023), no MAM de Salvador.



A terceira cortina, em exposição na Casa da Cultura, Uberlândia/MG.



Por detrás das cortinas, procurando memórias

A trajetória da pesquisa artística é envolta em tramas e nós bem atados. Em uma exposição, como a de Malu Teodoro e Raísa Gomes, o que vemos já é um tecido bem construído e costurado. Mas quais foram os caminhos que elas fizeram para chegar nesta trama? Seria possível prever estes resultados? Como orientadora destes projetos o exercício mais desafiador, e às vezes árduo, é o de observar sem intervir. É possível indicar

Cartas
em
azul

Cada artista descobre seu processo, começa a compreender como caminhar ao dar vários passos, cai, levanta, corre. Pausa e respira. Agora é o momento de desfrutarmos do resultado, de vermos um pequeno retrato do que foi este ano de investigação e arte.

Clarissa Borges

Artista, Profa. Dra. do Curso de Artes Visuais - UFU Orientadora das artistas/alunas desta exposição

Por detrás das cortinas, procurando memórias

A trajetória da pesquisa artística é envolta em tramas e nós bem atados. Em uma exposição, como a de Malu Teodoro e Raísa Gomes, o que vemos já é um tecido bem construído e costurado. Mas quais foram os caminhos que elas fizeram para chegar nesta trama? Seria possível prever estes resultados? Como orientadora destes projetos o exercício mais desafiador, e às vezes árduo, é o de observar sem intervir. É possível indicar livros, discutir textos, mostrar artistas, propor diálogos, mas existe um tempo importante para criação que é individual e incontrolável. Neste momento a paciência e a confiança são grandes aliadas.

Dos bastidores deste processo posso revelar que o projeto "Fabulações Maternas: relações entre infância, arte e educação", se transformou em "A menina é a mãe da mulher". Uma proposição divertida e provocativa. Mostra o exercício constante que Malu Teodoro faz de se deixar contaminar por sua filha. O mundo de Inaê invade as obras, enquanto a mãe/artista apresenta para a filha o universo da arte. A troca é absoluta, seu processo é fluido como podemos ver nas suas cortinas azuis em cianotipia. Definir um território, um limite ou uma autoria seria como acorrentar Malu.

Mas e se o mergulho necessário for no passado? Para onde iremos? Raísa Gomes se lançou neste desafio e na tentativa de entender a casa nova que habitava buscou memórias antigas. Propôs pensar os "Encontros e desencontros: a mulher e o espaço domiciliar". Contudo, termina investigando a relação de seu próprio corpo com o espaço da casa, apresentando a exposição "CORPO-CASA: uma exploração e invenção de si". A casa do presente e a casa do passado se encontram nesta mostra, seu corpo e suas memórias invadem estes lugares, transformando-os em imaginação.

Cada artista descobre seu processo, começa a compreender como caminhar ao dar vários passos, cai, levanta, corre. Pausa e respira. Agora é o momento de desfrutarmos do resultado, de vermos um pequeno retrato do que foi este ano de investigação e arte.

Clarissa Borges

Artista, Profa. Dra. do Curso de Artes Visuais - UFU Orientadora das artistas/alunas desta exposição

mariameteora passei a noite passada alinhavando pedaços de tecidos já preparados pra fazer cianotipia, que juntos formaram algo como um lençol ou uma cortina, feita de diversos pedaços de tecidos diferentes. pra fazer uma imagem da minha mãe. e diferente das cortinas prévias, esse alinhavei eu, a mãe recortada em muitos pedaços e remendada à noite, na luz branda, pra depois durante o dia e no momento propício, receber o sol, muito sol. assim como a mãe, sol, solange. nesse momento de noite e madrugada muitas coisas acontecem, muitos trabalhos nascem e terminam. lembrei que tinha esses retalhos enquanto fazia inaê dormir e depois tudo aconteceu. nos meus planos a forma de fazer isso seria outra, outro processo, mas na noite algo nasceu. brilhou no dia. eu achei bonito como minha mãe chamou meu pai pra colocar a mão ali do lado, assim como fazia eu. e foi a inaê quem fotografou, amor

134w See translation

Maternidade ~ Sem tempo ~ poucas idéias

Um projeto dentro do gesto outro
que gesta outro
ovo

Ovo Placenta universos

EXPOSIÇÃO ABRIR-SE EXPÔR-SE

SOMBRAS E RASTROS : FOTOGRAFIA
GRAVURA
CYANO

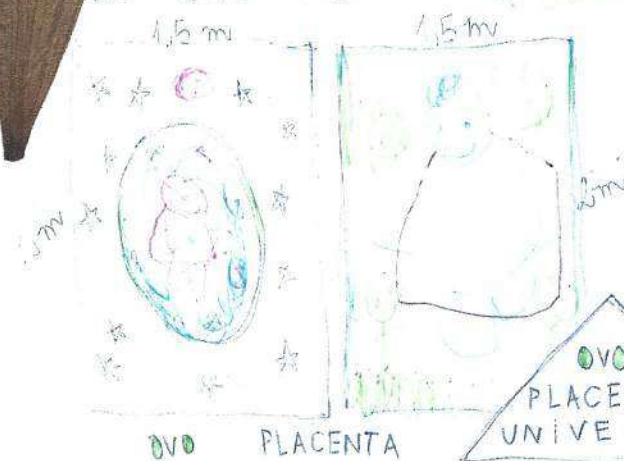
ESCONDER E REVELAR

O JOGO DE

A MENINA É A MÃE
DA MULHER

CORTINA
TECIDO
RENDADO

QUAL É A IMAGEM
DA MÃE?





(1000 ml)

20g -

20g - 100 ml
p - 1,000 ml

100x -

100x -

(100g)

(100g)

(100g)

(100g)

14. 12 -
Uma descrição em termos de presença
relativa de um sistema de segurança

- Unidade de Segurança!
de um sistema
de segurança (quando há uma
inflamação / risco)

* Na fase, também há presença de uma
de "Voz" (voz) de um sistema, sempre
interior: (Pode ser um sistema de segurança
de um sistema de segurança)

- Segurança de um sistema (papel
de um sistema de segurança)

- Segurança de um sistema - presença, mas
sem um sistema de segurança de um sistema
de segurança

- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança

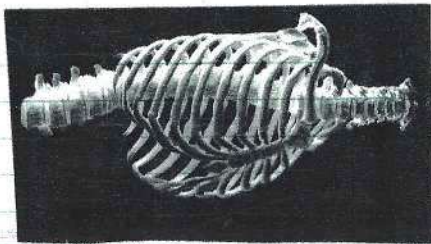
- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança

- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança

- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança

- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança

- Segurança de um sistema, mas sem um
sistema de segurança de um sistema de segurança



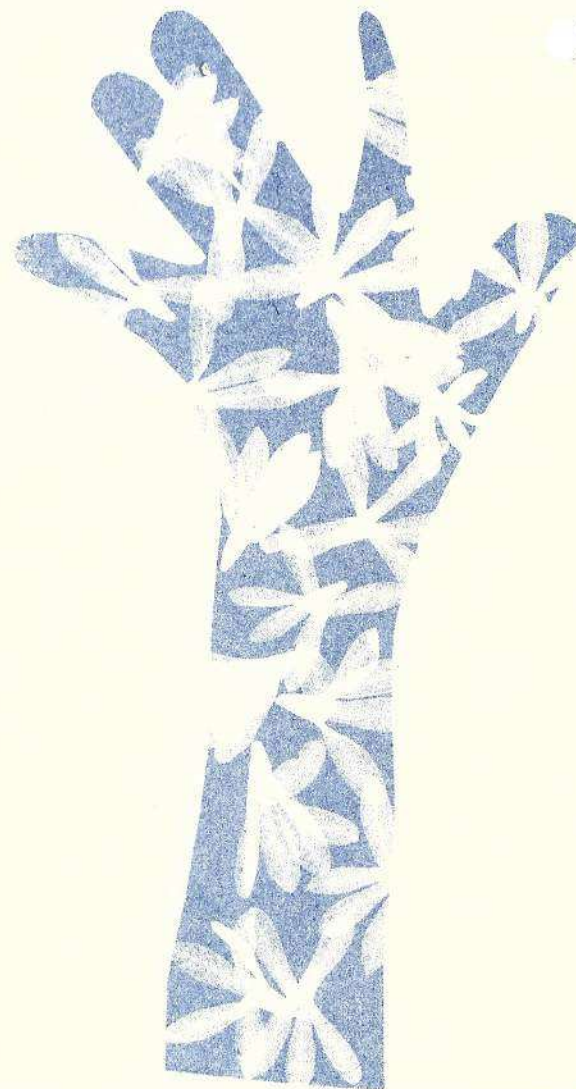
18-012-22

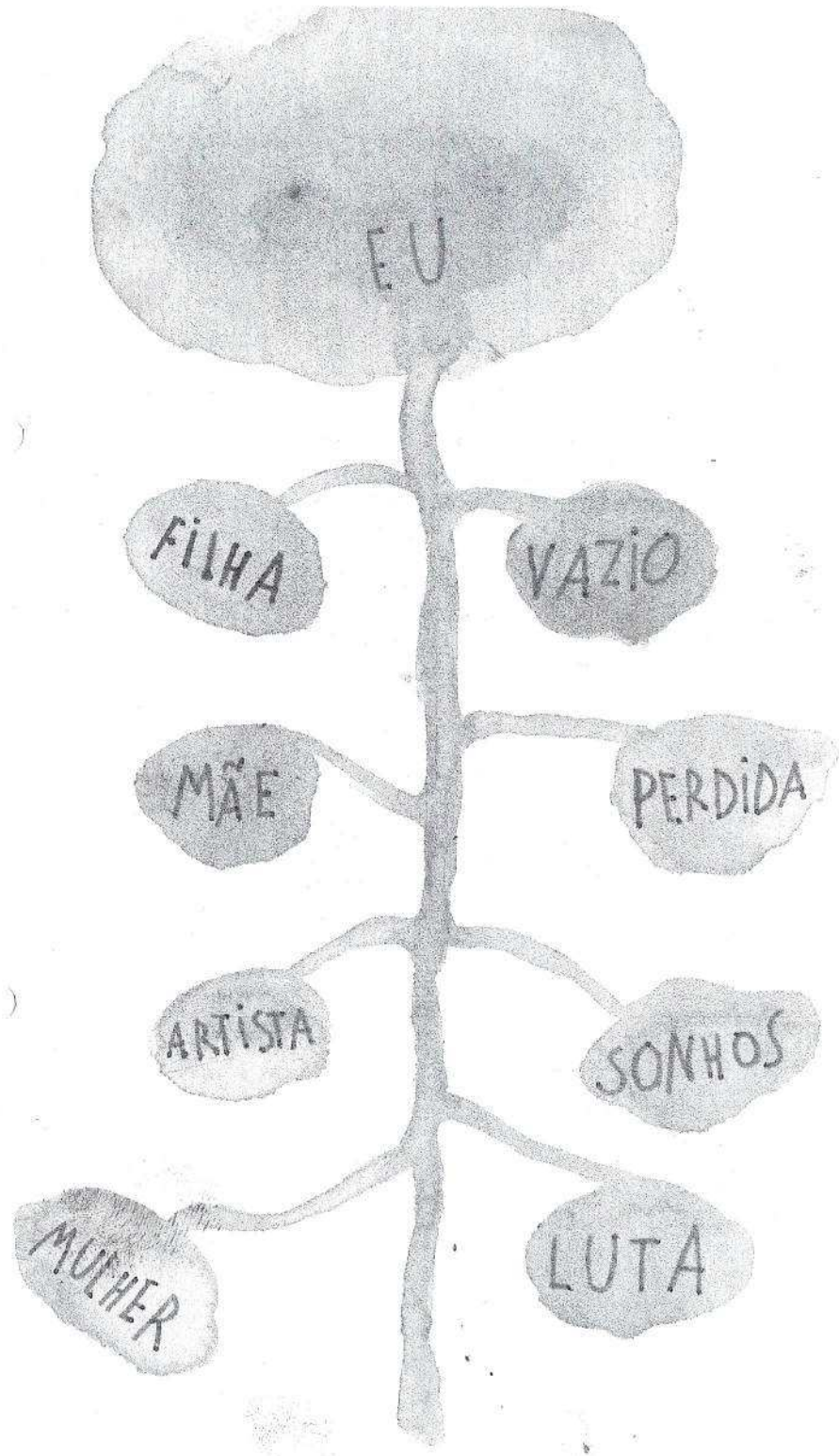
Comprei 5m de Grin Sargento Sargento

- ① - lavar e
- ② - Acidificar - preparar 4 litros* de água com ácido nítrico para tal.
- ③ - lavar - quanto da amostra. Pensando inclusive em colocar para lavar no quinto do Inai (tomá-lo como amostra, labor de fotossíntese)



* 1,600 de salmão e/ ou amêijoas
bastante?



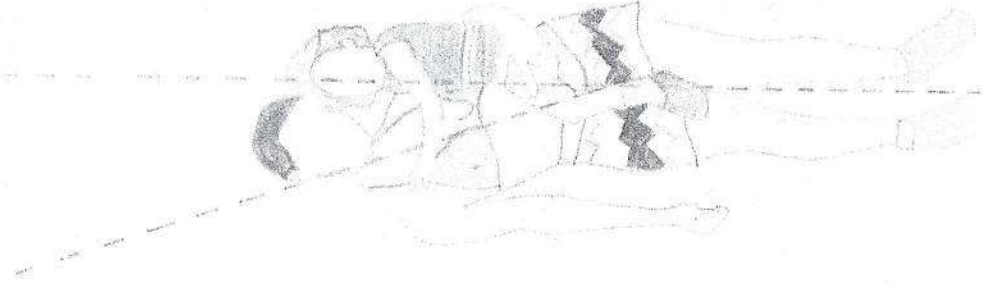


duas pernas
duas mãos
suportam quatro
oito
66 vértebras
mais de cinquenta dentes
e 2 corações
o próprio eixo quebrado
rota
desviada à esquerda
rompe suas estruturas ósseas (não só)
a fim de ser sustentado.

dizem-lhe:
"retoma-te a tua liberdade"
mas quem garante que não cairão?
quem estará junto aos escombros?

treme terra
eu não solto, apalo e nem me abro

não há descanso do coração sobre a pelve.



a. mãe
monstra

peixes, bifeis
e urubus

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MÃE:

Trabalhar sem a pressão do sucesso
Produzir na precariedade enquanto mexe o feijão
Utilizar somente materiais permitidos na creche
Jornadas múltiplas infinitas
Trabalhar em estado de sobrecarga e exaustão sob luz artificial
Ser preterida do circuito das artes por não ser uma mulher branca
Desromantizar o título de mãe solo guerreira enquanto manobra negligências patas
Livrar-se do assédio masculino e vernissages pedantes
Empreender para pagar as contas
Escolher entre dormir ou produzir
Não expor ao lado de homens
Limitar a atuação no online, na própria cidade ou na própria residência
Expor em museus onde crianças não são bem vindas
Precisar provar que não faz baby art
Fazer arte com o próprio leite e placenta

MÃES ARTISTAS COM ÓDIO **GUERRILHA MAMAS** MÃES TAMBÉM COEIAM.
@GUERRILHAMAMAS



A MÃE MONSTRA



imoral. / quem é a mãe mostra? / a mãe mostra é a mãe que se conta. / a mãe que carrega o celular no suvaco enquanto o procura pelo apartamento hall e elevador // uma mãe que busca refúgio, respiro na arte // foi nomeada pela primeira vez durante a pandemia. morávamos noutro apartamento, do outro lado da cidade. uma planta ainda temos de lá, uma gata, a mãe e a criança. / era pandemia e era puerpério / 2021 / e o projeto se imprime em 900 unidades em novembro de 2.023/ durante o festival entreartes, do Instituto de arte da universidade federal de uberlândia, que viabilizou a impressão desse trabalho via piac estudantil. / foi um longo, longuíssimo caminho para que essa obra chegasse a acontecer. /e é sobre isso que esse texto se dedica.

palavras-chave: fotoperformance, maternidade, arte-educação, literatura, movimento social.

A mãe monstr a

A pandemia global do Coronavírus alterou a forma como vivemos em sociedade, causando enormes danos e restrições. Os impactos foram sentidos por todos os indivíduos, mas sobretudo as camadas mais vulneráveis da sociedade foram afetadas: idosos, pessoas com comorbidades, crianças, mães e cuidadores. As crianças passaram dois anos sem frequentar a escola e outras atividades sociais importantes nessa etapa do desenvolvimento humano. As mães perderam o que tinham de rede de apoio (como a escola), e passavam os dias, quando possível, com as crianças em casa. Trabalhavam de casa enquanto cozinhavam, lavavam roupa, louça, respondiam mensagens, escreviam livros, cuidavam das crianças, serviam água.

No meu caso especificamente, digo que tive dois anos de isolamento ocasionado pelo puerpério e aleitamento materno, e quando estava pronta para sair desse isolamento, veio a pandemia, trancafiando-me novamente dentro de casa. Foram quatro anos de isolamento em que me mudei de país, me adaptei em outro continente com uma filha de colo e todas as burocracias a resolver e rede de apoio a construir, vivi um casamento problemático, me separei, divorciei, voltei ao meu país, mudei de casa algumas vezes, me dediquei como nunca ao meu trabalho autoral e ingressei na Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia.

Essas questões podem parecer pessoais demais, porém, ao se tratar de uma trabalho ligado ao que eu - uma mãe - vivia na época e também aos aspectos sociais daquele momento específico, elas se fazem importantes. Questões íntimas e pessoais que também dizem respeito a todo um grupo de pessoas: mães de crianças pequenas durante a pandemia.

Dito isto, esse texto vai buscar dar conta de delinear o percurso da criação do livro de artista *A Mãe Mostra* nas diversas camadas que ele percorreu até ser publicado, e ser contado, por fim, nesse texto.

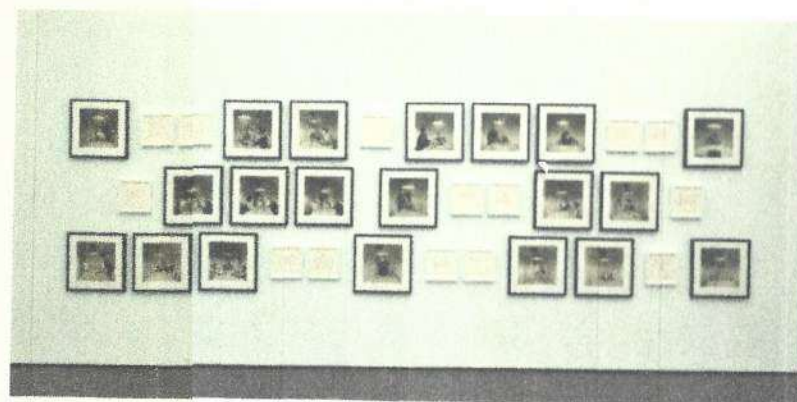
A criação da monstra a

Realizei as fotografias em um dia qualquer da pandemia, quando um sábado não diferia em nada de uma quarta-feira. Havia encontrado uma receita de massinha de modelar caseira, e no outro dia logo cedo fomos à cozinha para prepará-la. Não deu muito certo, ficou gosmenta, e a criança não quis brincar com aquilo. Algum tempo depois, aquela massa estava na cara da mãe. As franjas haviam sido aparadas recentemente, e os restos de cabelos também foram compor com essa máscara. A criança, nesse período, com três anos, andava a falar de monstros, e logo começou um jogo de encenação em que a mãe se transformou em um ser monstruoso. A criança ora acreditava e pedia pela mãe, ora se deixava levar pela brincadeira.

A Mãe Monstra surgiu de um misto de brincadeira e colapso: brincadeira para a criança e colapso nervoso para a mãe - mas também poderia ser ao contrário. A verdade é que a pandemia foi um balde de água fria para essa mãe, que após dois anos de aleitamento materno, se via na esperança de finalizar esse processo e poder retomar a sua vida social e profissional, quando, de repente, retornou ao lar, e dessa vez, totalmente sozinha, sem rede de apoio, divorciada, sem escola, apenas uma mãe e sua criança fechadas em um cubículo. Essas circunstâncias, entretanto, foram definitivas para a criação desse projeto e outros que vieram em seguida, para trabalhar o encontro da criação artística e a maternidade como tema de pesquisa em arte.

Em igual relevância, neste projeto, as fotografias são acompanhadas de textos escritos em terceira pessoa. Os textos nasceram a posteriori, quando, durante os dias que seguiam à fotoperformance, aquela criatura aparecia de visita, era acolhida, e a mãe escrevia um breve texto como ~~subtexto~~ refúgio para lidar com a pressão que era maternar e cuidar de uma criança pequena naquele contexto. São como contos curtos sobre uma mãe pandêmica, exausta, sem recursos, com medo, raiva, e também um bocado amorosa. O fato de ter escrito os textos na terceira pessoa do singular, como se A Mãe Monstra fosse outra pessoa, externa ao eu-lírico, contribuiu para que o texto tivesse um caráter mais irônico e escrachado. Foi a primeira vez que escrevi algo assim, utilizando desse tempo verbal, e com ele a surpresa da liberdade de me desvincular do autor confessional.

Uma grande referência para A Mãe Monstra, que só foi relacionada depois da criação do trabalho, é a série *The Kitchen Table Serie* (1990), da artista americana Carrie Mae Weems. Nessa série de fotografias em preto e branco, a artista, a partir de um mesmo enquadramento (a mesa da cozinha), retrata vários momentos da vida de uma mulher. A série de fotografias é complementada por textos escritos pela própria artista. E juntos, textos e fotografias compõem belíssimas montagens expositivas. *The Kitchen Table Serie* foi exposto em diversas montagens diferentes, foi finalizado em formato de livro, e no Brasil foi publicado um artigo na Revista ZUM de Fotografia, do Instituto Moreira Salles:



Kitchen Table Series, de Carrie Mae Weems, MFAH Collections



The Kitchen Table Series, Carrie Mae Weems, Revista ZUM de Fotografia, Edição #20, Instituto Moreira Salles.

A Mãe Mostra quer falar também sobre fotografias e retratos de família. Existe uma história de invisibilidade das mães nas fotos de família, seja pela antiga cena da mãe por baixo dos lençóis, apenas segurando a criança; seja pela invisibilidade do trabalho do cuidado, em que nas famílias se percebe a ausência de fotografias de mães e suas crianças, uma vez que muitas vezes elas mesmas estão fotografando, ou quem está por perto não se ocupa de fotografá-las em situações de cuidado e afeto. Percebi-me nessa situação quando, todos os anos preparando o aniversário de minha filha, data em que uma vez por ano o pai dela vem visitá-la, e além de preparar a festinha, era eu quem também estava cobrindo a função de fotografar o evento; e quem está sempre ao lado dela nas fotografias de aniversário? o pai. que apenas chegou para a festa. Demorei a notar essa ausência da principal cuidadora nas fotografias, mas ela é real. As principais fotos que temos são selfies, ou quando, entre um cuidado e outro, respiro em momentos de criação, e tomo coragem para buscar a câmera, configurá-la com o timer, e fazer uma foto. Clarissa Borges em sua tese de doutorado, no capítulo em que discorre sobre A artista como mãe, escreve:



É pertinente lembrar que o autorretrato representado pela maternidade é um tipo de imagem recente nas Artes Visuais no ocidente. Uma das primeiras artistas reconhecidas que realizou uma pintura na qual se apresentou com sua filha, fazendo, portanto, um autorretrato como mãe, foi Elisabeth-Louise Vigée-Lebrun, em Paris, em 1786. (...) Vigée-Lebrun parece desafiar a cultura artística francesa da época quando se coloca em seu quadro em uma relação amorosa, particular e singela com sua própria filha, pois não se retrata com o marido, o pai, ou em sua atuação profissional. Seu autorretrato é como mãe. (BORGES, 2019, P. 238)

Elisabeth Louise Vigée Le Brun (1755-1842), "Autorretrato com sua filha Julie" (1786), 105 x 84 cm, Musée du Louvre, Paris.

Em *A Mãe Mostra*, a mãe está em uma situação de performance de vida doméstica, e também de fotógrafa. A criança, aos três anos de idade, já consegue entender tanto a relação de performar para uma imagem fotográfica, quanto de preparar uma câmera para a fotografia, incluindo aí questões de enquadramento e temporização. O ambiente doméstico, a artista em criação junto com a filha visa dar visibilidade às práticas artísticas contemporâneas e

desconstrução de modelos políticos autoritários e de representações misóginas sobre os corpos femininos. Compreender essas práticas levadas a cabo por mulheres como práticas de si amplia o olhar para as resistências micropolíticas, no plano das subjetividades que aspiram também uma transformação cultural, social e política mais copiosa. (TVARDOVSKAS, citada por BORGES, 2019, P. 239)

O trabalho foi realizado então entre 2021 e 2023, e foi apresentado e lapidado em diversas aulas e ateliês, como: disciplina Dramaturgia do Corpo II, no curso de Dança, com o professor Alexandre Molina, em que apresentei o trabalho como meu projeto final, fazendo uma leitura performática dos textos; em 2022 fui selecionado para o CLIPE - Curso de Formação de Escritores, da Casa da Rosas - Espaço Haroldo de Campos, em São Paulo, que oferece esse curso de forma online, em que 2 vezes por semana, em dois encontros síncronos, um grupo de escritores por sete meses desenvolve um trabalho de escrita, contando com professores como Plínio Camilo, Veronica Stigger, Lourenço Mutarelli, entre outros. Em 2023, realizei um Ateliê de Fotografia com o professor Paulo Angerami, no curso de Artes Visuais na UFU, onde, com o apoio do professor e do grupo de alunos, elaborei um projeto visando submetê-lo ao PIAC Estudantil, e que será apresentado ao final desse texto. Esse projeto chamado Festival Mães da UFU contou com algumas ações pontuais e uma delas é a impressão do livro *A Mãe Mostra*. Por fim, no segundo semestre de 2023, com o projeto contemplado, realizei outro Ateliê de Fotografia, dessa vez com a professora Clarissa Borges, em que me dediquei a finalizar o projeto gráfico do livro, diagramação e finalização das imagens e arquivo para a impressão. Também realizei a revisão dos textos do livro, contando com o apoio da amiga e doutoranda em Estudos Literários Maria Tereza Azevedo. Realizei o projeto gráfico e lidei com diversos desafios, como a limitação financeira que eu tinha para a impressão do trabalho, escolha dos materiais para a impressão, escolha da gráfica, etc. O trabalho foi

impresso na Gráfica Côrtes, em Uberlândia, em uma cor, com miolo em 80 páginas no papel pólen bold 90g, e capa em papel Kraft 300g, grameado estilo canoa/revista, em uma tiragem de 800 cópias.

Ao mesmo tempo em que realizava essas ações no Ateliê de Fotografia, também cursava o ateliê de Serigrafia com o professor Marcel Esperante, onde realizava um trabalho em serigrafia em 3 cores com uma imagem da série que servirá como capa especial do livro. Importante relatar também que o livro será distribuição gratuita durante o lançamento, e que apesar de ser contemplada pelo PIAC para desenvolvimento do projeto, eu não recebi remuneração para desenvolvê-lo ou coordenar o projeto, e como artista independente que não tem outras formas de renda, o retorno financeiro de meu trabalho artístico é muito importante para sustentar a mim e minha filha, dessa forma, reservo metade da tiragem (400 unidades) para a venda. Além do livro impresso em preto e branco e preço módico, criei a versão especial do livro que tem capa em serigrafia assinada e numerada, costura artesanal com linha de algodão e pintura da lombada.

Um projeto vai se imbricando em outro, em outro, em outros. Os ateliês, pesquisas e experimentações na vida e dentro da universidade vão se encontrando e abrindo espaço para criações e relações imprevisíveis. Gosto de pensar o terreno da pesquisa e da criação dessa forma: viva e fértil. A vida, a educação, a pesquisa, a criação, a graduação e a maternagem como uma grande residência artística, fluida, atenta e (auto) nutritiva.



capa em serigrafia do livro A Mãe Mostra

A CRIAÇÃO DO COLETIVO

O projeto Mães+ da UFU nasceu do desejo pessoal de realizar as ações nele propostas: uma residência para mães e suas crias, que aconteceu no MUNA, uma festa para mães e suas crias, que aconteceu na tenda Olívia Calábria, e o lançamento do livro A Mãe Mostra. O projeto também criou a coletiva Mães+ da UFU, remunerando financeiramente 10 mulheres, entre elas, 7 mães; e tem desenvolvido outras ações que vão além do que foi proposto inicialmente no projeto, como a escrita coletiva de artigos científicos. O projeto recebeu o Prêmio destaque de Práticas Culturais "Cora Pavan Capparelli", que é uma distinção da UFU criada para premiar e valorizar práticas culturais que se destacaram em cada um dos campi da universidade, outorgando anualmente a docentes, discentes e técnicos-administrativos que desenvolvam atividades culturais relevantes no âmbito da instituição, conforme editais específicos publicados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc/UFU).

O projeto Festival/Coletiva Mães da UFU foi contemplado pelo Programa Institucional de Apoio à Cultura - PIAC-ESTUDANTIL EDIÇÃO UFU 45 ANOS da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia -Proexc/UFU. E sua proposta consistiu em quatro ações descritas a seguir:

1. Residência artística para mães e suas crias
(5, 12 e 19 de Agosto/2023)

A residência "ATENÇÃO MÃES TRABALHANDO" aconteceu no MUNA - Museu Universitário de Arte, e foi aberta a todas as pessoas interessadas. A proposta foi que em 3 dias de encontros, criássemos um coletivo de mães e pensássemos ações para chamar a atenção para a existência das mães universitárias e a ausência de iniciativas da universidade que atendessem às demandas específicas dessas pessoas. Houve uma equipe de duas auxiliares para ajudar nos cuidados com as crianças enquanto as mães trabalhavam. Carga horária: 9h, sendo 3 horas por dia. Houve a emissão de certificado para as participantes.

2. Nave Mãe - Festa para mães e suas crias (26 de Agosto/2023)

Ao final da residência, realizamos uma festa na lona cultural Olívia Calábria pensada para mães e suas crias, aberta a toda a comunidade. Pudemos contar com mães empreendedoras para oferecer seus produtos de consumo - comida, bebida, e também outros itens que produziam. Houve uma equipe para auxiliar nos cuidados com as crianças e certificado para todas as

participantes.

3. Publicação do livro "A mãe mostra" (22 de Novembro/2023)
A mãe mostra foi a revolta da mãe exausta e sem recurso criada no laboratório do patriarcado e desmantelada pela pandemia. O ensaio fotográfico foi uma fotoperformance de Malu e Inaê Teodoro (3 anos) feito em casa durante o isolamento social, e os textos que acompanharam as imagens foram de Malu Teodoro. Esta etapa do projeto consistiu em finalizar as fotoperformances e textos literários intitulados "A Mãe Mostra" em uma publicação. Para tal, as imagens já realizadas e os textos já escritos foram revisados e finalizados, o livro foi diagramado e impresso em offset.

4. Lançamento do livro e roda de conversa

O lançamento do livro aconteceu na UFU, durante o evento Entreartes, e os exemplares foram distribuídos às pessoas presentes. Houve nesta ocasião uma apresentação do livro e a autora fez leituras do livro como forma de sensibilização para a questão das mães no ambiente universitário, em seguida a roda de conversa foi conduzida de forma a pensar as questões das discentes mães, como suas necessidades, urgências, acesso, permanência e progressão dentro da academia.

Esse projeto inicia uma discussão ainda tímida dentro da Universidade Federal de Uberlândia: a presença das mães na instituição. A universidade não dispõe de um espaço para acolher os filhos das mulheres que a frequentam, sejam discentes, técnicas ou docentes. Quais outras necessidades as mães universitárias enfrentaram para permanecer na universidade? Quais questões sociais dificultaram seu acesso? Quais programas de permanência realmente colaboraram para que essas mulheres pudessem seguir seus percursos acadêmicos? E, uma vez inseridas, de que forma puderam progredir em suas carreiras? Essas questões permanecem em aberto, mas, enquanto coletivo, tivemos a chance de nos organizar para pensá-las e devolvê-las à sociedade, uma vez que, de acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), "as crianças e adolescentes são sujeitos de direito, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e do Estado".

Essa reflexão sobre os direitos das crianças e a necessidade de políticas institucionais de acolhimento encontra paralelo em outros contextos sociais, como o meio artístico.

O meio artístico é sistematicamente dependente da socialização, da formação de conexões e parcerias, para a manutenção da atuação no campo e para possibilidades de inserção no mercado. Muitas vezes, a presença de mulheres mães nesse sistema se torna insustentável, pois a maternidade, na sociedade contemporânea, muitas vezes significa também privação de liberdade. Observadas as devidas intersecções, essas mulheres se vêem frequentemente impossibilitadas de frequentar vernissages, galerias ou espaços artístico-acadêmicos pela ocupação com os cuidados maternos e pela dificuldade de aceitação de crianças nesses locais muitas vezes elitizados, que não comportam corpos que não dominem seus códigos. Nesse sentido, essa ação se constitui num ato de resistência, na construção de um espaço independente, com códigos outros, totalmente gerido por corpos que entendem e atendem as necessidades da condição materna no mundo da arte (Albertim; Lima, 2021).

Foi a partir dessa realidade que, no Festival Mães da UFU, buscamos construir espaços de acolhimento que rompessem com essa lógica. Um exemplo foi a festa de encerramento realizada na lona cultural Olívia Calábria, organizada especialmente para que mães pudessem estar presentes com suas crianças. Essa escolha respondia a uma questão prática e simbólica: muitas vezes, as mães não tinham com quem deixar seus filhos – e, em alguns casos, não desejavam deixá-los – e, por isso, eram privadas do convívio social, já que os espaços públicos raramente são pensados para a presença infantil. Esse isolamento e a solidão no pós-parto não são questões menores, mas fatores que podem agravar-se a ponto de se tornarem um problema de saúde pública invisível, como evidencia o dado de que 25% das mães no puerpério sofrem de depressão pós-parto, desencadeada não apenas pelas alterações hormonais, mas, sobretudo, pelas condições sociais às quais essas mulheres estão submetidas. Assim, todas as ações do projeto buscaram iluminar os impactos da maternidade na experiência de mães universitárias, ao mesmo tempo em que criavam alternativas de convivência, acolhimento e resistência.

A Residência ATENÇÃO MÃES TRABALHANDO aconteceu aos sábados de Agosto: 5, 12 e 19 de Agosto de 2023. Foi um encontro aberto para mães e crianças dentro do museu. Essa residência aconteceu dentro do evento "Cheio-vazio: Muna experimental", um projeto de ocupação do museu com artes mais efêmeras, organizado pela docente da dança Claudia Muller. No encontro do dia 19/08 aconteceu uma roda de conversa, brincadeiras de

corda, bambolê, patinete, pintura, massagem coletiva entre as mães e os pequenos e um piquenique coletivo.

Foi interessante (no mínimo) no sentido de colocar crianças no museu vazio, não como observadoras, mas utilizando o espaço para viverem, como crianças que eram. Também foi transgressor, porque quando crianças estavam no museu ativamente, muitas questões surgiram, como: era permitido comer no museu? podia usar tinta dentro de um museu? podia criança brincar, correr, gritar, andar de patinete dentro do museu? podia criança ser criança? podia criança? Em nossa sociedade adultocêntrica, são poucos os locais onde as crianças podem existir sendo crianças. A universidade é um espaço que não acolhe crianças, porém, se a universidade não acolhe crianças, ela exclui as mães, comumente as principais cuidadoras das crianças. E nesse caminho, a maternidade torna-se um desafio para a mulher que é mãe, que perde significativas oportunidades de ingresso, permanência e progressão dentro do ambiente acadêmico. As portas se fecharam para as mães, e a porta da academia também é fechada para elas, quando não há uma política de integração das mesmas dentro dessas instituições. O projeto Mães da UFU teve o intuito de criar uma coletiva de mães que coordenasse ações para garantir os direitos dessas mães (e crianças) dentro da universidade, trazendo visibilidade para a existência e resistência dessas mulheres na Universidade Federal de Uberlândia.

No dia 26 de Agosto, a Coletiva Mães da UFU convidou toda a comunidade para a festa Nave Mãe, que aconteceu na lona cultural Olívia Calábria. Houve recreação para os pequenos e uma programação cultural para as mães, com música, sarau, feirinha, intervenções, uma roda de acolhimento promovida pelo Materniência, coletivo parceiro que também atuou na Universidade. E emissão de certificado. Importante, pois mães também precisaram dessas horas em atividades de extensão, que muitas vezes não conseguiram participar exatamente por serem mães.

considerações finais

A partir da experiência com A Mãe Mostra e da consolidação do projeto Mães da UFU, ficou evidente que a maternidade, quando atravessa os espaços da arte e da universidade, não pode mais ser relegada à invisibilidade ou ao silêncio. Esses trabalhos revelam que a criação artística e a vida acadêmica não estão dissociadas da realidade cotidiana das mulheres-mães, mas são atravessadas por ela em todos os níveis – subjetivo, social, cultural e político. A fotoperformance, a escrita e a formação de um coletivo se constituíram como estratégias de resistência diante de estruturas que ainda insistem em excluir corpos maternos, seja pela ausência de políticas institucionais, seja pela manutenção de códigos sociais que não reconhecem crianças e mães como parte legítima desses espaços.

Assim, o projeto não apenas gerou produções artísticas, mas também fomentou um debate urgente sobre permanência, acolhimento e direitos dentro da universidade. Colocar mães e crianças no museu, organizar festas e residências artísticas em que a maternidade fosse central, imprimir e distribuir um livro nascido da experiência materna: todas essas ações reafirmam que criar é também um ato político de afirmação da vida. Ao propor espaços onde mães possam existir com suas crias, sem a necessidade de fracionar suas identidades, o projeto evidencia que a maternagem e a arte podem ser aliadas na construção de práticas culturais mais inclusivas e transformadoras.

Portanto, a criação de A Mãe Mostra e do Coletivo Mães da UFU demonstra que a universidade e o campo artístico só podem se fortalecer quando incorporam a diversidade de experiências que os constituem. Reconhecer as mães como sujeitas ativas desses espaços é ampliar as possibilidades de convivência, de produção de conhecimento e de arte, reafirmando a urgência de políticas que não apenas tolerem, mas que promovam a presença de mães e crianças como parte integrante da vida acadêmica e cultural.



* PERFORMANCE * RODA DE CONVERSA * MÚSICA * CINCANEIRAS *

*** COLETIVA MÃES DA UFU CONVIDA ***

26 DE AGOSTO
2023

DAS 13H ÀS 17H

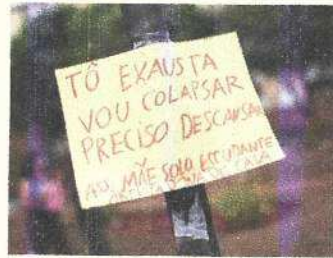
BLOCO 3º E
LONA CULTURAL
OLÍVIA CALABRIA
STÁ. MÔNICA

NAVE
MÃE

@COLETIVAMAEUFU

* DESAPEGOS * PIC NIC COLETIVO * COM EMISSÃO DE CERTIFICADOS *





cheio-vazio: MUa experimental

atenção mães trabalhando
MALU TEODORO

05,12 e 19/08
14 às 17h



MAT-PAPO

**MATERNIDADE E UNIVERSIDADE: SUPERANDO
DESAFIOS E CONSTRUINDO CAMINHOS**

**ÀS 17 HORAS
DIA 20 DE FEVEREIRO**

PRESENCIAL

Sala 1F119

PALESTRANTES:



Malu Teodoro

° Artes visuais - licenciatura



Lays Braga

° Pedagogia - licenciatura



Kaka Rodrigues

° Ciências Biológicas - bacharel e licenciatura



COM EMISSÃO DE CERTIFICADO
PET MATEMÁTICA

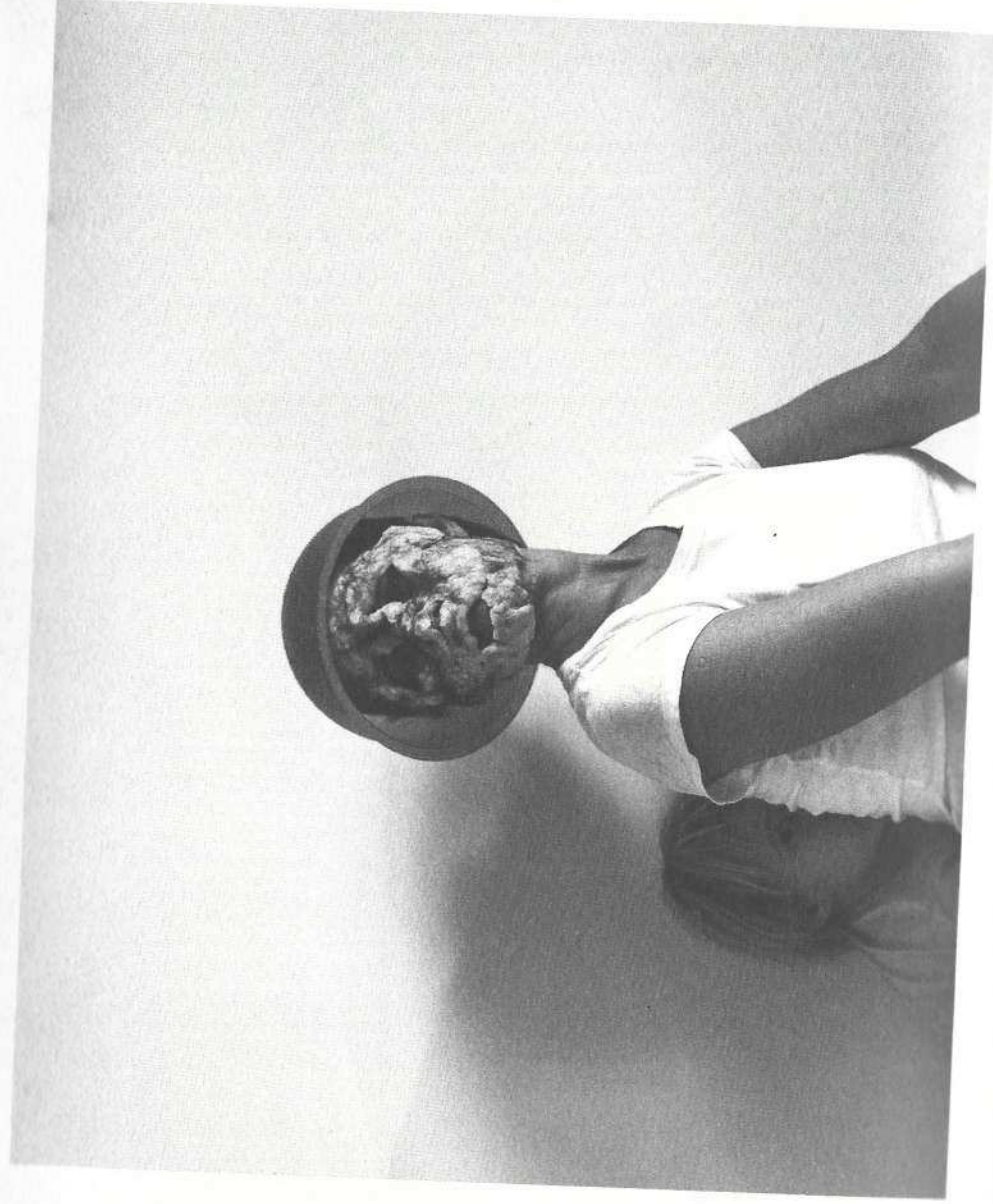


Universidade Federal de Uberlândia

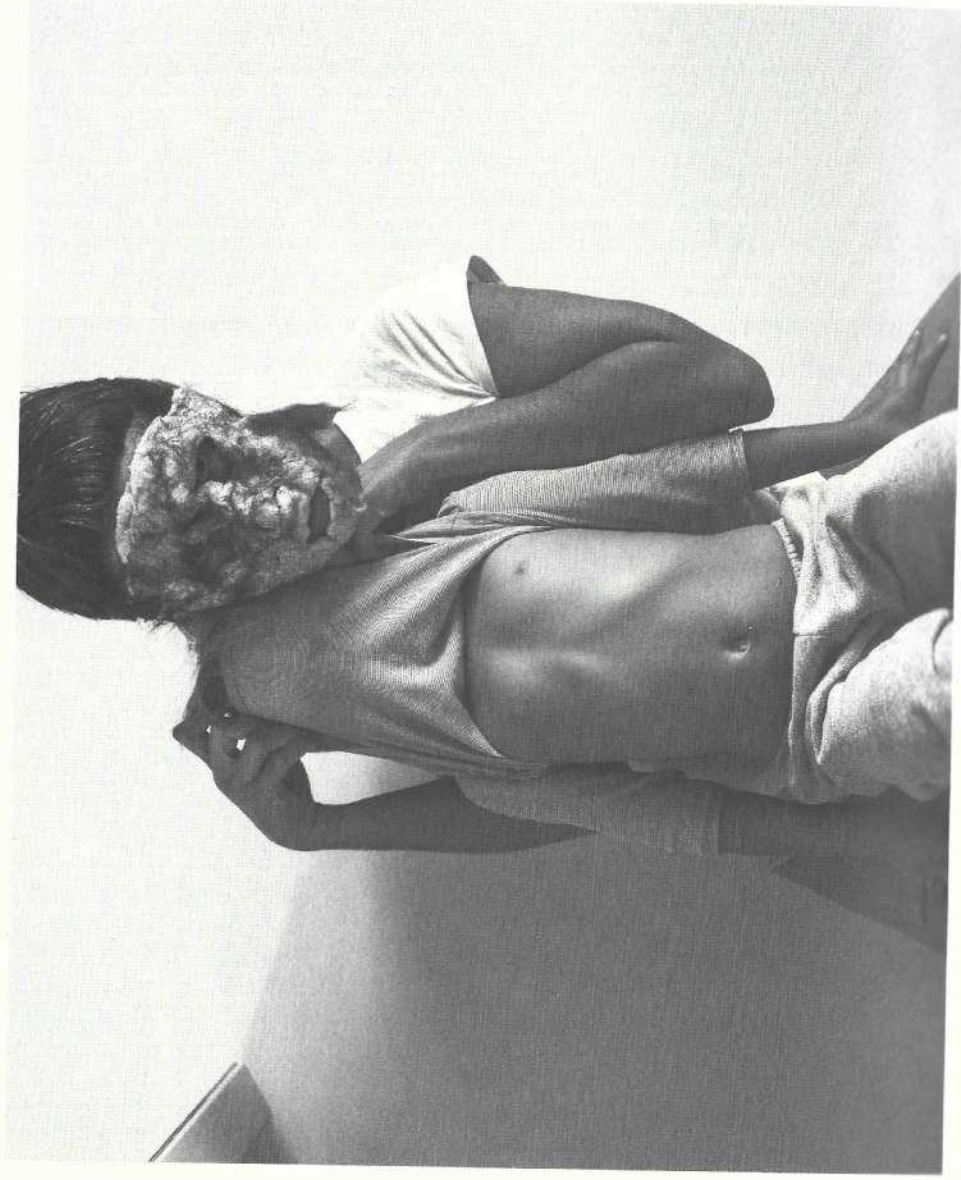




A M^USEM^USTR^A



apresento-lhes a mãe monstra, também conhecida como mãe ingrata ou arrependida. ela subverte a brincadeira de massinha da criança e bota-a na cara. corta o cabelo no banheiro com a tesourinha cega da filha e usa os restos de seus cabelos para assustar. fica nervosa e clama por melhores condições de existência para as mães. está exausta assim como tantas mães na pandemia. a mãe monstra incomoda pois não está calada e amável. incomoda pois na foto a criança não está sorrindo feliz. A mãe vira monstra quando a culpa é maior que a paixão por si mesma; quando escolhe fazer algo por si e não pela criança. *rebeldias íntimas*. a mãe monstra flerta com a amargura. veste a monstra, absorve a monstra, e se cansa. tira a máscara e a monstra vai embora, mas ela sempre volta.

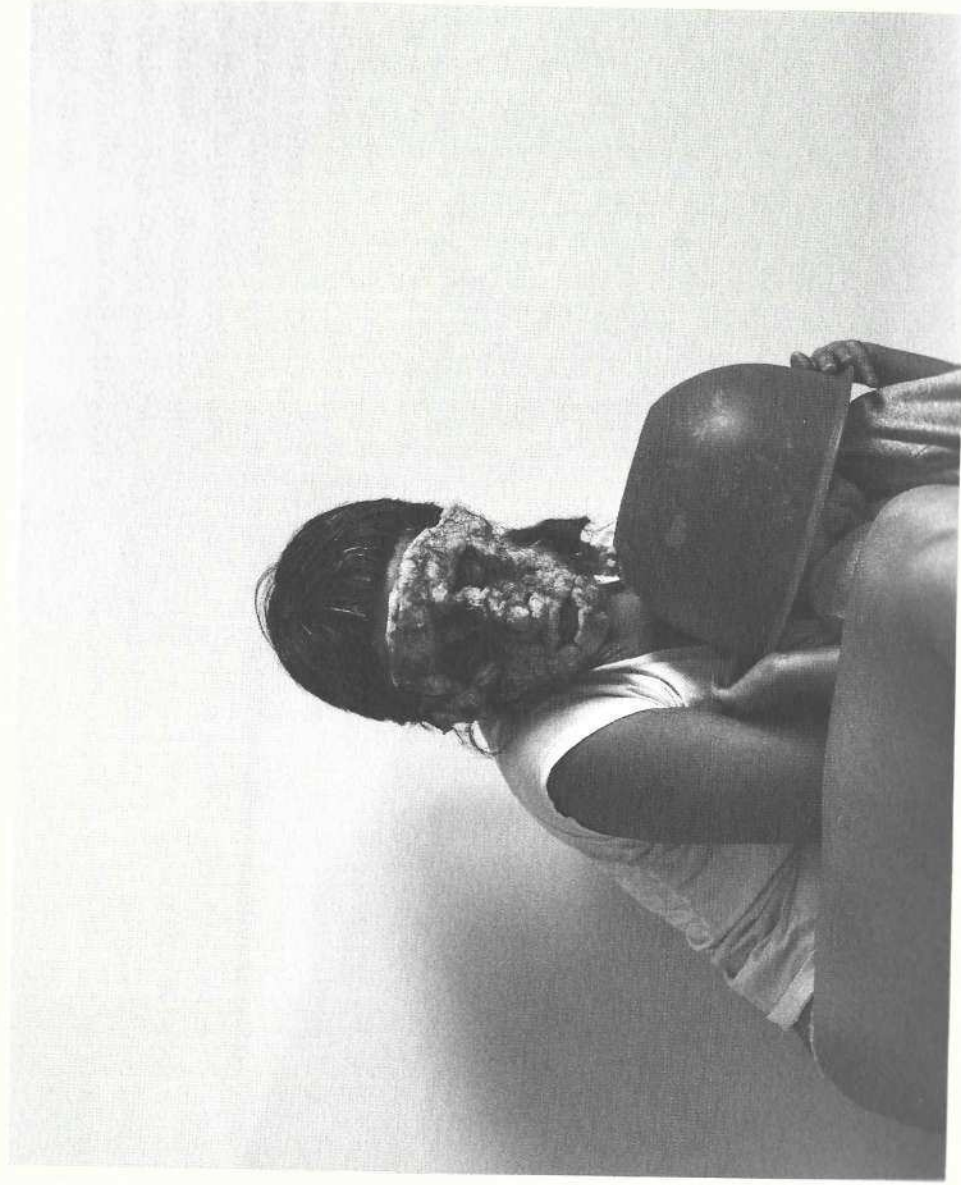


a mãe mostra é apegada nessa blusinha que a criança usa desde antes de completar um ano. tá curta e segue usando. o tecido é tão confortável e ela não é rosa, atenção, é listrada de vermelho, listras bem fininhas. a mãe mostra, nos momentos de descanso sem a criança, trabalha, pensa, desenha e escreve sobre a filha. uma relação intensa e complicada: má-terna. a mãe mostra queria mais tempo sem a filha, pra poder dormir, comer besteira e perceber se realmente vai sentir saudades. não entende bem esse sentimento, receia o julgamento, mas algumas a compreendem e dizem que isso é *perfeitamente normal*. ela flerta com a ideia de que o amor materno é um amor culturalmente construído, não instintivo. vive o conflito da carreira x maternidade, querendo dedicar mais tempo ao seu trabalho mas a existência da criança não permite. vida pessoal ou social, não tem. e odeia quando dizem: é fase, vai passar.



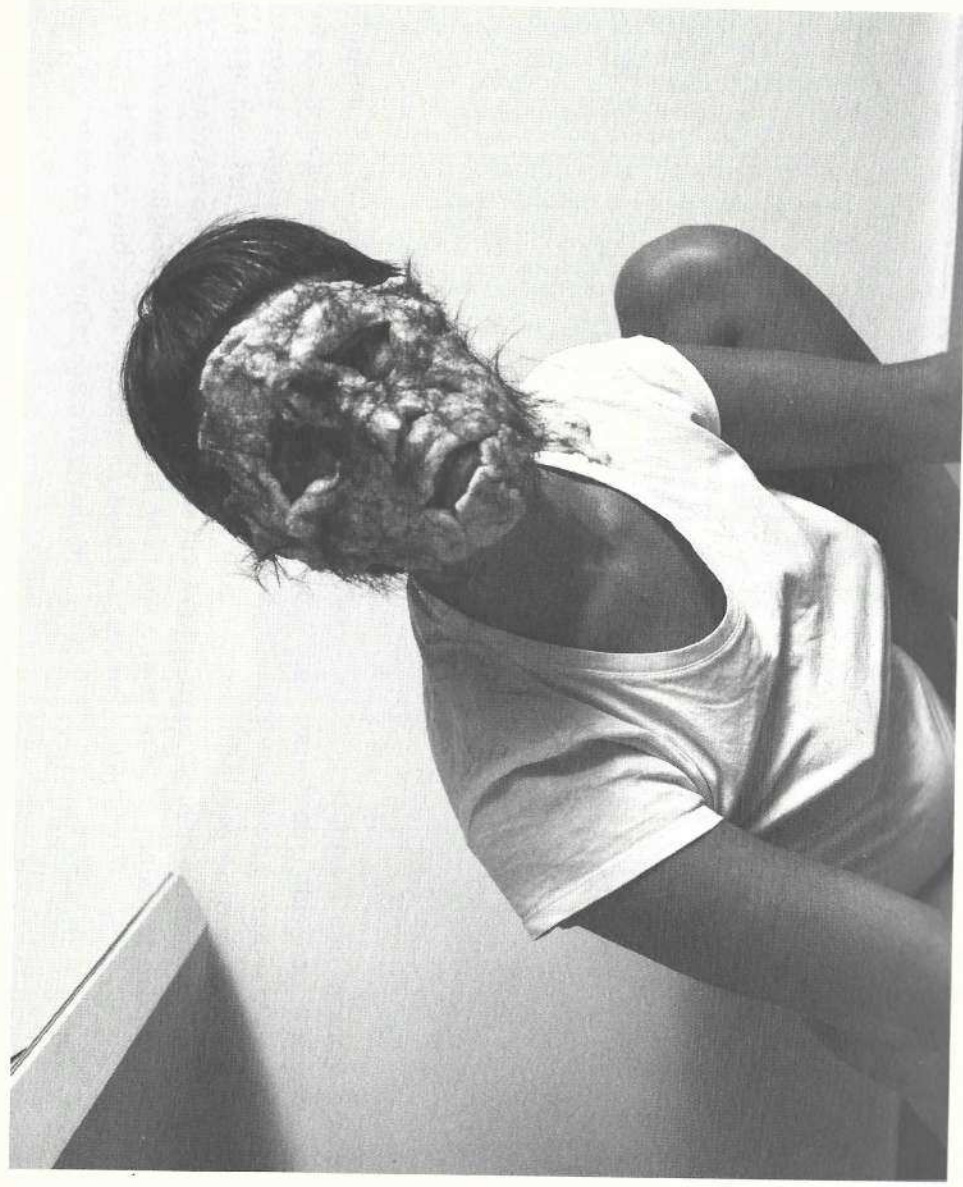
a mãe monstra não é sempre gratidão e good vibe. ela sente ódio. sente ódio sobretudo desse governo genocida e do descaso com as mães, mulheres e crianças. a mãe monstra foi ensinada a ser sempre agradável e educada até que já não coube, até que explodiu. espocou. a mãe se sentiu monstra pela primeira vez quando a criança sentiu medo dela. ah, e teve também outro momento quando a criança era um bebê, e pela vigésima vez na madrugada acordou pra dar de mamar e gritou com a voz mais profunda que já existiu: *eu quero dormir*

*caralho*oooooooo. a mãe monstra tem medos: medo do microbio, medo de faltar, medo da criança acordar e encontrar a mãe morta.



a mãe monstra não é sempre gratidão e good vibe. ela sente ódio. sente ódio sobretudo desse governo genocida e do descaso com as mães, mulheres e crianças. a mãe monstra foi ensinada a ser sempre agradável e educada até que já não coube, até que explodiu. espocou. a mãe se sentiu monstra pela primeira vez quando a criança sentiu medo dela. ah, e teve também outro momento quando a criança era um bebê, e pela vigésima vez na madrugada acordou pra dar de mamar e gritou com a voz mais profunda que já existiu: *eu quero dormir*

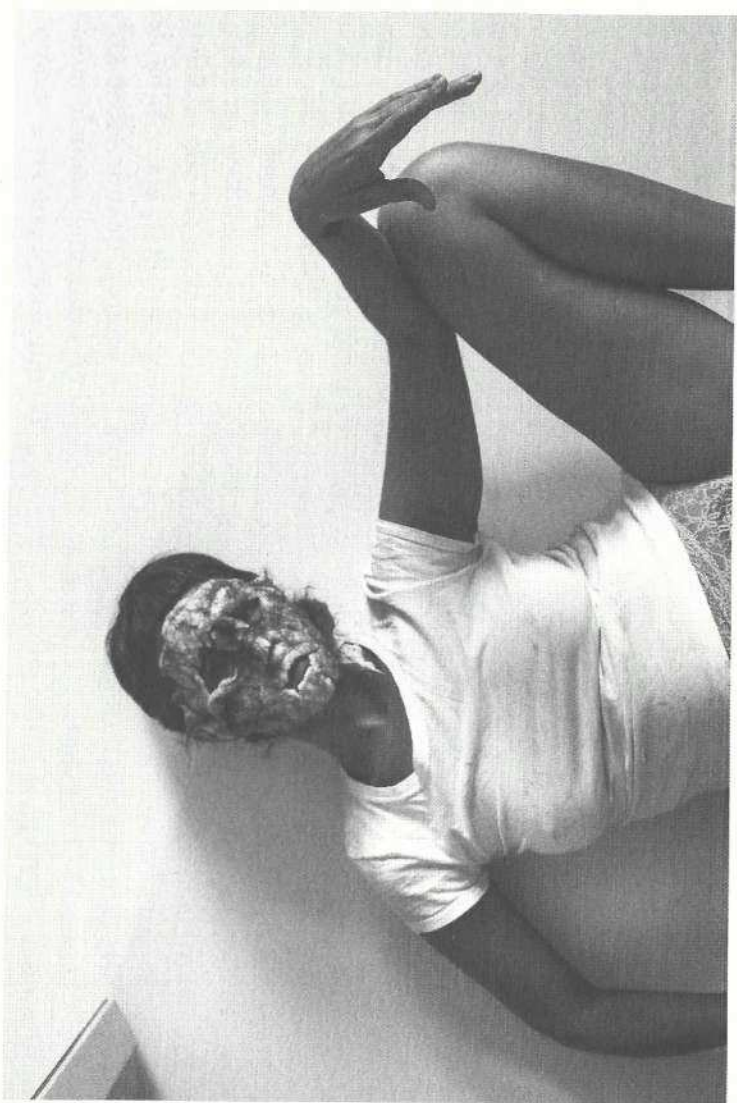
*caralho*oooooooo. a mãe monstra tem medos: medo do micróbio, medo de faltar, medo da criança acordar e encontrar a mãe morta.

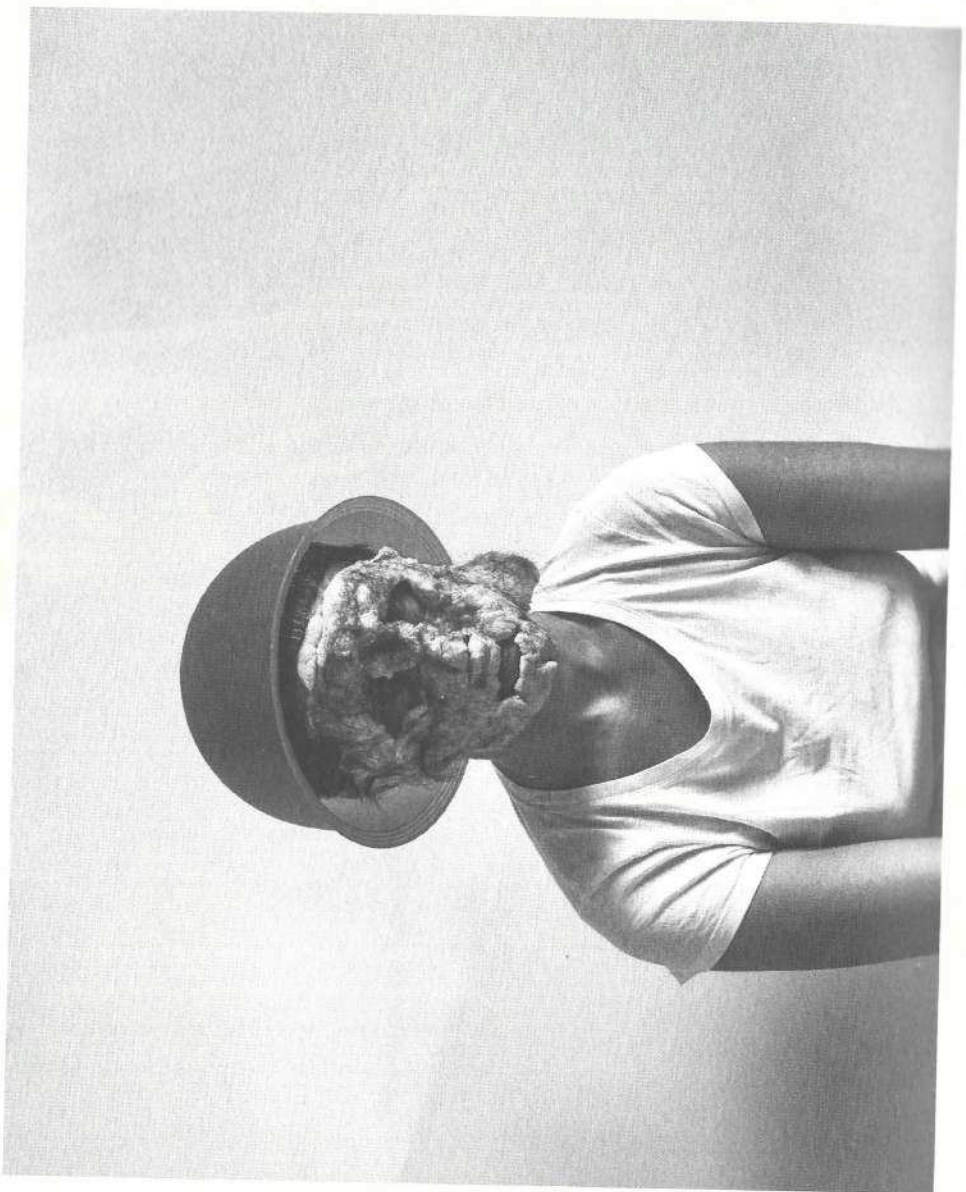


a mãe mostra flerta com a feiúra como se ela tivesse, de alguma forma secreta, ligada à liberdade. não ter furado a orelha da menina quando nasceu foi considerado feio e até hoje é cobrado. não vestir a menina com roupas cor-de-rosa e botinhas e lacinhas também é desleixo - que saco, deixa a criança ser criança! - ela não está suja, ela só tem tinta pelo corpo: olha que legal, ela esteve se divertindo! a mãe mostra apenas não está fixada em agradar e incentiva que sua filha faça o mesmo.



é dia das mães & a mãe monstra está deveras contente de ter a noite toda pra si. enquanto isso, o pensamento que passa por vários lugares, e lugar nenhum, também recai sobre a filha e o exercício da maternidade. isso era algo que me assustava: em todos os momentos baby-free, estava fazendo alguma coisa sobre o bebê, fosse pensar, produzir um álbum ou falar com as pessoas sobre. virou monotema. esses dias quando eu falei que só conseguia falar e trabalhar sobre a maternidade, alguém me disse: imagina, vc faz várias outras coisas. mas na minha cabeça, todas essas outras coisas são apenas outras, são experimentações, nada muito sério. segundo a monstra, sério/importante mesmo é cuidar e educar um ser humano. outro alguém, noutro momento longínquo, me disse que ter um filho era como ver em todas as paisagens que se olha: uma montanha. pra onde quer que a mãe olhe, lá estará, o filho. hoje ao ver minha filha acalentada no colo da avó pensei e disse: mãe, você tem muito mais tempo e disposição hoje pra viver a minha maternidade do que a sua própria maternidade, quando eu era criança. e conversamos o quanto em sua ausência ela também estava construindo um futuro, o qual hoje podemos desfrutar, ela, a filha dela e a filha da filha dela. constatamos que a maternidade é pra sempre. quando estive grávida pensei que era a coisa mais nova e grande que eu poderia experimentar naquele momento da minha vida: a barriga, o parto. eu não tinha ideia do que estava por vir e tudo o que aconteceria a seguir em minha vida, na verdade me assustou bastante e ainda me assusta. todos os dias. a mãe monstra é uma mãe assustada e apavorada.

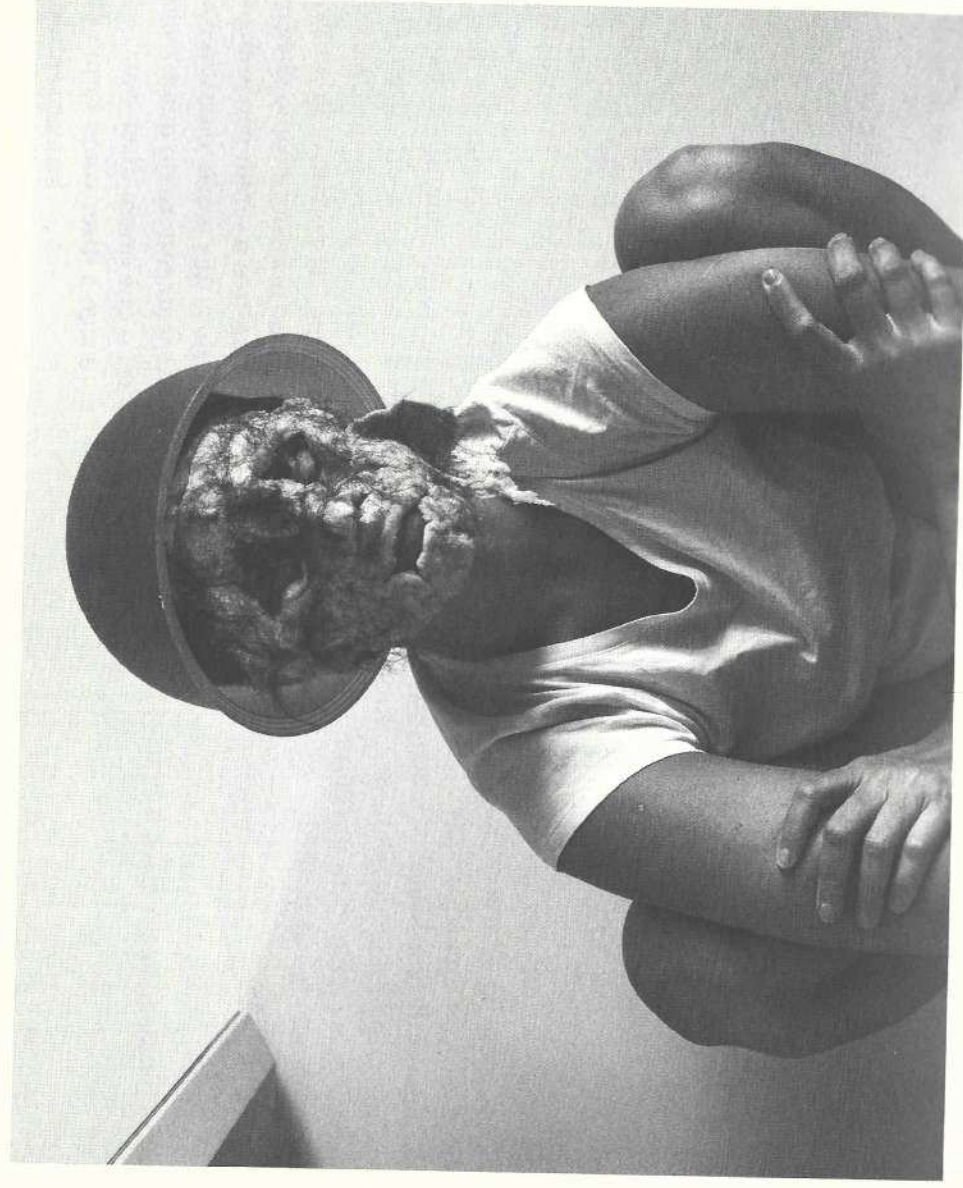




a mãe mostra hoje acordou assim. às 6h30 da manhã e já e-x-a-u-st-a! no espelho viu uma cara assustadora, essa massinha virou olheira, cara inchada, uma coisa horrenda. para a mãe mostra, acordar às 6h30 da manhã todos os dias, por uma criança que desembesta a falar e não pára nunca mais, parece excessivo, aniquilador. nunca mais conseguiu lembrar dos seus sonhos. a maternidade acabou com seus sonhos. só lhe resta sonhar acordada e ela insiste. preparar inúmeras refeições por dia lhe parece um martírio. secar o chão da cozinha dez vezes por dia porque a criança insiste em encher o copo de água até a boca, lhe parece excessivo. falar pra criança não fazer isso 10x por dia também é. pedidos que não cessam, um atrás do outro, todos me demandando algo diferente, e eu nem consegui tomar café ainda... aaaahhhhhhh!! *filha, chega, me dá um tempo, 5 minutos pra eu respirar, escrever uma coisa aqui. por favor. a mamãe precisa ficar sozinha só por 5 minutos. ela chora e sai. escuto o barulho das folhas do coqueiro. silêncio. respiro. alívio. acabou.* durou nem três minutos. seguimos.



de algum jeito bem tortuoso essa imagem me lembra uma imagem da deusa kali. quatro braços, criação, preservação, destruição e salvação "para aqueles que vão além da natureza em busca do âmagô infinito". cobras, sangue, um colar de crânios e a língua pra fora. de alguma forma brutal a maternidade fez com que o ciclo de experimentações que eu vinha vivendo na vida ganhasse outro tônus, outro peso. passei a ser menos um corpo que experiência a vida, para um corpo que cria a vida e, com isso, metas. planos. futuro. passei a ter planos de curto, médio e longo prazo. e outro jeito de corpo, de pensar e de sentir. um tanto mais estruturado e menos flexível. e um mal estar nessa travessia. é como chegar perto de um segredo, atravessar um portal de milhares de quilômetros a serem percorridos a pé e sobre o fogo e sozinha. mas também com as gerações. curioso que a mãe monstra e a filha juntas formam esses 4 braços, a língua que surge espontaneamente como quase tudo nessa imagem. eu não sei o que quero dizer com isso e sigo a dizer como forma de buscar sentido.



diz aí pra mama-monster, depois de cuidar da casa e das crias crianças criaturas, o que resta pras mães? o que resta pras mães monstras? julgamentos? trabalhos mal pagos? mães monstras uni-vos e precisamos à força parir esses espaços que nos caibam. todo mundo vem de um útero e por que é então que esse tema apenas interessa às mães? quem pariu é que se vire; atire na monstra a primeira pedra quem nunca pensou isso. eu já pensei. eu já pensei. ridícula! mil perdões mães do meu passado por não estar atenta a vocês. fui insensível ao trabalho das mães, insensível ao próprio útero que carrego. por muitos anos ter filho era algo que eu abominava de minha vida. não que ter filhos seja pra todes, mas o cuidado e atenção às crianças e às mães deveria ser labuta de todos! cadê as cotas para mães? cadê o salário pago pelos serviços prestados em casa e no cuidado com os filhos? por que as mães são as mais pobres do brasil? por que as mães são demitidas? por que as mães são as mais sobrecarregadas da pandemia? e as mães solos? e as mães pretas? cuidar de uma criança não é cuidar de pet nem de planta. é político. é exaustivo. é custoso financeiramente. é

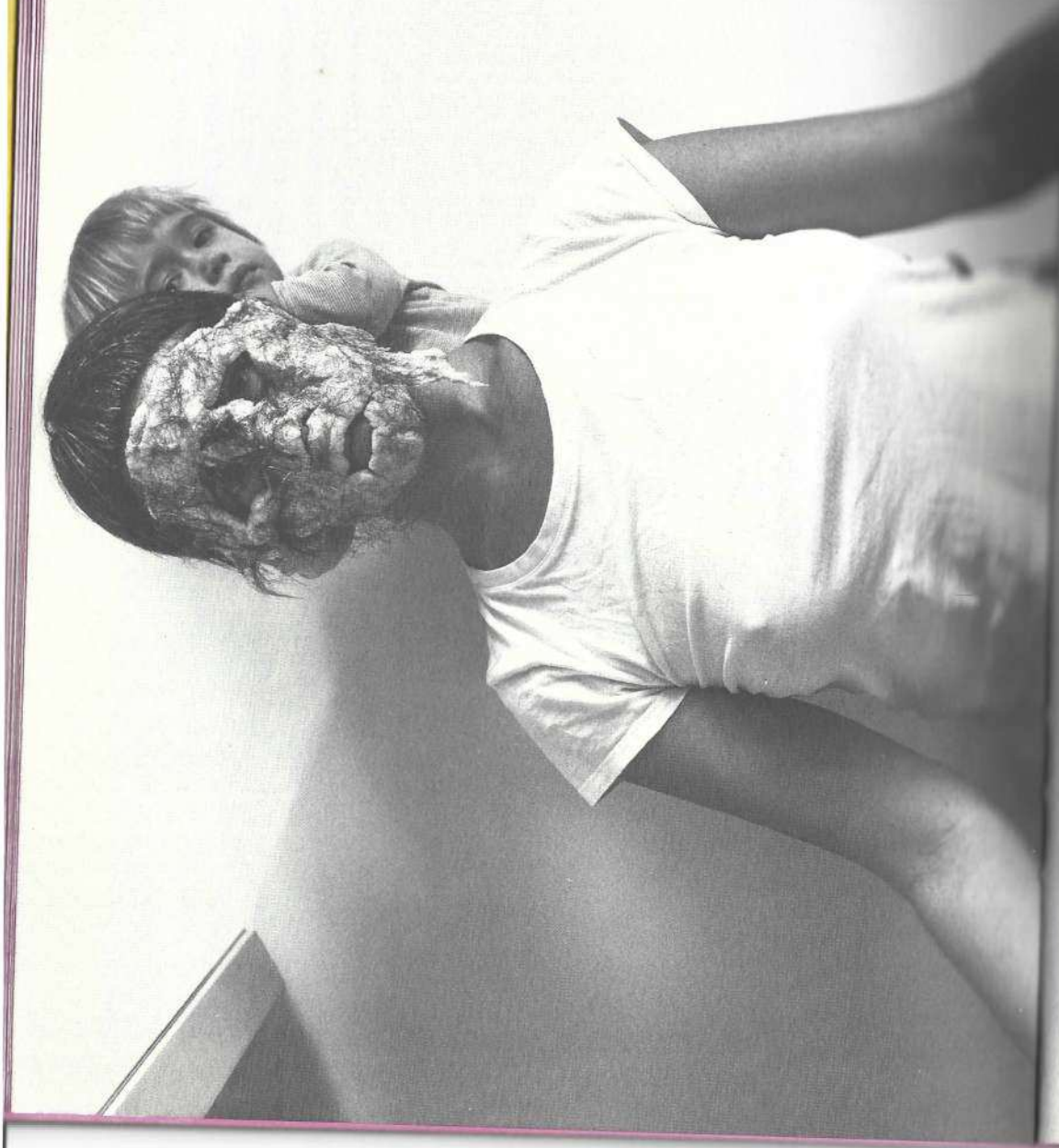
aniquilador se a mãe não tem suporte. se as pessoas sabem disso, se ninguém se importa, a pergunta que resta é:

o que resta pras mães?

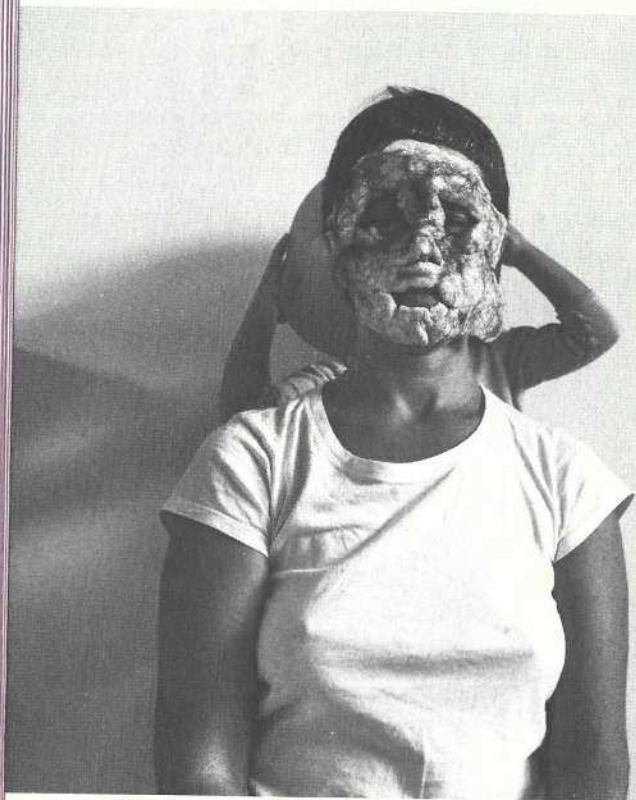


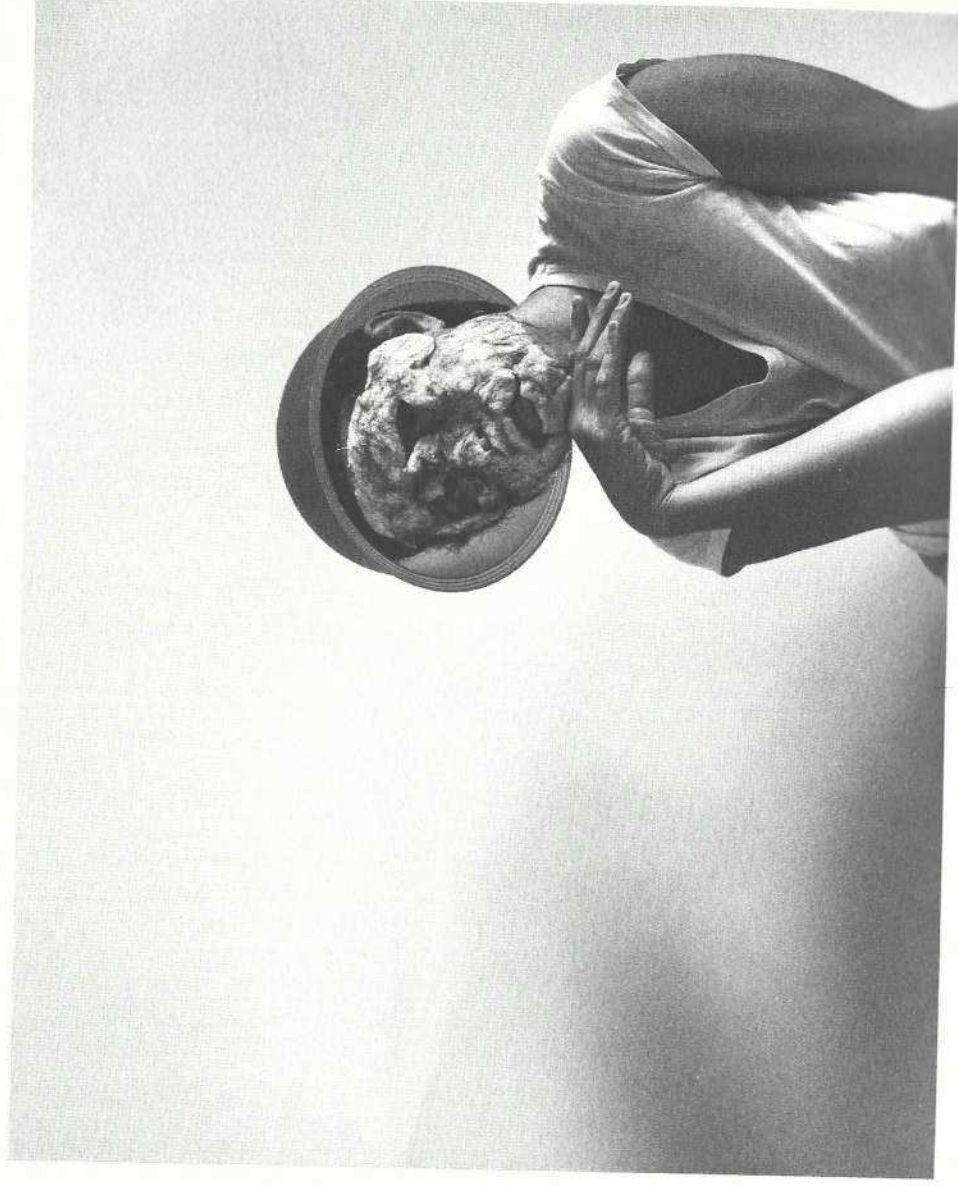
enquanto almoça, a mãe monstra olha o celular (essa desgraça!) escreve um texto, se atrasa pra aula e sei lá mais o quê. sabe que antes eu gostava de contemplar paisagens lindas naturais bucólicas e lânguidas pra me inspirar e criar, mas agora nesse vuco-vuco do dia a dia, onde é que mora o ócio? e o silêncio? enquanto a possibilidade da solidão não existe, a gente aprende a fazer nas pressas, fazendo tudo ao mesmo tempo agora. outros dirão que é fazer mal feito, eu diria que é o meu possível. uma estética do inacabado, da precariedade, do foi como deu, do melhor feito que perfeito. pras mais perfeccionistas: um desafio. é como aprender a ignorar a paranóia de não cozinhar sobre o fogão sujo. uma mãe me disse que, com dois filhos, hoje samba de salto 15 no fogão sujo. maravilhosa. um dia chego lá!

a mãe monstra deve ser uma espécie de ode ao lado sujo obscuro e monstruoso da maternidade (e seu tb).
beijo.



o chão da sala era o mar e os ursos de pelúcia, os barcos. eu me sentei no urso maior e ela no menorzinho. “mamãe, o seu barco tá indo pra lá e o meu tá indo pra lá”. íamos em direções opostas. percebi naquele momento que ela havia acessado um lugar vulnerável. se emocionou, fez beicinho e começou a molhar os olhos. tocava wish you were here em reggae. ela seguia avançando bem lentamente e eu parada, olhando pra ela. eu também me emocionei e mergulhei naquela história. ela dizia: “eu preciso ir, mamãe, minha casa é pra lá, preciso encontrar a minha amiguinha”, e ficamos naquela despedida por um tempo que me pareceu muito longo. ela chorou, eu chorei, nós choramos. we’re just two lost souls swimming in a fish bowl year after year. sabe aquela ideia de que a mãe no puerpério revive a sua própria fase bebê e, emocionalmente, vira ela mesma um bebê? bem, minha filha já tem três anos. o barco dela seguiu, ela não olhava pra trás, mas chorava. ela deixou o barco e foi pra cozinha e lá chorou outro tanto. running over the same old ground, what have we found? the same old fears, wish you were here. da mesma forma que ela entrou na onda da mãe monstra, eu também entrei na fantasia que ela propôs. quem é a mãe? devo ir na cozinha abraçá-la e dizer qualquer coisa e quebrar com a fantasia ~ ou ~ sustentar essa ficção? deixei, ouvi a música, chorei, por isso ou pelo cano que hoje estourou inundando a cozinha ou só porque precisava mesmo chorar. ela voltou quando quis. sentou no meu colo, nos abraçamos e juntas nos olhamos e nos vimos. eu me vi dentro do olho dela tão brilhante. me vi tão nitidamente dentro do verde dos olhos dela.





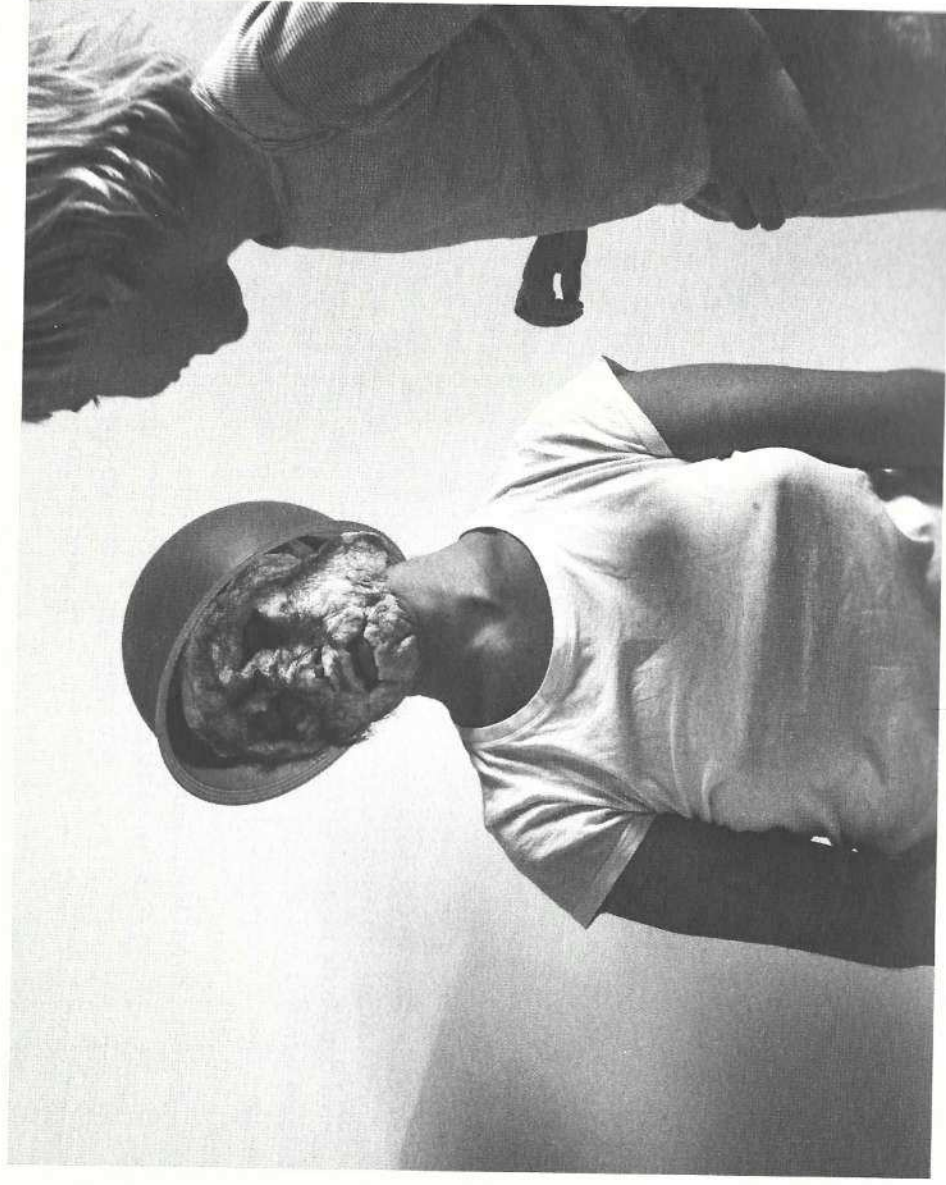
deboche. monstras se fazem de doida e metem o pé na porta. quem nunca? desde que eu virei mãe, escutei mais ~ não ~ que em toda a minha vida. amigos que vão embora, trabalhos que minguem, relacionamentos complicados, exposições, residências e todo esse rolê de artistas onde mães não são bem-vindas. o que nos resta é nos juntar com as outras mães. a maternidade é esse grande tabu nas artes e a fenda do feminismo. antes de ser mãe eu não imaginava que passaria por isso (o social da coisa) - além da questão de ser mãe. acho que eu era adolescente até ser mãe. (...) esses dias li que a brasileira média tem mais pets que crianças. (...) a mãe mostra que mora aqui em casa hoje tava querendo dar um oi, é domingo, ela precisava escrever um projeto, mas, o contrário do dever lhe chama. o tal do deboche e da ironia e do pé na porta e de dar de doida, parece que

não combina com a maternidade mas também a salva e liberta,
oh, mãe, pra sempre dividida,
amém.



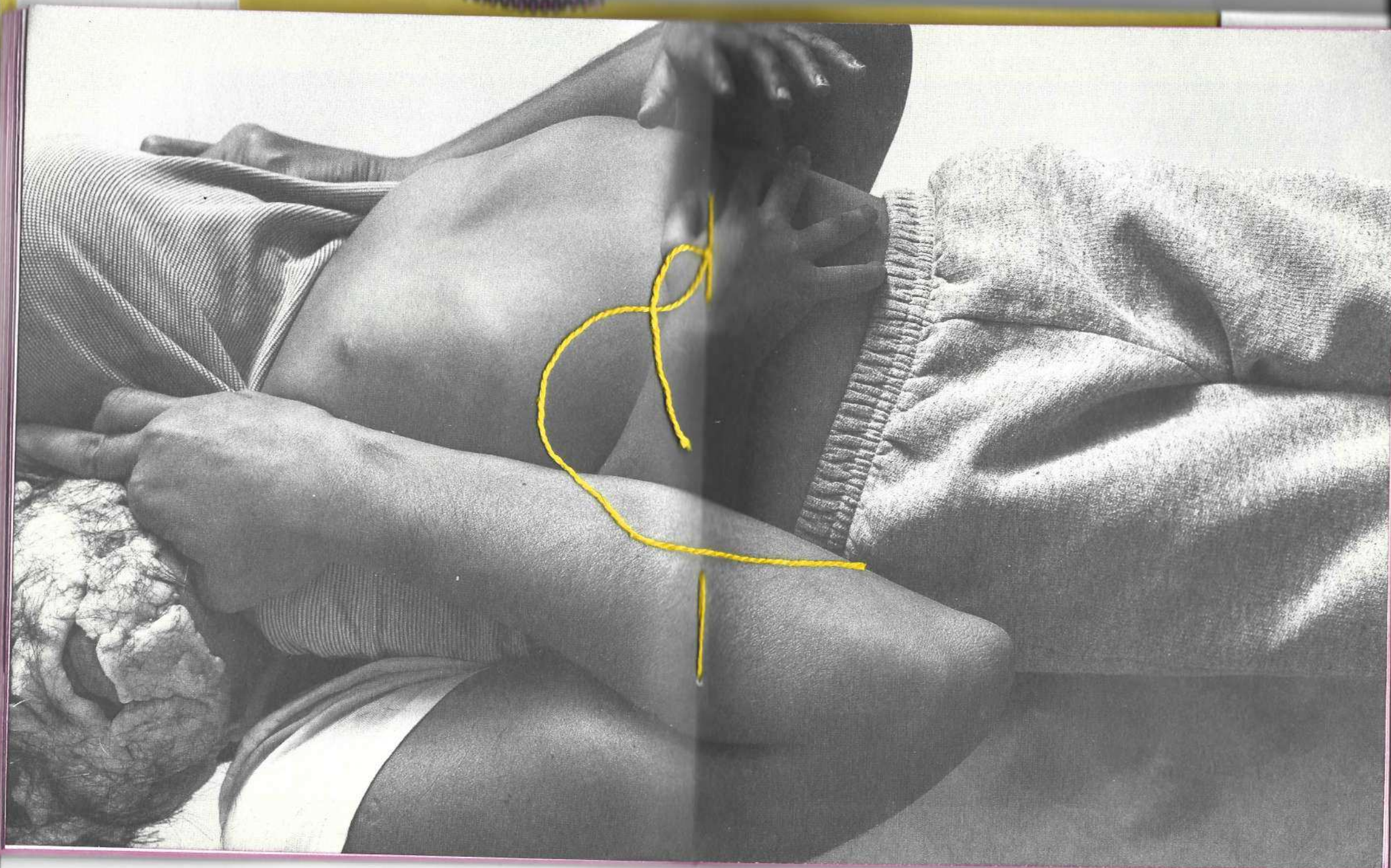
achei que a mãe mostra já tinha ido embora, mas ela bravamente resiste e ressurge do fundo do cesto das roupas sujas. essa semana fomos ao dentista. pelo menos desde o começo da pandemia estamos adiando esse momento, mas como o isolamento aqui já tem três anos e chegamos num nível que já não dava mais pra esperar, arrumei uma dentista aqui na cidade que, agora, disk é minha. foi foda. pra começar, uma grana, só de raio x e limpeza. mas, o mais duro foi constatar outra coisa. os dentes da minha filha estão lindos, jóia mesmo. e eu sempre considerei a escovação de dentes dela uma coisa muito complicada, que exigia muito de mim, muita negociação, muito tempo e paciência e etc. um saco! mas parece estar indo tudo bem. agora, os meus dentes... eu até cogitei que a gravidez + os 2 anos de amamentação pudessem ter comprometido a qualidade dos meus dentes, mas a fofa da dentista disse que é (falta) de escovação mesmo. de fato, muitas coisas preciso deixar de fazer para (não) dar conta de outras mais urgentes, como dormir e cagar, por exemplo. o dia inteiro dentro de casa, uma criança que a cada hora pede lanche, eu acabo comento o dia inteiro também, sei lá uma bagunça. sei que eu me vi falando disso com a dentista e ela, muito fofa, me chamando de *mãezinha* e me enchendo o saco, puxando orelha, sabe como é? por um lado fiquei mesmo chateada ao constatar pela milésima vez que não consigo cuidar bem do meu corpo desde que sou mãe... mas por outro, já são tantas pressões, essa dentista que eu tô pagando caro precisa mesmo fazer isso com a *mãezinha* aqui?

pra começar, jamais chame uma mãe de *mãezinha*, e depois, se quer mesmo ajudar uma mãe, não dê bronca, dê desconto!



mãe mostra está menstruada depois de uma tpm longa e puxada. nesses dias, tudo fica mais intenso e toda vez que a cria chama por *mãe*, um pauzinho ali do nível de vida vai diminuindo. eu contava mentalmente quantas vezes ela me chamava, algo como 20x por minuto e eu via minha vida indo embora. nesses dias, a mãe mostra já diz logo como está e se sente, a criatura fica curiosa, entende, pergunta. mas ela é só uma criança e tem lá suas infinitas demandas. meu ouvido esquerdo tá num zumbido estranho desde ontem. enfim, não sei exatamente como aconteceu, mas a criança deitou a mãe na cama, colocou dois paninhos, um de cada lado da cabeça, um ursinho no meio do peito, deu água, fechou a janela do quarto, deu beijos e disse pra ela descansar. me fez algum cafuné e o rádio começou a tocar uma música, que escutei durante um longo silêncio maravilhoso, que dizia *solidão com vista pro mar*, acho que maternidade é algo parecido com isso. agora com a cria no colo escrevo sobre o que acabou de acontecer.

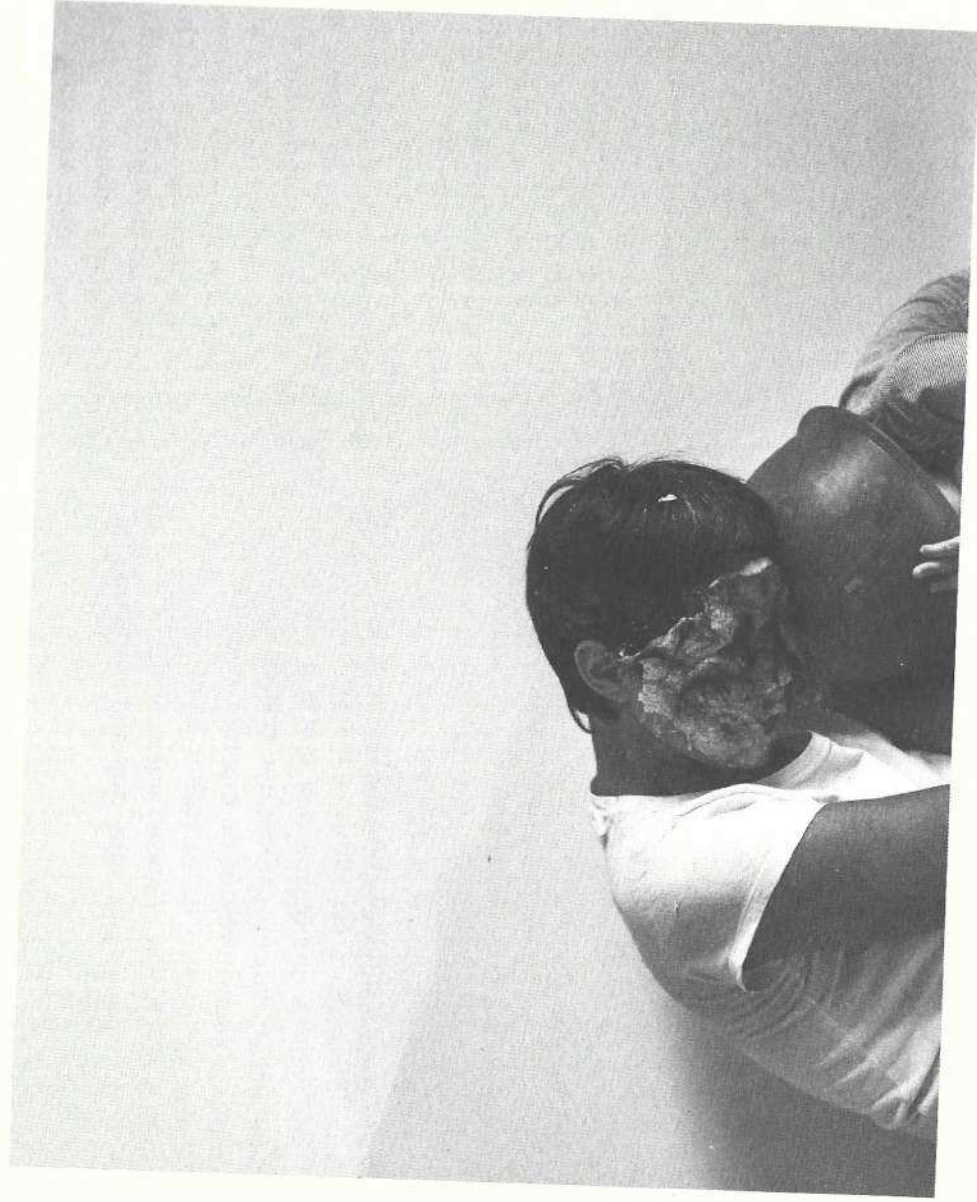
que companhia linda, intensa, maravilhosa, singela, poderosa.



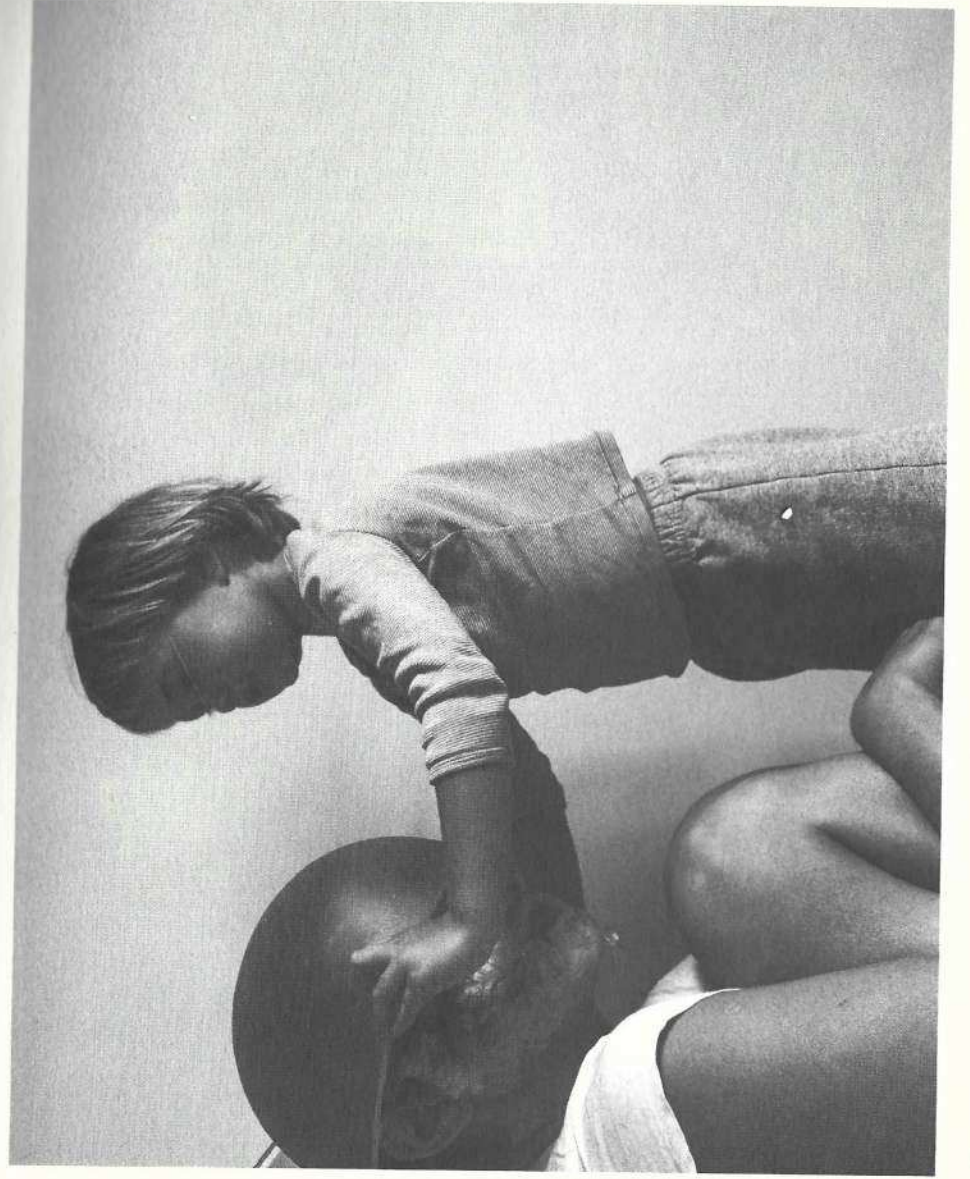


um descompasso. quando cada uma está num planeta, num tempo, num desejo outro. eu não sei dançar tão devagar pra te acompanhar, desde o último dia que a mãe monstra apareceu por aqui essa música toca na cabeça. em geral, o ritmo da crionça é mais rápido. na verdade, é um tempo atento e presente, sempre, sempre. e a mãe monstra tá nervosa, tá com os prazos todos estourados & tem a conta bancária zerada. sem saber como vai pagar o dentista na sexta e o aluguel daqui uma semana. mas vai dar um jeito. sempre dá. não há outra opção. não se pode fraquejar, não se pode adoecer, não há tempo. as notícias são devastadoras. o mundo está acabando, mas é preciso dormir que daqui a pouco a criatura favorita acorda. e ela vai estar dançando bem rock 'n' roll e a monstra cedo só quer valsa lenta. como é que dorme com tantas preocupações? roeu as unhas, arranca as garras. as fotos felizes deixam parecer que está tudo lindo, e de vez em quando está lindo sim: um exercício esquizofrênico de esperança. uma com medo e raiva e a outra sorri, uma quer brincar de corrida de carrinhos às 6 da manhã e a outra quer dormir. como podemos melhor acolher as crianças? quem se importa? a vida é melhor hoje? tem dias que não há esperanças. esses dias alguém falou que ter filhos da própria barriga é egoísmo.

a mãe monstra já abortou, e você?
bons sonhos ou bom dia,
brasil.

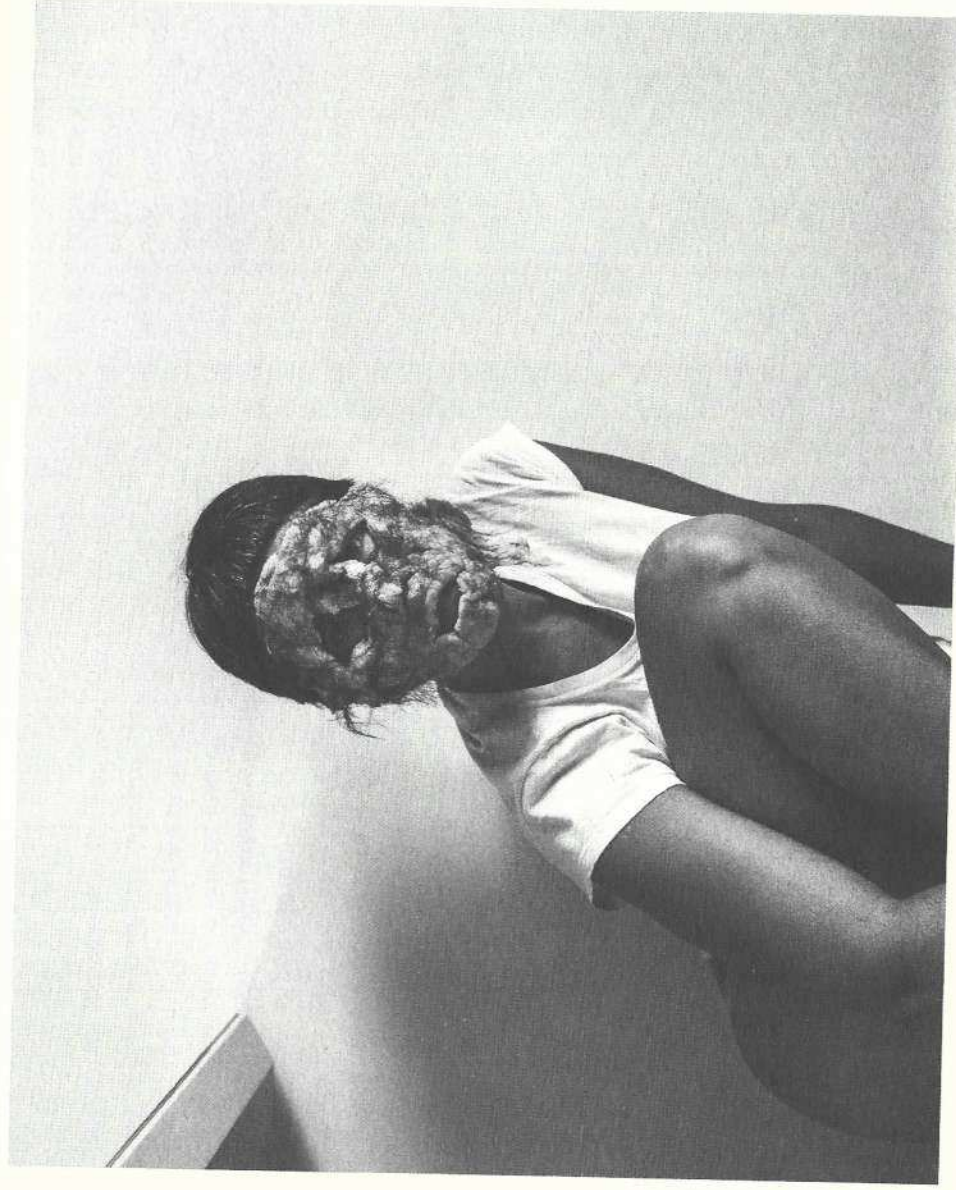


a mãe monstra está exausta e poderia escrever texto,
mas não vai, pois exausta
e que se foda.



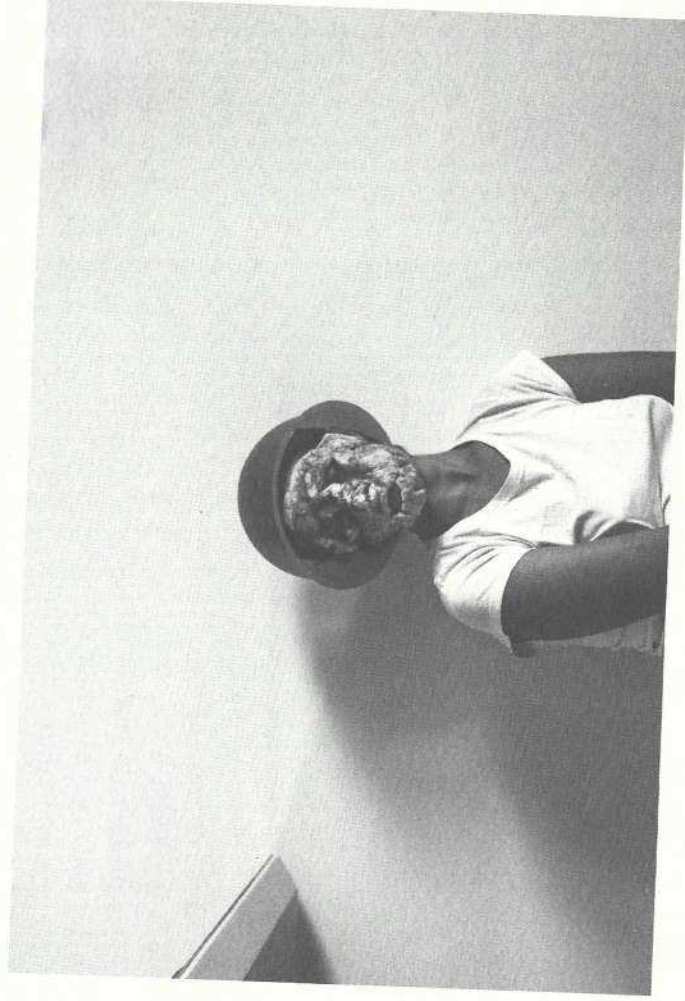


a mãe monstra sonhava que queria sair de um trem, mas não conseguia tirar todas as suas coisas sozinha lá de dentro, quando foi acordada com um chute na orelha. dormir junto com a cria é gostoso, mas tem dia que é horrível e acordo cheia de raiva. hoje foi assim. a mãe vira monstra quando o cansaço chega no limite. sem condições de dar conta de tudo sozinha e tirar a bagagem do trem a tempo, ela perde a estação, o gosto, o tesão, a paciência, o bom humor, o colágeno, a cor dos cabelos, a identidade. a mãe monstra se sente explorada e escravizada em todos os seus corpos. uns diriam que é mimimi, outros que é vitimização e outros que é apenas o lugar social designado às mães no patriarcado. a mãe monstra se sente escravizada inclusive por aquela criatura fofa que ela mais ama: a filha explora a mãe fisicamente, economicamente, psicologicamente, emocionalmente etc. a filha suga todas as energias da mãe. quando não é explorada pelos homens, pelo trabalho, pela família, é explorada pelas suas crianças! o que sobra?



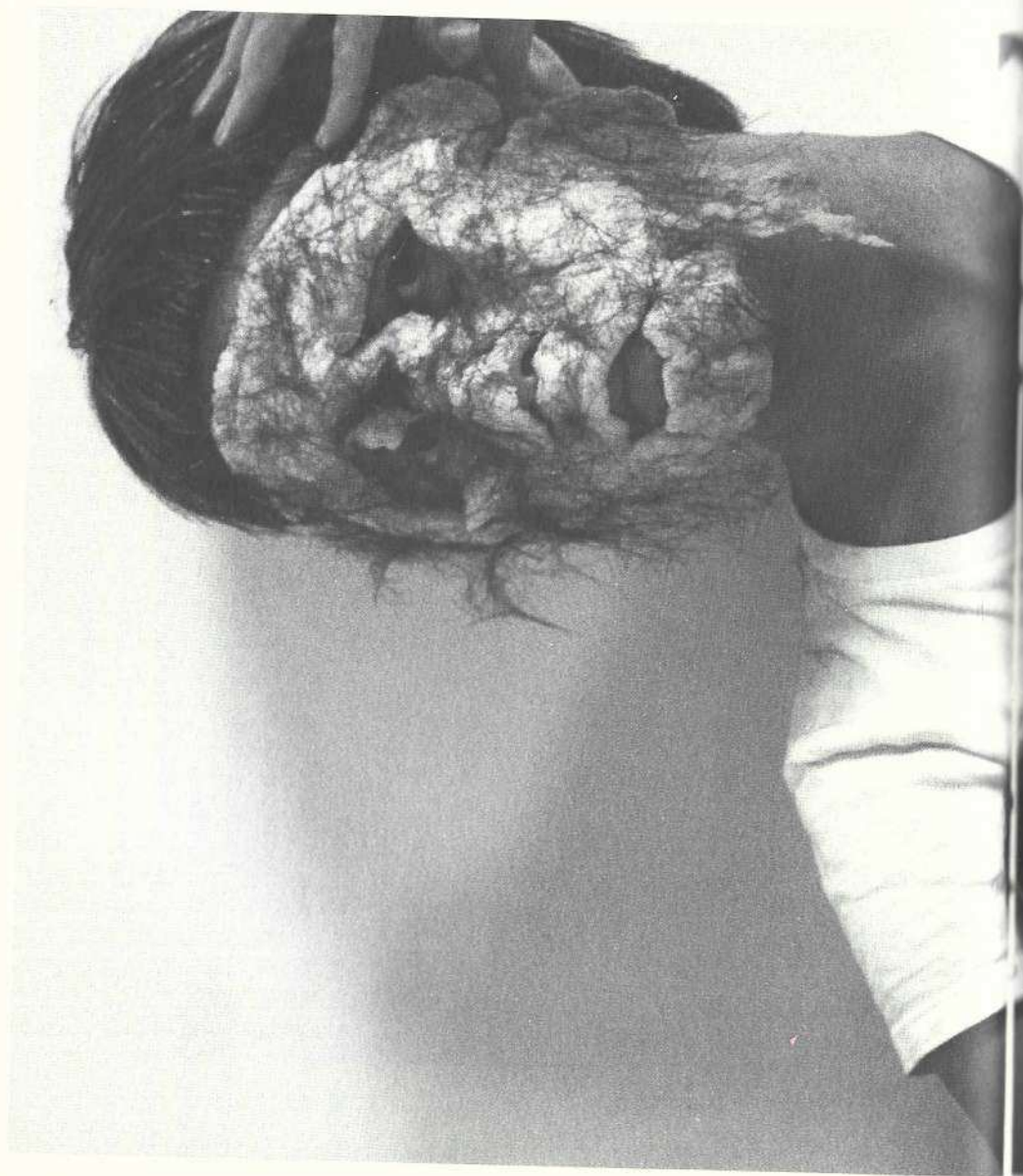
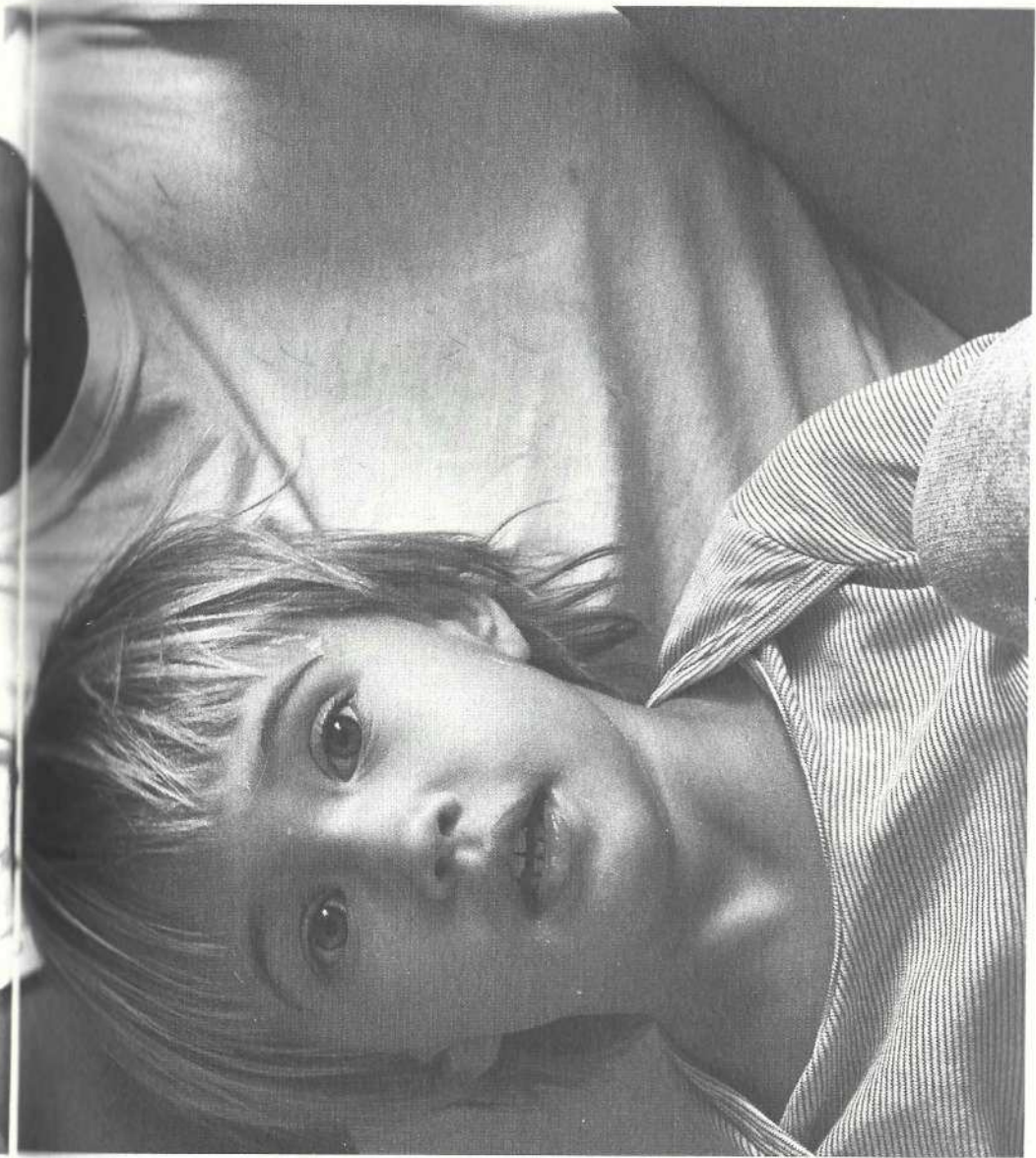
mãe mostra nostálgica lembrou hoje de uma história lá do começo, em que ser mãe ainda era uma abstração que ia ganhando contornos. a barriga começava a crescer e, com ela, necessidades novas. eis que empreende um grande retorno à casa ~ terra essa que hoje a acolhe. a primeira etapa dessa jornada foi cruzar um continente, de leste a oeste, no banco de trás de um carro até que grande, mas não tanto que coubesse um piano & uma mulher grávida. sim, nesse banco de trás havia um piano. um piano, uma mulher e uma barriga que crescia. só havia uma posição possível para esses corpos em travessia continental. uma mulher, sua barriga e um piano percorreram 3600km. a cada cidade que passavam, o piano esmagava um pouco os outros corpos. foram quatro dias de compressão, os homens do banco da frente conversavam em outras línguas assuntos de outras ordens, passavam horas conversando assuntos dos homens. era insuportável. nas paradas sabe o que faziam? tomavam seus cafés e fumavam seus cigarros como se não soubessem que o mundo inteiro deve ser privado de tomar cigarro e fumar café quando na presença de uma mulher grávida. que se tenha compaixão! o único consolo dessa mulher nos quatros dias, 3600km, o banco de trás, a barriga e o piano era escutar com seu fone de ouvido particular *a mulher do fim do mundo*. e ela ouvia esse álbum num *looping* eterno de choros sem fim. ela era a própria mulher do fim do mundo. a princípio chorava baixo, mas depois não tinha mesmo mais nada que esconder e chorou ali rios, dores, mágoas que nem sabia de onde vinha. nunca chorou tanto. tinha um *alien* dentro de seu corpo, um *alien* que trazia consigo memórias de outros tempos. eram lágrimas de muitas mulheres. nunca mais ouviu elza.

o *alien* eclodiu. a rota foi refeita. os pianos foram queimados.
a mãe mostra e a mulher do fim do mundo
seguem parceiras.



hum, não faz muito tempo, tudo era diferente. mudar de casa era fácil, de emprego, de cidade, até de país. ela nem precisava de muito dinheiro pra isso e coragem não lhe faltava. a vida fluía e as coisas aconteciam. hoje, tudo precisa de uma força maior para acontecer, muito maior. a mãe mostra deixa que a raiva que a move se transforme em inação, inércia, peso, veneno, tristeza. hoje ela precisa sozinha responder não só pelas suas ações e consequências, mas também pelas da criança, da gata, do carro, da empresa, do tanto de coisa que a vida compartilhada trouxe. pesa na consciência, nas costas e no bolso. sua escolha? em que momento aconteceu? teria como ser diferente? há dias e dias em que a

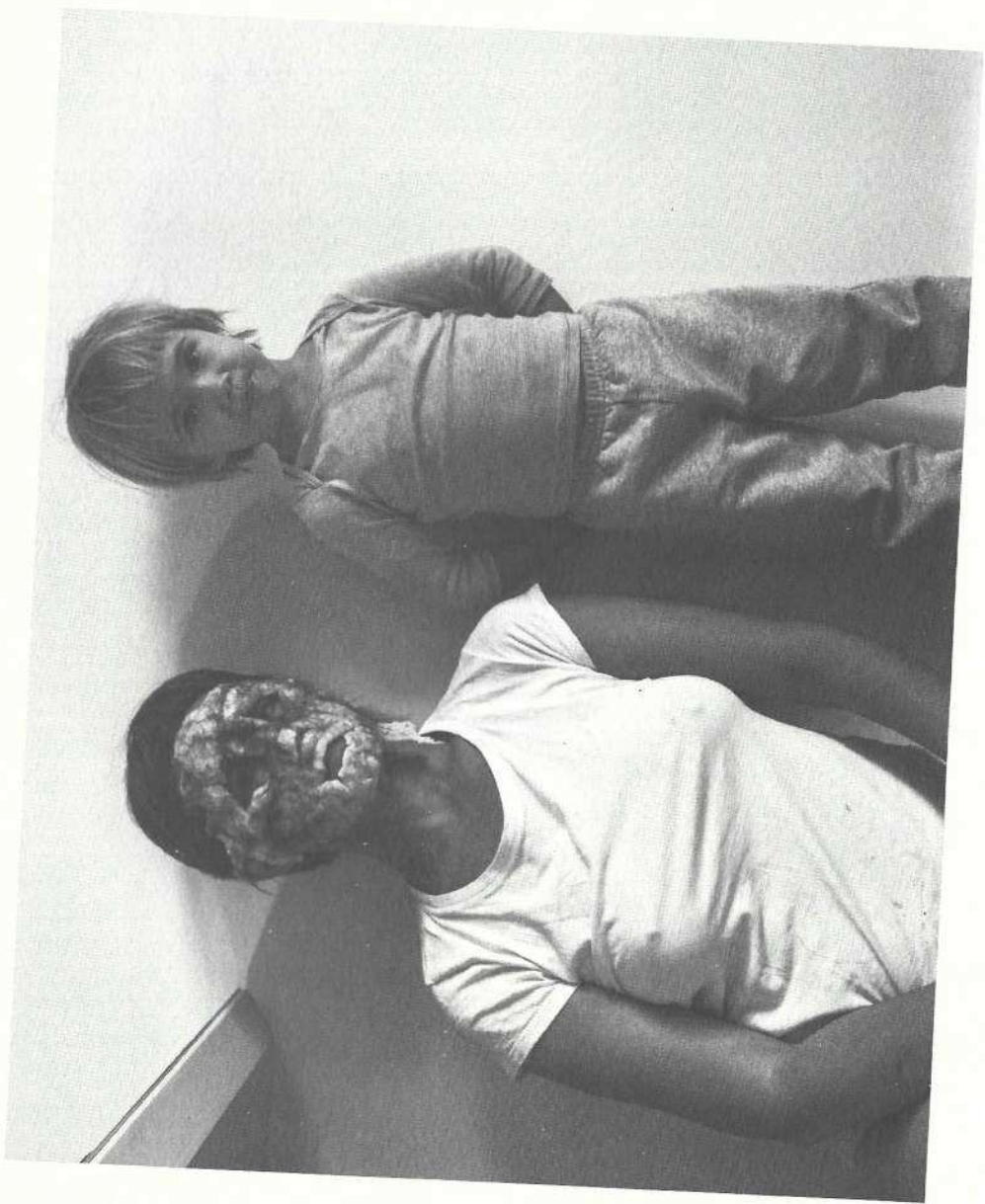
conta não fecha e o ônus é um abismo. não faz muito tempo, era tudo muito diferente.

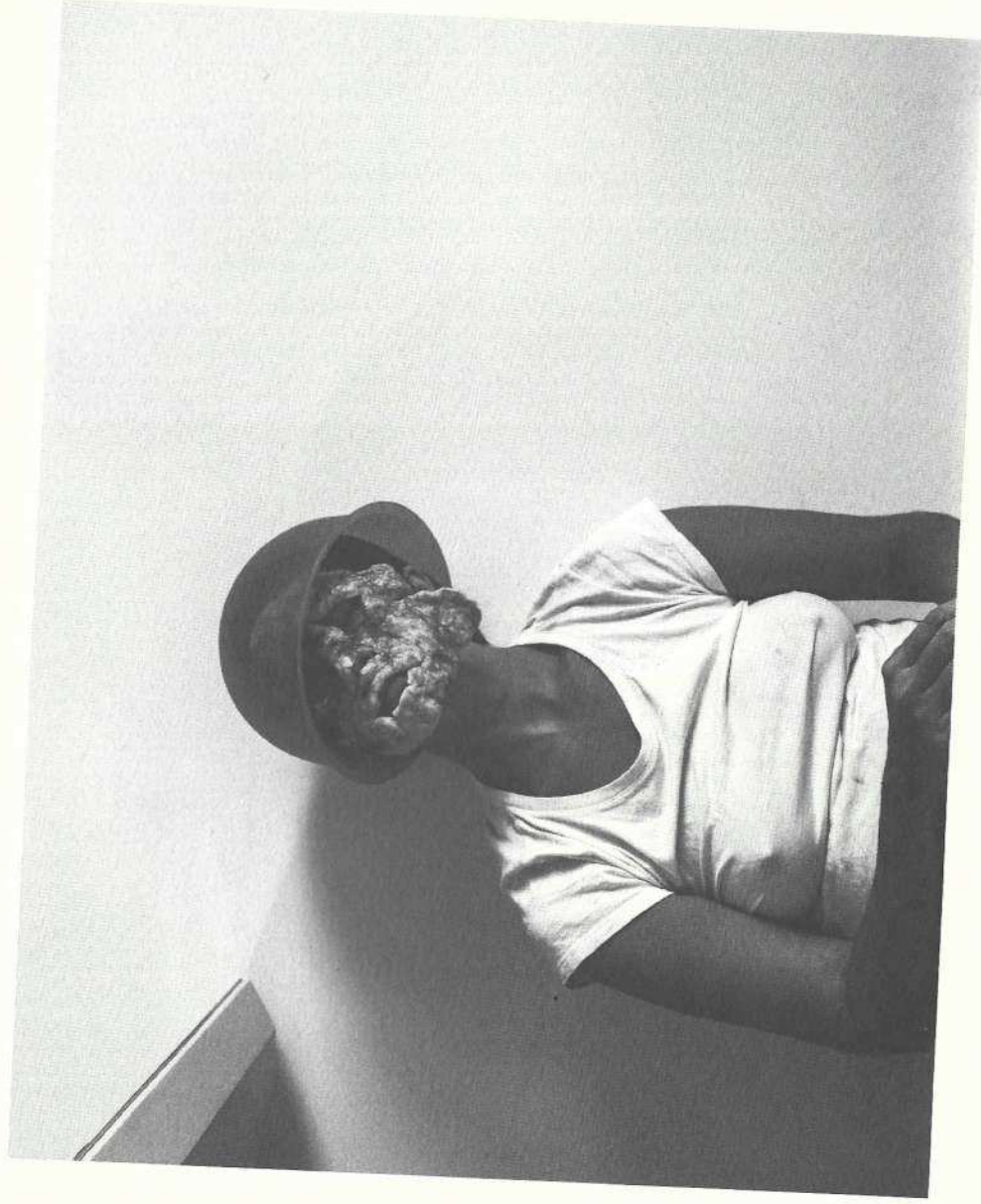




a mãe mostra tratava de convencer a criatura de que aquele era
o momento ideal para dormir:

- mas, mãe, você tem certeza?
- sim.
- muita certeza?
- sim.
- até derramar?
- sim.
- virou?
- sim.
- de cabeça pra baixo?
- sim. absoluta.

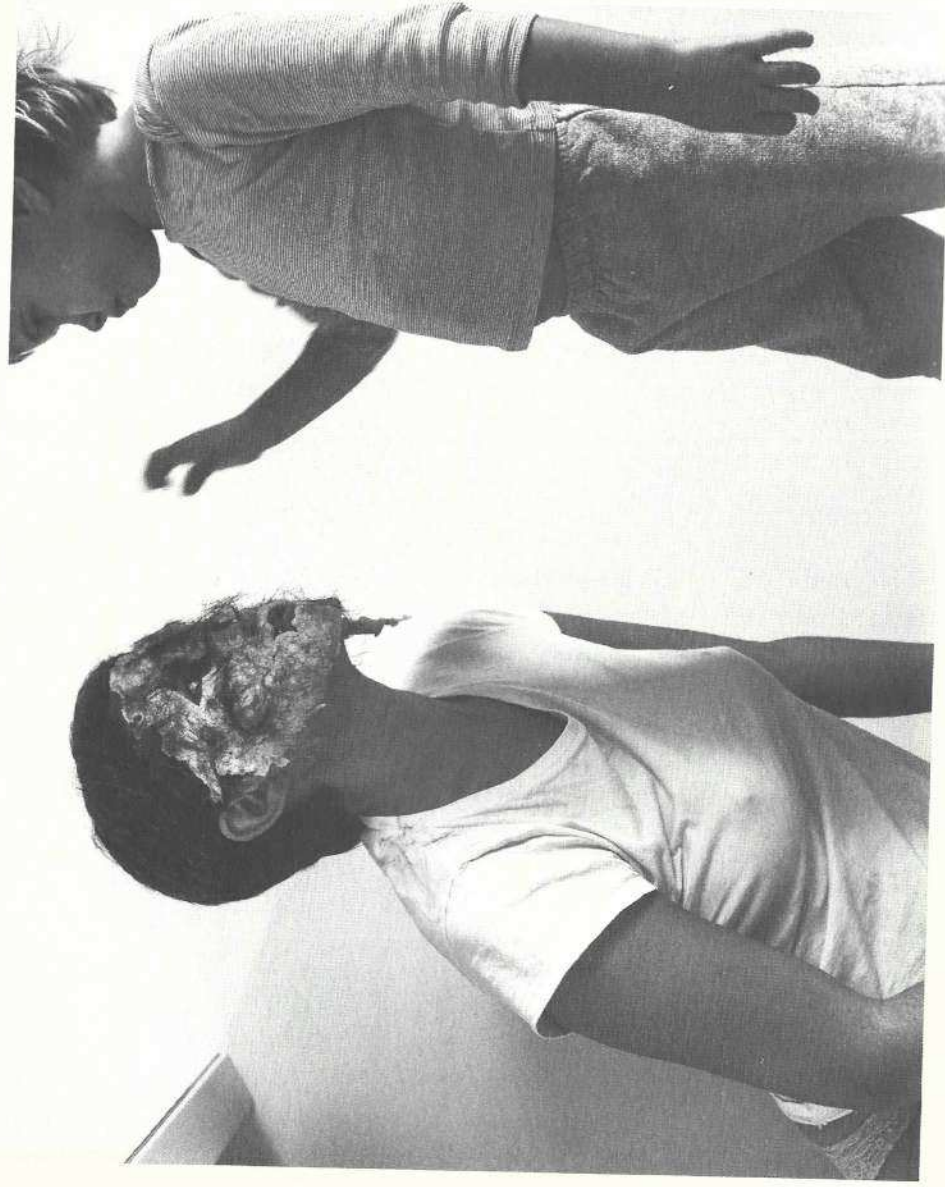




mãe mostra, palhaça ou guarda compartilhada? a mãe leva a criança ao dentista. revisão normal após um hiato de dois anos. o pai da criança, que está de visita, vai junto. um evento. o pai tira foto da criança curiosa e desconfiada com a situação estranha, aquela coisa. enfim, eis que está tudo certo com os dentes da criança, ufa! essa foi por pouco! chega bate um orgulho, sabe como é? e aconteceu o acontecido: na volta pra casa, o pai da criança diz: *que sorte que ela tem os dentes bons!* diminuí a velocidade. *oi? sorte?* (gente. eu fodi com meus dentes na maternidade. meus dentes adoeceram. não tinha tempo pra dormir quem dirá escovar os dentes. e foi tão difícil a rotina de escovar os dentes da criatura: ela nunca queria, era o caos. de tanto cuidar dos dentes da menina, esqueci dos meus. a mostra dos dentes podres verdes e fedorentos). até agora, foram 1227 dias de vida da criatura, menos os primeiros seis meses que não tinha dente pra escovar: 1097 dias, 2 escovações ao dia: 2195 vezes que uma mulher sentou a criança, colocou pasta (um grão de arroz) numa escova (ou várias pq que dom têm as crianças de destruírem uma escova em tão pouco tempo?) e escovou todos os dentes de uma boca pequena, um a um, de baixo pra cima, de cima pra baixo, circular, a língua, *agora fecha assim...* se somados seriam dois dias inteiros de

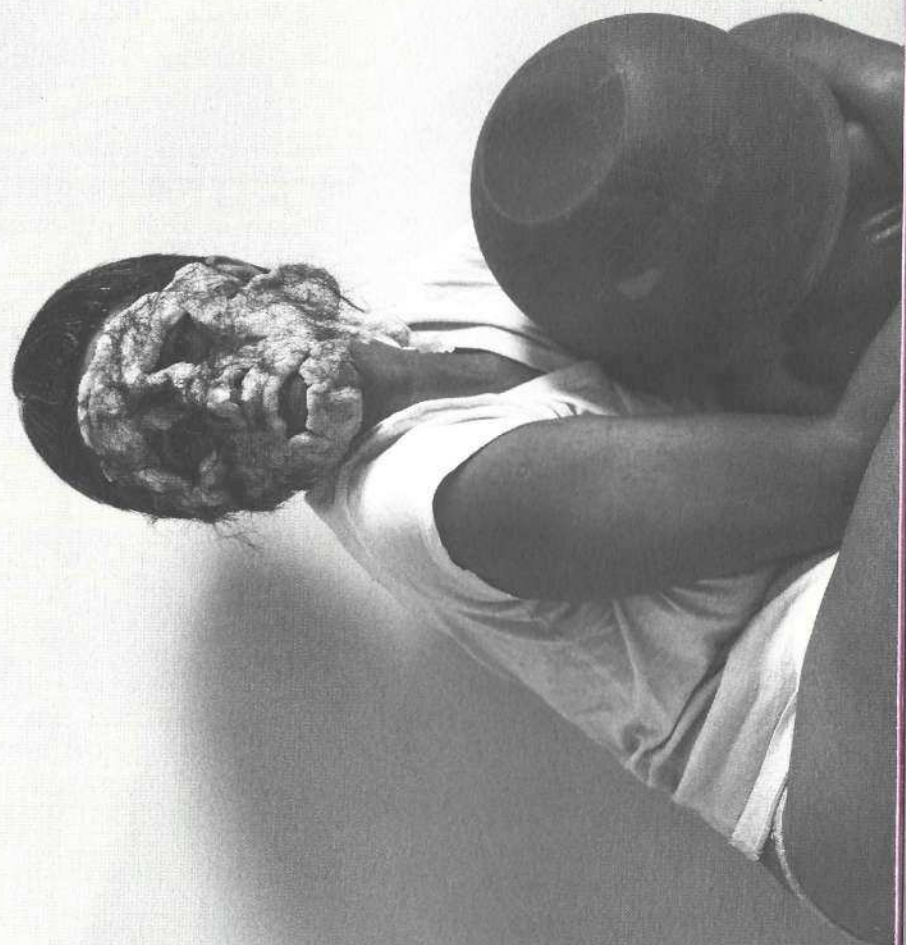
uma vida apenas escovando os dentes de uma única criança.

sério mesmo que foi sorte?



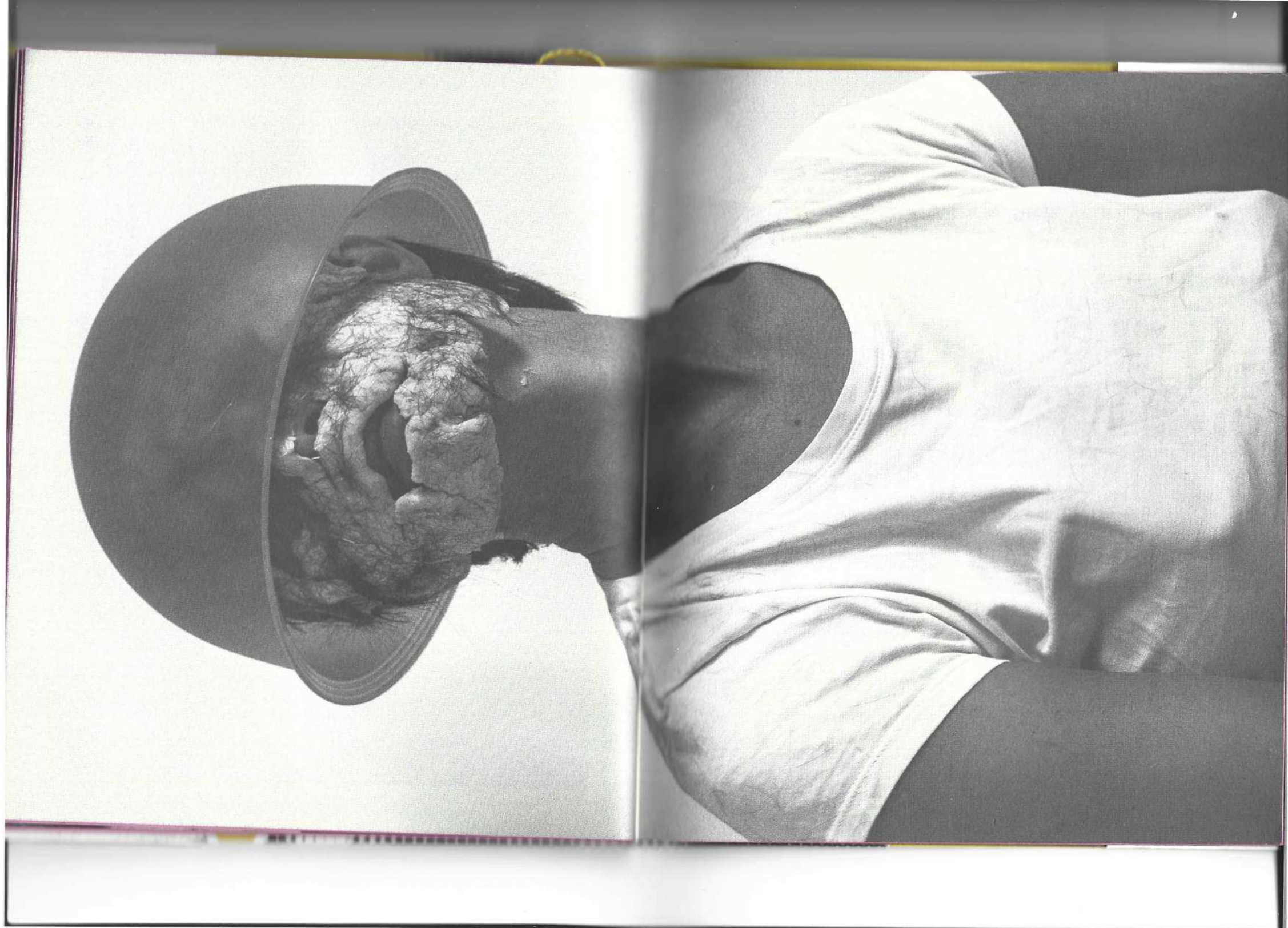
de férias, na praia, com a família. os ônus e os bônus de sair da rotina. um dia de glória, adrenalina, bebedeira e vitórias e o próximo de febre, choro, ressaca e o glúteo distendido. cada passo dado na direção da própria liberdade e autoestima é outro que chama pro laço infinito que é a relação mãe e filhe a se moldar a cada dia como mil esculturas de uma mesma personagem em tempos diferentes. em dias assim mais delicados que exigem tudo, não há o que fazer senão dar, dar & dar. se amanhã haverá o que dar, não sei. em dias assim é como se ela voltasse pro útero e o cordão umbilical voltasse a pulsar, mas eu já sei a sua cara e existe muito amor. um corpo quente e mole que pede pelo meu e se aninha e vive... sonhou com o primo. eles faziam um castelo. ela fala *balullo*. contei que existe dormir de tarde, é só fechar os olhos e pode ser gostoso,

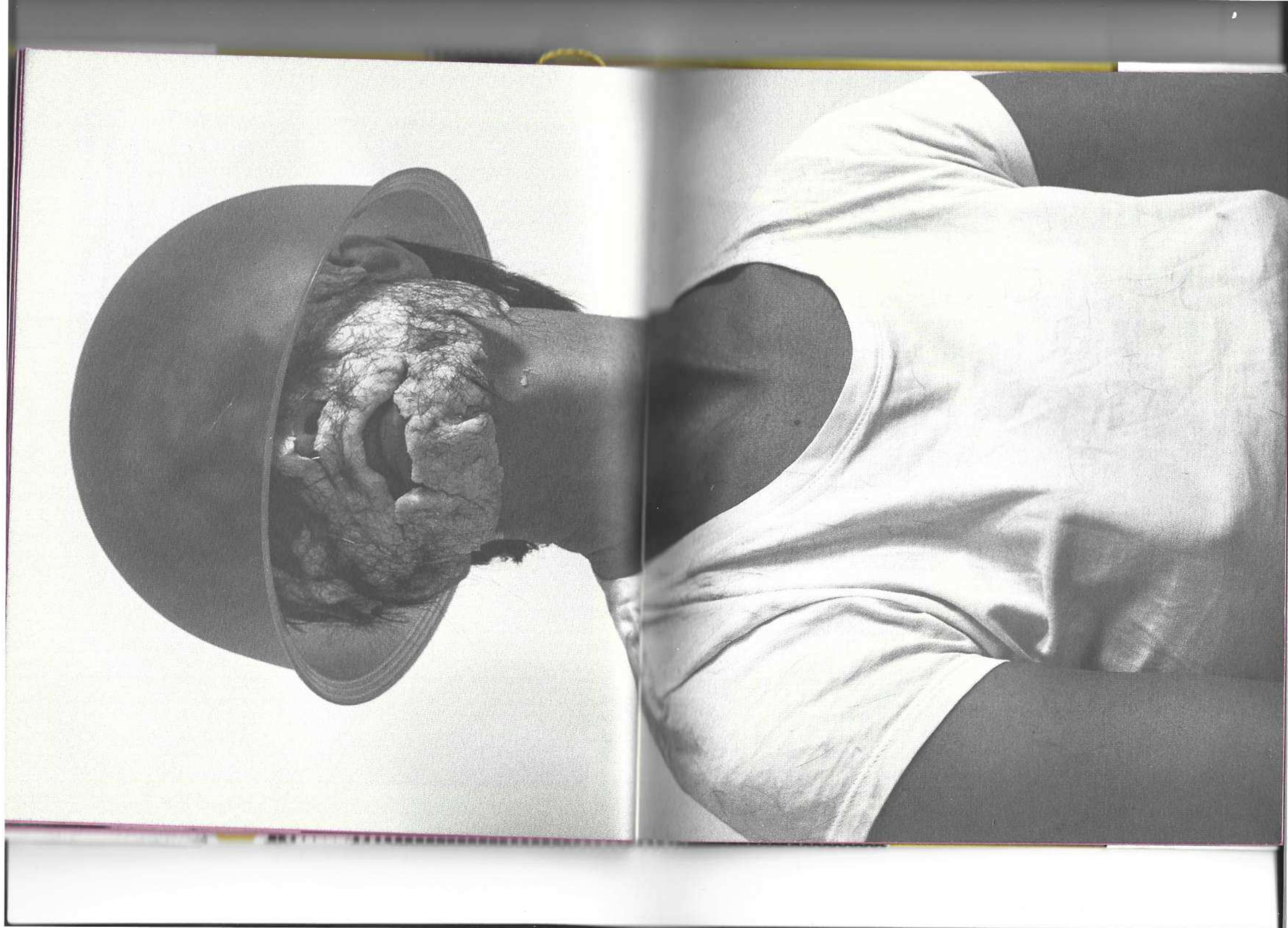
e ela d-o-r-m-i-u. e sonhou com
picolé.

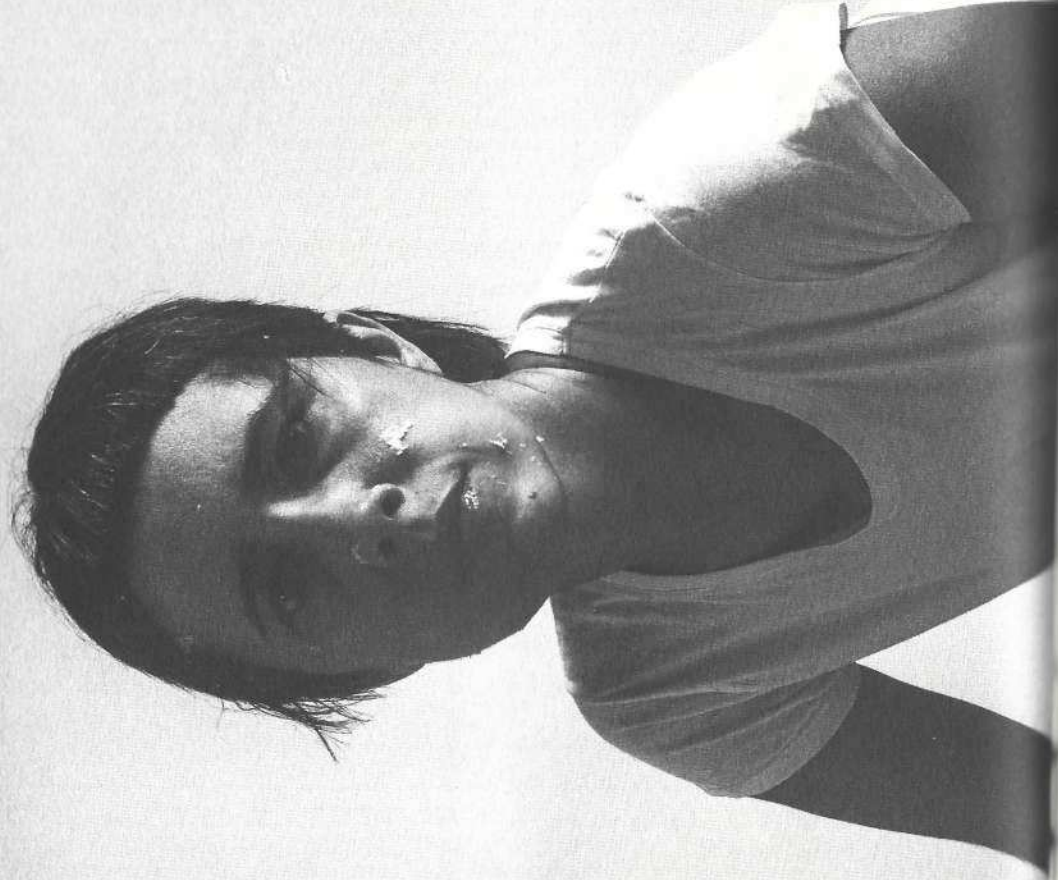




às vezes não parece,
mas mãe também é gente.
(criança também e monstros idem)







ela se tornou tudo o que mais temiam:
nervosa, irritada, abandonada, silenciada, bruxa, megera, mesquinha, solitária, sapatona,
gorda, impaciente, solteirona, comunista, artista, sobrecarregada, insegura, medrosa,
histérica, geniosa, ambiciosa, difícil, rancorosa, vingativa, desesperada, perigosa, carente,
mal comida, sem vergonha, puta, frígida, flácida, feminista, suja, largada, peluda,
provocadora, intransigente, temperamental, oferecida, mãe solteira, velha, descuidada,
seca, fria, mandona, errada, perdida, irresponsável, burra, culpada,
monstra, nojenta

para Inaê,
quem me inaugurou mãe,
artista



A MÃE MONSTRA

Fotoperformance de Inaê e Malu Teodoro

Texto e diagramação: Malu Teodoro

Revisão de texto: Maria Tereza Azevedo

A arte é garantia de sanidade (Louise Bourgeois),
e esse trabalho muito me salvou durante o puerpério/pandemia.

Agradecimentos, referências/reverências: Alexandre Molina & turma de Prática em Dança II, Carrie Mae Weems, Clarissa Borges & turma do Ateliê de Fotografia, Daniele Queiroz & turma do A História é Outra, Elisa Elsie, Elisabeth Badinter, Elza Soares, Jocarla Gomes, Julia Panadés, Luiz & Ana & Lúcia Guimarães, Maratona de Edição do Festival Imaginária, Marcel Esperante & turma do Ateliê de Serigrafia, Maria Tereza Azevedo, Marina Lima, Marta Mencarini, Paulo Argerami & turma do Ateliê de Fotografia, Pink Floyd, Rachel Midori Miyai, Sarah Elisa Viana, Solange Freitas, Tati Bernardi, Tatiana Reis, Thiago Fontes, Tiganá Santana, Vera Iaconelli, Universidade Federal de Uberlândia & Instituto de Artes & Festival Entreates.

Primeira edição, 800 exemplares

ISBN: 978-65-00-65879-8

Impresso em Novembro 2023

Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

www.maluteodoro.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

G963m

Guimarães, Maria Luíza Teodoro.

A mãe mostra / Maria Luíza Teodoro Guimarães. -- Uberlândia :

Ed. do autor, 2023.

77 p. : il.

ISBN: 978-65-00-65879-8

Este livro faz parte do projeto Mães da UFU, contemplado pelo Programa Institucional de Apoio à Cultural - PIAC-Estudantil Edição da UFU 45 anos, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia - Proexc/UFU.

1. Arte. 2. Maternidade. 3. Fotografia. 4. Fotolivro. 5. Performance.
I. Título.

CDU: 7



A MÃEMONSTR





peixes, búf

peixes, búfalas
& urubus

Antes da chegada dos peixes

Início esse texto fazendo um resumo da minha trajetória no audiovisual, ou seja, refletindo sobre a produção em vídeo realizada por mim pelas últimas três décadas: um mergulho no tempo explorando a evolução das técnicas de captura e projeção, que mudaram significativamente nas últimas décadas: da Super 8 e Mini DV a câmeras digitais, câmeras DSLR, projetores



o inacabamento faz parte



da continuidade



júlia panadés



forever?



redefinição [não] dirigida

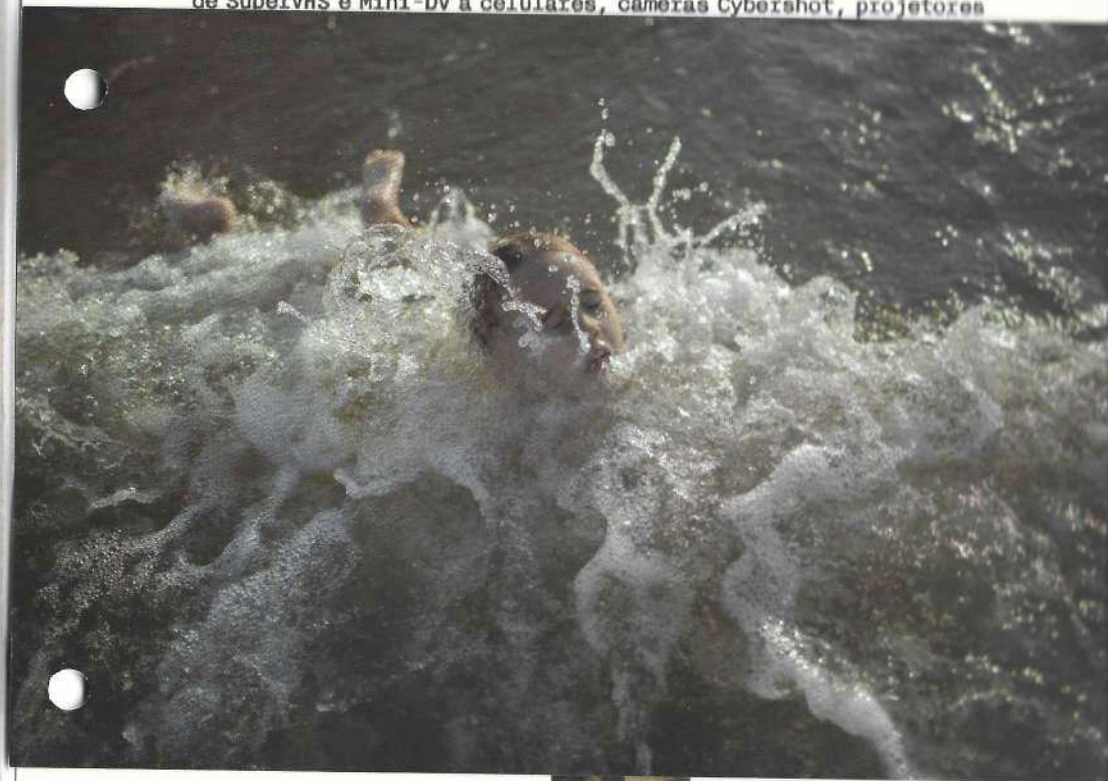
o inasbamento faz parte
da continuidade
Julia Panades

peixes, búfalas e urubus

PEIXES, BÚFALAS E URUBUS

Antes da chegada dos peixes

Início esse texto fazendo um recorrido pela minha trajetória no audiovisual, ou seja, refletindo sobre a produção em vídeo realizada por mim pelas últimas três décadas: um mergulho no tempo explorando a evolução dos formatos de captura e projeção, que mudaram significativamente nas últimas décadas: de SuperVHS e Mini-DV a celulares, câmeras Cybershot, projetores



beligerâncias

Muito Trabalho - 1:18 minutos - 1080p



360x4

Muito Trabalho - 1:18 minutos - 1080p



forever?

Muito Trabalho - 1:18 minutos - 1080p



n[ão] direção [não] dirigida.

Muito Trabalho - 1:18 minutos - 1080p



Antes da chegada dos peixes

Início esse texto fazendo um recorrido pela minha trajetória no audiovisual, ou seja, refletindo sobre a produção em vídeo realizada por mim pelas últimas três décadas: um mergulho no tempo explorando a evolução dos formatos de captura e projeção, que mudaram significativamente nas últimas décadas: de SuperVHS e Mini-DV a celulares, câmeras Cybershot, projetores de slides, televisores de tubo, plasma, até os modernos reels. Os trabalhos realizados foram elaborados utilizando o tempo e a experimentação audiovisual como formas de expressão, abordando temas como intimidade, saudade, solidão, poesia e as complexas relações humanas.

Em 2007, teve início as primeiras experimentações de audiovisual durante a formação universitária em Multimeios. A essa altura, usávamos mídias analógicas como SuperVHS e câmeras MiniDV, mas também já experimentávamos as novíssimas câmeras digitais, como as Cybershots. Os vídeos curtos criados exploravam as linguagens e a tecnologia da época, criando uma série de vídeos que circularam em festivais de cinema e mostras de novas mídias, como o Art.mov. Meu interesse pelas imagens móveis nasceu ainda na adolescência, época em que vivia em Rondônia, e nascia como experimentação e expressão íntima e pessoal, sobrepondo linguagens como audiovisual, fotografia e escrita. São dessa época os vídeos 360x4, *Silêncio: signo brutal*, *Telebeijo*, entre outros.



de continuidade
julia panadés



es,
búf

Em 2008, trabalhei em um coletivo fotográfico em São Paulo, que inaugurou uma vertente da fotografia em movimento, aproximando imagem fixa e o audiovisual. Nessa época surge o Coletivo Pangeia de Dois, formado por Vinicius Assencio e por mim. Juntos fomos ao México cursar o Seminário de Fotografia Contemporânea e criamos o blog *pangeiadedois.blogspot.com*, plataforma em que diariamente postamos conteúdos sobre a vida em outro país e as produções artísticas da dupla. Muito da minha linguagem artística foi desenvolvida nessa época e alguns desses vídeos são: A série *Adeus*, e vídeos curtos como *Tio Pepe*, *San judita a diez*, entre outros.

Ao final desse período, juntamente com a finalização do Seminário, realizei o conjunto de video-postais *Contigo quero dividir minha solidão*, série de 9 cartões postais em vídeos que foram realizados para destinatários próximos, que naquela época estavam distantes. Essa série de vídeos participou de diversos festivais de cinema e de fotografia no Brasil e também no exterior, recebendo prêmios como FOCO, no México, e Tela Brasil, sendo exibida na televisão aberta. Também participou de curadorias sobre a temática das cartas, famílias e de artigos e pesquisas científicas na área das artes e comunicação.

Contigo Quero Dividir Minha Solidão (PORT)

Para ver o vídeo completo do projeto Contigo Quero Dividir Minha Solidão, clique aqui.

▶



<https://vimeo.com/showcase/1516224>

De volta ao Brasil, seguimos trabalhando enquanto coletivo *Pangeia de dois*, registrando principalmente movimentos culturais e artísticos no Brasil, publicidade, editorial, e também desenvolvendo trabalhos autorais como *Rua - Guilherme de Almeida*, realizado com o apoio do Estado de São Paulo e exibido no MIS - Museu da imagem e do som de São Paulo, entre outros trabalhos em coletivo, como a direção de fotografia para o filme *O que queremos para o mundo*, do diretor mineiro Igor Amin, e *Grande Hotel - memórias do salão*, do também mineiro Paulo Murilo Fonseca. Foi dessa época também a vídeo-instalação com videomapping *Do Elo*, realizada a convite do Festival de Fotografia de Paraty em 2014, e série de entrevistas com os convidados do III Fórum Latino-Americano de Fotografias de São Paulo, financiada pelo Itaú Cultural.

Após essa época (~2014), tive uma transição em minha trajetória em que o corpo passou a fazer parte das composições artísticas e audiovisuais. Em 2018 me tornei mãe, e a maternidade alterou drasticamente minha forma de lidar com criação artística, inserindo meu próprio corpo em performances realizadas para a câmera - ora para a fotografia, ora para o vídeo. Em 2019, como finalização do curso *Fotofilme: A fotografia como narrativa fílmica* na Universidade Nova de Lisboa, realizei um filme muito importante pra mim: *Inaê, relato-video de parto*, exibido no Festival Feminista de Lisboa daquele mesmo ano, e inaugurando um novo caminho para os meus trabalhos, e um tipo de conteúdo audiovisual que dialoga com mulheres, e principalmente mães.

Logo depois fiz *Polvorosas* (2020) um filme realizado em parceria com a fotógrafa Thaneressa Lima durante o período de isolamento social, onde realizamos um filme a partir de filmswap, uma técnica de sobreposição fotográfica nos filmes analógicos de 35mm. Com esse filme fomos premiadas no edital emergencial Arte como Respiro, do Itaú Cultural. Nessa parceria também criamos o *Cronocyanografia*, vídeo em animação utilizando duas técnicas: a cianotipia e a cronofotografia. Nós burlamos o isolamento social criando esse encontro visual de escrita no tempo em azul. O filme foi produzido a convite do *Mescla* - um projeto de videoarte idealizado pela *Coletiva Moviola Mídia Livre* com apoio da Lei Aldir Blanc, e foi exibido em festivais pelo Brasil, como a *Bienal SESC de Dança*, em 2021.

eu-búfala

Chegamos então em 2022, ano em que produzi o trabalho Peixes, búfalas & urubus. Esse filme nasceu de alguns desejos:

- retomar processos criativos compartilhando e em trânsito, como acontece em residências artísticas, e que com a chegada da maternidade eu perdi a possibilidade de realizá-los. (As residências eram muito importantes para meu processo de criação, pois ali tinha diálogo, encontros, atravessamentos e estímulos para criar. Com a maternidade essa possibilidade se dissolveu, pois além de ser muito difícil viajar sozinha com uma criança pequena, os espaços de residência não estão disponíveis para as mães.)

- finalizar o filme do álbum de família, retomar o audiovisual, e principalmente voltar pro Norte, estado em que nasci e vivi até os 17 anos, agora com minha filha. Algo que sempre quis mas que nunca consegui viabilizar, pois viagens à região norte do Brasil são extremamente caras.

Com esses desejos, apliquei para a residência Útero Marajó, que ocorreu em setembro de 2022 em Soure, na Ilha do Marajó, no estado do Pará. Durante três semanas, artistas selecionadas participaram de uma imersão criativa que resultou na produção de obras audiovisuais experimentais. O projeto teve como foco a valorização da experiência feminina no contexto amazônico, promovendo um espaço de escuta, troca e expressão artística.

O projeto que apliquei levava em consideração a maternidade solo e deixava claro que eu não poderia participar se não fosse levando junto a minha filha. E também, para o processo que me propus a investigar, a sua presença era fundamental. A residência de três semanas cairia bem no recesso que eu teria na universidade, a criança poderia faltar à escola de educação infantil (tinha 4 anos) e ficou muitíssimo animada quando contei da aceitação da proposta e nossa próxima viagem!

No entanto, alguns dias antes de embarcar pra Belém, me informaram que não teriam como viabilizar a ida da minha filha à residência, pois não podiam bancar sua ida, e que então eu teria que decidir entre não ir, ir sozinha, ou abrir mão da contribuição financeira que eu receberia para participar do processo, para que pudessem custear a ida dela.

Decepcionada, decidi aceitar a última condição: abrir mão da bolsa para poder estar lá, mesmo sabendo que teria muitos custos, meus e dela. A residência que se propunha a acolher mulheres, não podia acolher com dignidade uma mãe. Fomos! E essa situação frustrante acabou se repetindo de algumas formas por lá, em situações que não vale a pena aprofundar nesse momento.

A travessia de balsa entre Belém (PA) e a Ilha do Marajó geralmente leva de 3 a 5 horas, dependendo do tipo de embarcação, do porto de saída e das condições do rio e do clima. Chegamos lá um dia após um trágico naufrágio: A lancha Dona Lourdes II, que partiu de Cachoeira do Arari com destino a Belém, estava superlotada com mais de 80 passageiros. A embarcação naufragou nas proximidades da Ilha de Cotijuba, resultando na morte de pelo menos 11 pessoas, incluindo mulheres, homens e crianças. O acidente expôs sérias falhas na fiscalização e na segurança do transporte aquaviário na região. A lancha operava de forma irregular, partindo de um porto clandestino, e o comandante optou por uma rota não utilizada por embarcações de passageiros, mesmo com correnteza forte. Além disso, a embarcação estava superlotada, o que contribuiu para a tragédia. Infelizmente, situações de negligência como esta são comuns na ilha do Marajó, uma região marcada por desafios socioeconômicos, incluindo baixa renda média, acesso limitado a serviços de saúde e educação e infraestrutura precária. Apesar de riquíssimo culturalmente e com paisagens deslumbrantes, o território enfrenta altos índices de vulnerabilidade social, sendo uma das regiões mais carentes do país. Pois bem, chegamos à ilha dois dias após o acidente, junto com corpos encontrados no naufrágio, e manifestações no porto de desembarque.

A equipe de produção da residência nos levou à Pousada onde ficaríamos hospedadas, a Pousada Ventania, na praia de Joanes, em Salvaterra. Minha filha e eu tínhamos um pequeno quarto e compartilhamos com Marines e Melissandra, as outras duas residentes, as refeições, os dias, e os projetos. Foi muito rico estar lá com minha filha e as outras duas residentes! O lugar é maravilhoso e era emocionante estar com ela. Também tínhamos tutorias com artistas que foram muito importantes no processo, como Carol Abreu e Alexandre Siqueira, com quem já tinha compartilhado momento durante a *Residência Dois de lá, dois de cá*, em 2015 em Belém.

A primeira semana foi de reencontro com as águas e a natureza deslumbrante do lugar e também de lidar com situações complicadas em relação ao cuidado contínuo com a criança, adaptações às idéias do projeto, uma vez que ficou claro que eu não finalizaria nada do *álbum de família* naqueles dias, pois não tinha tempo pra editar, por estar o tempo todo com a criança. Em vez de me limitar ao material que já possuía, fez mais sentido criar novas imagens e memórias naquele lugar, agora ao lado da minha filha, num gesto que também me conectava ao meu próprio passado. Assim, ao nadar com ela naquele rio-mar sem fim, recordei a experiência de quando, ainda criança, quase me afoguei no rio Madeira.

Na segunda semana da residência, vivenciei uma cena inesperada: no Marajó, não é raro que as praias amanheçam cobertas de peixes mortos, resultado de um fenômeno chamado mortandade de peixes, que acontece quando a água perde oxigênio suficiente para a sobrevivência deles. Isso pode ser causado por diferentes fatores, como mudanças na salinidade ou na temperatura, decomposição de plantas e animais que consomem oxigênio, ou ainda alterações no fluxo dos rios e igarapés. Sem ar para respirar, os peixes acabam morrendo e sendo levados pelas correntezas até as margens – um espetáculo ao mesmo tempo impressionante e perturbador, que revela tanto a força da natureza quanto a vulnerabilidade dos ecossistemas da região. As belas praias de Joanes tornaram-se intransitáveis, completamente tomadas por peixes mortos, cujo odor invadia até o nosso quarto na Pousada Ventania, persistindo dia e noite. Essa situação se estendeu por cerca de uma semana, até que, pouco a pouco, os restos foram recolhidos por homens da comunidade, com a ajuda dos búfalos da região.

Na última semana da residência, adoeci com uma forte infecção de ouvido. Procurei atendimento no posto de saúde da vila, mas o tratamento não trouxe melhora. Consegui, por alguns dias, levar minha filha à escola local, o que me deu um pequeno respiro para tentar me recompor. No entanto, logo a professora responsável precisou viajar e a escola ficou sem aulas. Depois de dias febril, sozinha com uma criança e longe de casa, fui levada até o hospital de Soure, onde finalmente recebi uma injeção que começou a aliviar os sintomas.

Foram muitos os desafios enfrentados, que fui registrando em um caderno de viagem. Minha filha também tinha o dela, e esses escritos se tornaram parte da base do filme que editei já em

casa, após o fim da residência. Aos trancos e barrancos, com o apoio da residência Útero, a minha própria persistência e a presença amorosa e companheira da minha filha, consegui realizar um filme que, acredito, traduz de forma potente algumas questões da maternidade e da nossa história juntas.

O filme *Peixes, Búfalos & Urubus* (PBSU) foi exibido em diversos espaços, festivais e salões entre 2022 e 2025. Em 2022, integrou o *Ocitocina Festival* (online) e o *Amazônia (fi)doc #8*, em Belém/PA. No ano seguinte, participou da 3ª edição da CHAMA, no *Espaço Cultural Candeeiro*, em Natal/RN; da *Mostra Energia da Cultura*, promovida pela CEMIG (online); do *MC Projeta* (online); do *FAC Festival* (online); e da *Mostra de Vídeo do Nuh! Festival de Artes Gráficas*, na Funarte, Belo Horizonte/MG. Em 2024, foi exibido na *Mostra de Curtas do Elas Festival*, também na Funarte, Belo Horizonte/MG; no *Programa Casa do Olhar Luiz Sacilotto*, durante o *Festival de Fotografia de Paranapiacaba*, no Cine Lyra, Paranapiacaba/SP; na *V Mostra Clandestina - Mulheres Água, Mostra Feminista de Cinema*, Cidade de Goiás/GO; e no *51º Salão de Artes Luiz Sacilotto*, Santo André/SP. Já em 2025, PBSU integrou a *Mostra de Videoperformances do Festival Lacração*, em Vitória/ES, e a *Casa Aberta - Corpo, Raça e Gênero*, em Uberlândia/MG.



"Peixes, búfalos & urubus" (2022) é um filme produzido por mãe e filha, que, juntas, foram a uma residência audiovisual na Ilha do Marajó, no Pará. Por meio de experimentações audiovisuais, o filme tenta dar conta da experiência de estar em viagem e residência junto com uma criança pequena, acessando memórias do acervo familiar, mas principalmente, criando novas histórias.

<https://www.youtube.com/watch?v=s8Dd5wMiF2Q>

Depois dos urubus

Em 2024, finalizei o filme *Álbum de Família*, realizado com financiamento do Programa Municipal de Incentivo à Cultura e Lei Paulo Gustavo de Minas Gerais. *Álbum de Família* é um mergulho íntimo e sensível nos primeiros anos de vida de uma filha e na transformação de uma mulher em mãe. Através de um vídeo de 16 minutos, o filme traduz audiovisualmente um álbum de fotografias feito à mão e com obsessão durante esse período de descobertas, desafios e mudanças. Em sua essência, a obra aborda a profundidade da experiência materna, o caos e os colapsos internos que surgem com a tentativa de moldar uma nova estrutura familiar. Através dessa jornada, o filme revela o ponto de fragilidade onde o amor se mistura com o colapso, e onde o fracasso se torna, paradoxalmente, uma parte essencial da construção da família.

E por fim, tenho trabalhado na realização/produção/direção do filme *Mulher-casa*, filme-performance desenvolvido com uma equipe majoritariamente feminina e mãe, no interior de Minas Gerais, que estabelece uma pesquisa sobre a feminilidade e domesticidade do ser feminino atrelado à maternidade. O filme conta com uma equipe com mais de 30 pessoas e é financiado pela Lei Paulo Gustavo Municipal/Uberlândia.

Ao longo dessas três décadas de produção audiovisual, minha trajetória se desenvolveu como um constante processo de transformação e reinvenção. O que começou com experimentações em mídias analógicas e digitais atravessou os tempos e se adaptou às novas tecnologias e abordagens estéticas, mas sempre mantendo uma relação com os temas da subjetividade humana, como a solidão, a intimidade, a maternidade e a complexidade das relações.

O trabalho com o corpo e com a experiência da maternidade abriu um caminho diferente na minha produção, aproximando-a de públicos diversos, em especial de mulheres e mães. Sinto que esse último ciclo de criação, com obras como *Álbum de Família* e *Mulher-casa*, reflete não apenas mudanças no meu fazer artístico, mas também transformações pessoais, onde minhas vivências se cruzam com as de outras pessoas para formar narrativas que possam dialogar e encontrar ressonância no olhar do outro.

Em 2024, pensando nessa trajetória audiovisual, realizei a exposição "*Videografia: 00, 10 e 20*", que aconteceu na *Oficina Cultural de Uberlândia*, e contou com colaborações de Tatiana Reis na curadoria e expografia, remetendo às várias fases da história do vídeo.

Como considerações finais, sinto que este percurso - entre experimentações técnicas, parcerias, deslocamentos e a maternidade - revelou que meu trabalho nunca esteve apenas ligado a suportes ou formatos, mas às formas de estar no mundo e de me relacionar com ele. A cada etapa, descobri que criar é também elaborar memórias, sustentar afetos, enfrentar fragilidades e reinventar caminhos. Se antes a câmera era um dispositivo para olhar para fora, hoje ela se tornou também um meio de olhar para dentro, de escutar meu corpo e a experiência de ser mãe. Ao longo dessa trajetória, compreendi que minha produção se dá no entrelaçamento entre o íntimo e o coletivo, e que é nesse espaço, onde vida e arte se encontram, que sigo criando imagens, histórias e sentidos que desejo que ressoem com outras pessoas.

VIDEGRAFIA: 00 10 E 20

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE MALU TEODORO | CURADORIA TATIANA REIS

OFICINA CULTURAL UBERLÂNDIA | 05 DE OUTUBRO A 24 DE NOVEMBRO DE 2023

A vídeo-instalação "Videografia: 00, 10 e 20" nasceu do desejo de olhar em conjunto a trajetória e trabalhos audiovisuais realizados por mim, nas últimas três décadas. A exposição realiza um percurso pela dimensão do tempo e formatos de captação e projeção, que tanto se alterou nos últimos tempos: SuperVHS, Mini-DV, Cybershot, celulares, projetor de slide, televisor de tubo, plasma, reels etc. Os vídeos aqui apresentados foram artesanalmente construídos, tendo a demora e a experimentação audiovisual como linguagem, ao mesmo tempo que desdobram temas como a intimidade, a saudade, a solidão, a poesia e as relações.

Os vídeos realizados na década de **2000** foram meus primeiros experimentos enquanto jovem estudante de comunicação social em multimeios e curiosa (pesquisadora) nas linguagens do vídeo. Alguns dos vídeos aqui apresentados participaram de festivais e mostras de cinema/vídeo/audiovisual pelo Brasil na época em que a inscrição era feita por DVDs (ou ainda fita MiniDV) enviadas via Correios; e me levaram a assistir filmes em telonas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ouro Preto etc. Para uma estudante, foi uma experiência incrível.

A década de **2010** reúne vídeos realizados com câmera fotográficas reflex, que naquele momento começaram a filmar, criando uma qualidade extraordinária aos vídeos, os aproximando da fotografia e do cinema. Como os vídeos do coletivo Pangeia de dois, realizados no México na época em que a dupla viveu na capital enquanto cursava o Seminário de Fotografia Contemporânea, e alimentava diariamente o blog *pangeiadedois.wordpress.com* com fotografias, vídeos e textos, pela duração de um ano. Nessa década também atuei profissionalmente no audiovisual e realizei trabalhos que ficaram fora do recorte apresentado nessa exposição, como vídeos institucionais, publicitários, longa-metragens documentais como diretora de fotografia, vídeos de casamento, videocliques e outros. Muitos filmes realizei sozinha, experimentando dentro de casa, como quem escreve; mas outros tantos foram realizados em co-criação com outras pessoas, a quem agradeço imensamente a parceria, inspiração e afeto: Igor Amin, Paulo Fonseca, Lídia Paes Leme, Vivian Arita, Vinicius Assencio, Thiago Fontes e Theneressa Lima. Agradeço também à atenta curadoria de Tatiana Reis, e o super apoio na montagem de Yasmin Pesolitto, os funcionários da Oficina Cultural e da Prefeitura de Uberlândia, e a UFU.

Por fim, os filmes da década de **2020** se iniciaram no isolamento do puerpério/pandemia, ou estão acontecendo agora. São trabalhos que seguem falando de afetos, das relações, de amor. Trazem marcas dos vídeos das décadas passadas, como o experimentalismo e a fotografia. Tratam também de uma retomada íntima depois de anos em pausa para cuidar do corpo, encontrar novas danças, gestar, parir e criar uma criança. Os filmes são marcados por um hibridismo de linguagens, já que no audiovisual cabe tudo: corpo, texto, imagem fixa/movimento, voz, sobreposições, cores, e tanto mais. Como uma artista multimeios desinteressada em se fixar em uma única linguagem, o audiovisual se torna um caminho rico em possibilidades. Atualmente tenho trabalhado em um filme sobre o "álbum de família", que no dia 24/11, às 19hs, juntamente com o encerramento desta exposição, será compartilhado ao público.

Agradeço a sua visita, e deixo o convite para comparecer ao encerramento,
Malu Teodoro.

O vídeo-arte Peixes, Búfalas e Urubus foi desenvolvido durante a residência artística denominada Útero, na Ilha de Marajó, pela artista visual Malu Teodoro e sua filha Inaê. O processo de criação durou 21 dias e contou com equipamento de captação de som e imagens e dois cadernos.

A trilha sonora do filme é composta pelo som da Kalimba, um instrumento africano, sons do vento forte, falas de Inaê e narração em off de Malu. O filme inicia com a cena de um caderno aparentemente artesanal com suas folhas sendo movimentadas pelo vento. Na sequência, intercalam-se pequenos textos sobre o processo criativo com cenas das páginas dos cadernos com anotações manuscritas de Malu e desenhos de Inaê, fotografias da menina sozinha ou com a mãe, cenas da menina mergulhando, fotografando, filmando, brincando com uma lanterna, fotos da paisagem da ilha, a mãe na praia.

A construção narrativa do audiovisual é uma flutuação metafórica da maternagem, da sobrecarga física e mental advinda do trabalho de cuidado que recai sobre as mães, particularmente as mães solo, e ainda assim, da beleza singela que é criar e educar uma criança, contrastando com o que exhibe a mídia em geral, que *"mostram somente o lado da ternura e do amor, mas a maternidade é feita de todos os sentimentos, as coisas difíceis e ruins fazem parte, o que na minha opinião não deixa a maternidade ruim, porém são momentos que fazem parte da jornada."* (informação verbal)

Neste jogo enunciativo, o filme trata destas questões com falas lúdicas da menina, anotações genuínas da mãe entremeadas por cenas repletas de encantamento, onde a água, o ar, a terra e o fogo se fundem numa grande alegoria da maternagem.

As cenas, editadas em temperatura de cor levemente quente, traz calor e acolhimento para a história contada como uma *"tragédia em 3 atos"* (Teodoro, 2021) que fala de naufrágio, morte e dor, relacionando cada ato com uma questão específica para a artista.

O naufrágio ocorrido dias antes do início da residência torna-se uma metáfora da própria condição da autora, pois a alegria dela e da filha em ter a oportunidade de estarem juntas pela primeira vez na Ilha de Marajó para um processo artístico, é atravessada pela notícia de que a ajuda de custo não seria

paga. *Tive que abrir mão da bolsa para trazer minha filha, diz um trecho do vídeo. Não é favor acolher uma mãe. Nem sua criança., complementa.*

Este fato, também relaciona-se simbolicamente com os búfalos que vivem na ilha, pois chegaram lá através de um naufrágio. Em um ponto da obra, a artista se apresenta como eu-búfala, enquanto a filha dança entre duas carcaças de cabeça do animal. A morte é um tema presente no corpus de trabalho da artista (Teodoro, 2021) e simboliza as transformações sofridas pelas mulheres quando se tornam mães. *"Eu realmente me sinto viva aqui, ou inundada, disforme, dentro de uma sopa quente?"*.

A dor tornou-se física durante o processo da artista com uma infecção de ouvido e aparece como indícios do medo, das incertezas, da ansiedade, na vontade de desistir, que é própria dos processos criativos, mas também faz parte da vulnerabilidade da mulher enquanto mãe.

No nível narrativo da obra, pode-se também relacionar a dor às questões da sobrecarga física e mental citada anteriormente, pois em diversos trechos do filme esta questão é abordada, como nas imagens da página do caderno com as anotações manuscritas da autora, conforme segue:

QUADRO 1 – Anotações manuscritas de Malu Teodoro

Minutagem Texto

00:48 Ato poéticos interrompidos pelas demandas de cuidado exigidas por uma criança

01:05 Silêncio. Calmaria. Tempo.

Para uma mãe, não há.

01:41 e 03:25 Ser mãe é equilibrar pratinhos demais

01:50 estou tão cansada

03:41 corre mãe, corre

FONTE: autoria própria

A sensação de não dar conta, outra demanda do autojulgamento, sentimento compartilhado por 60,7% mães que participaram da pesquisa qualitativa, aparece nas seguintes passagens:

QUADRO 2 – Autojulgamento

Minutagem Texto

01:14 antes de ser filha, sou falha

01:17 Mãe Falha.

Mãe Falta

01:44 Estou de TPM dor de ouvido e muito ansiosa

01:48 *desistir* / *abandonar esta vaga*

04:34 Comi muito, tudo farinha, tô de barriga muito cheia. Tô também de cabeça

cheia e o coração abarrotado de angústia [...]

FONTE: autoria própria

O vídeo tem dois outros personagens importantes nesta jornada, o vento e o mar. O primeiro aparece na ambientação sonora do filme e em várias cenas observa-se o movimento advindo de sua passagem pelos cabelos, vestimentas, nos galhos das árvores e, principalmente, pelas folhas dos cadernos. Conforme anotações da autora, no minuto 01:05, *Ventania* → *não é registrável, apenas o diálogo dele com as coisas (sic)* e pode ser lido como uma representação da invisibilidade do trabalho de cuidado materno, pois não se vê, mas se sente.

O mar surge logo no início, na primeira aparição de Inaê, em uma foto em close da menina emergindo das ondas, uma alegoria do parto e referência que aparece no poema *Cordão Umbilical*, de Heleine Fernandes (2021, p. 27 apud Felix, 2022, p. 29).

cordão umbilical

para entrar no mar

derramar-se

é preciso tomar um caldo

uma lapada

ser arrastada

pelo redemoinho

dos cabelos

da vulva de mamãe

gargalhar

e chorar

como uma criança parida.

No filme, está presente, também, em trechos manuscritos da autora *antes de ser mãe, sou mar, mãe ilha, mãe foz, mãe mar, atravessar sem se afundar, não se afogue não* e na própria trilha sonora, pois *"o som da Kalimba remete a gotas de água"* (Krunner, 2020 apud Felix, 2022). No poema de Heleine Fernandes, intitulado *Kalimba*, lê-se:

kalimba

nas dobras do ouvido

um segredo cantado

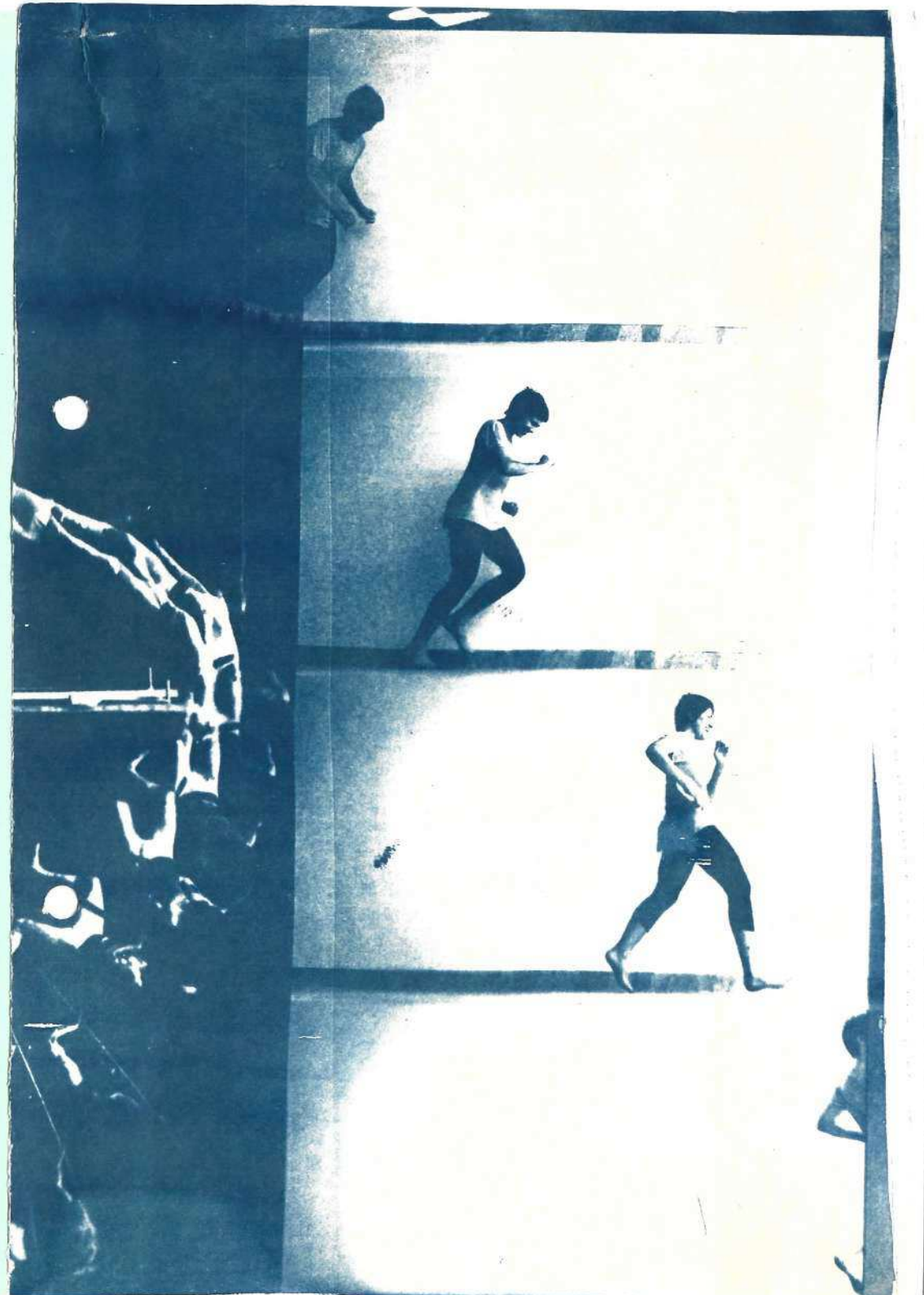
em sílabas de água

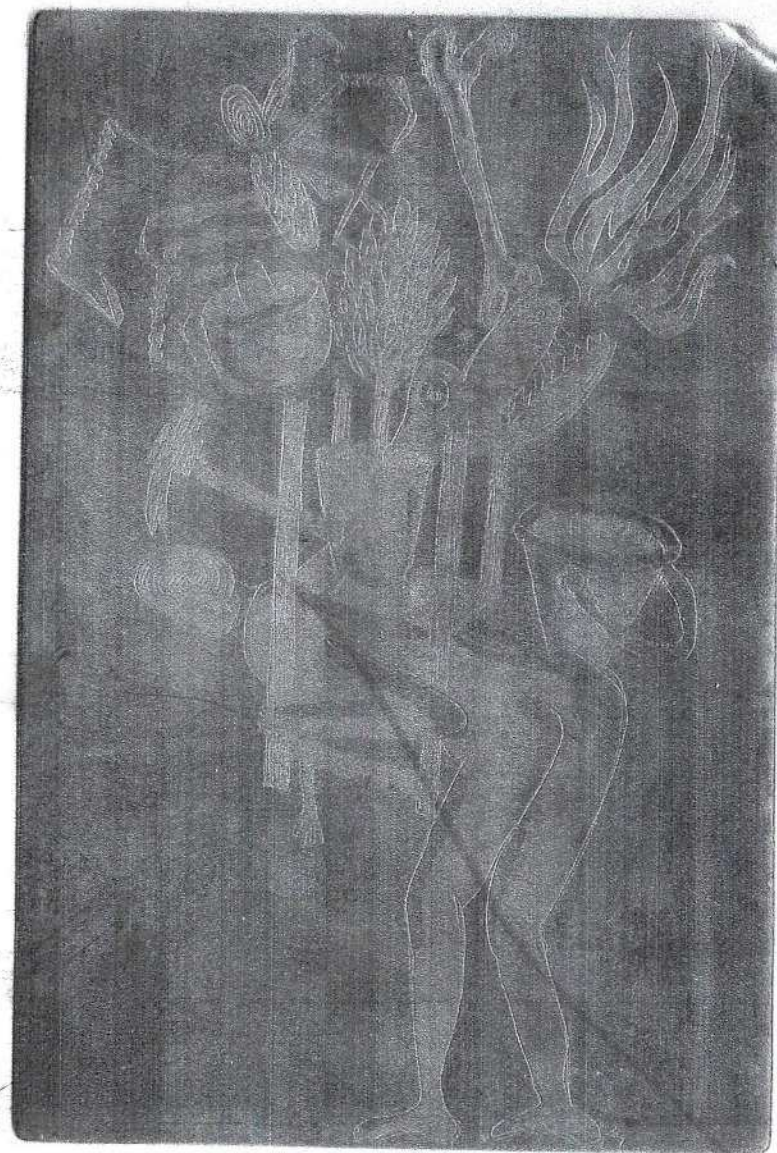
(Fernandes, 2021, p. 27 apud Felix, 2022, p. 27)

Assim sendo, o som da Kalimba poderia ser analisado não somente pela sonoridade doce e gentil aos ouvidos, mas também como uma representação alegórica da voz das mães que sofrem caladas, ou sussurrando suas dores para não serem julgadas, numa sociedade que ignora a saúde mental e a solidão materna.

Dentre várias outras cenas, destaca-se o mergulho da filha no mar que se funde com as páginas do caderno e a cena final, onde a mãe tenta se equilibrar na beira do mar. Esta última cena da obra audiovisual é a síntese do arco de transformação da protagonista. A mãe se esforça para manter o equilíbrio na beira-mar, passando lentamente o peso do corpo de uma perna para outra, enquanto o vento sopra forte. Entra uma sobreposição de imagens da filha repleta de luz - tanta luz que ofusca - mãe e filha se fundem, não há mais imagem, apenas a claridade intensa, como quando se olha o sol e a luz toma conta de tudo - como um desvario dos pensamentos. Não obstante, a luz não perdura, aparece em flashes. Entre estes lampejos, a mãe segue firme, dedicando-se ao equilíbrio. Enfim, ela se afasta, o sonho termina, a realidade impera, enquanto sua voz em off sussurra: *Daqui a pouco preciso buscar minha filha na escola.*

FERREIRA, Manuela Neumann; PARAÍZO, Daniele Slaga; BERLESE, Luciana. Dia das mães e as manifestações de estereótipo na publicidade - padecer ou não no paraíso? Caderno PAIC, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 73-84, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://cadernapaic.fae.edu/cadernapaic/article/view/594>. Acesso em: 18 set. 2025.





OLHA AQUI MÃE!
MÃE OLHA ISSO!
MAMÃE MAM E T
MÃE OLHA QUE LEG

C A S A (casa)

lar, residência

lugar de viver, vivenda, fazer morada, desfrutar, descansar,

ninho. também lugar de silêncio, meditação, rituais, cuidado.

cozinha, sala, quarto, banheiro, corredor, varanda, área de

serviço, quarto da bguença, lixo, plantas, bichos, poeira, açúcar.

televisão, violão, jogos, cadernos, diários, álbum de fotografias

roupas, toalhas, abajoures, tomadas, garfos, facas, pregos,

mesas, bidês. para todo lugar que olno vejo coisas.

pintar parede, varrer o chão, escrever um texto, águar as plantas

recados, bilhetes, boletos, carta de amor.

gavetas, armários, caixas, livros, latas, bandejas, cestos,

bolsas, sacolas, vasos, cumbucas, potes, a casa esse réceptáculo.

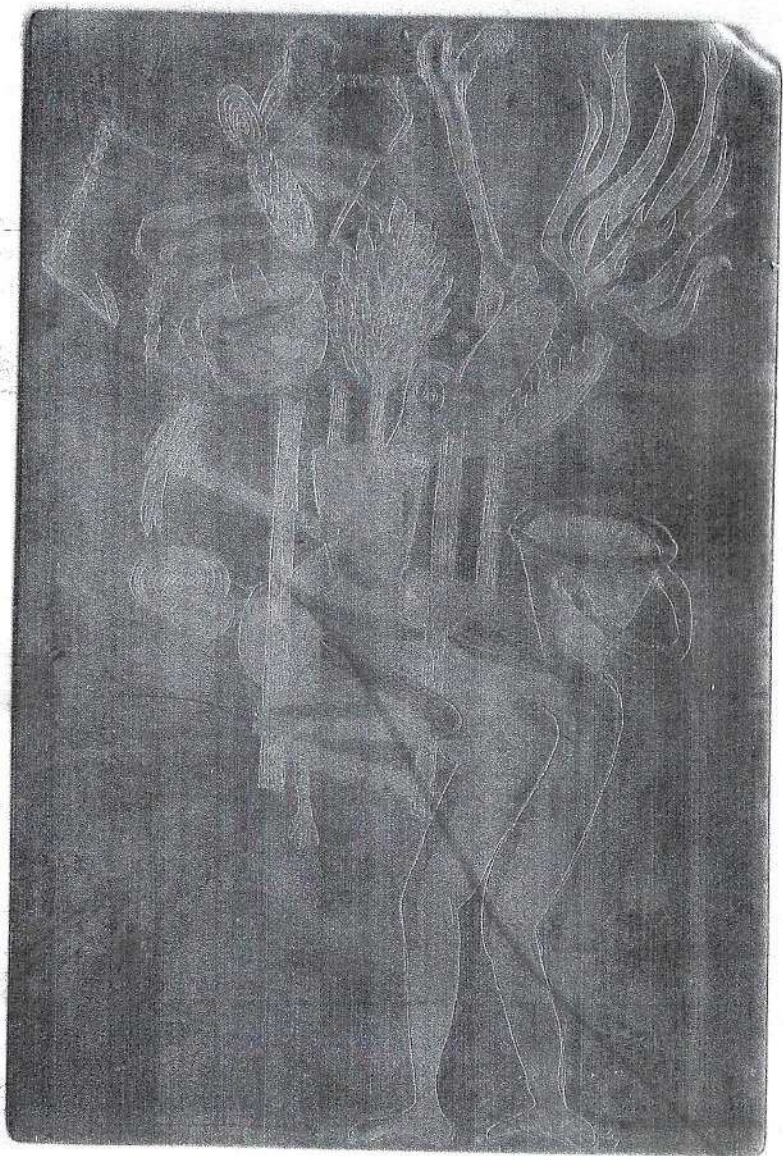
casa-criação, casa-ateliê, casa-residência, casa-templo

mulher-casa-mãe-artista

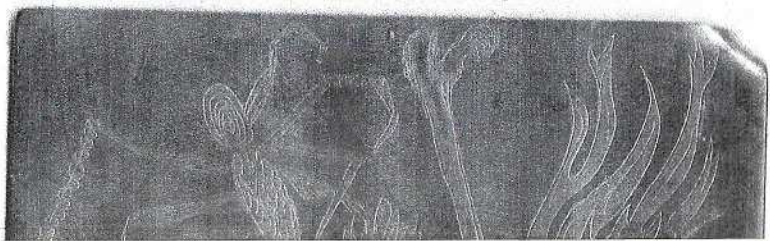
artista-mulher-casa-mãe

mãe-artista-mulher-casa

casa-mãe-artista-mulher



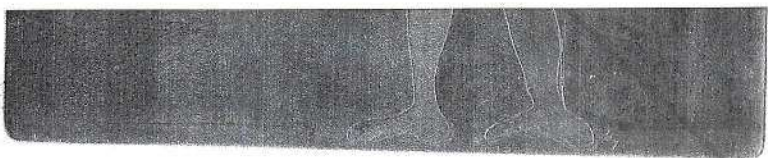
Mãe Mítica
Mãe Falha
Mãe Falta
Mãe Força
Mãe doce
Mãe fonte
Mãe ilha
Mãe Foz
Mãe Mar



17



18



por film
(porvair)

A casa é uma sala de leitura
um amálgama de um sonho
a casa são os gatos, meus
livros e meu trabalho
sempre por terminaR

Patti Smith,
A linha M.

Tudo foi feito no soluço. No intervalo. Ou ao mesmo tempo em que outra coisa muito importante também estava acontecendo. Tudo o que passou sem atraso custou sanidade mental. Tudo de leve aconteceu atrasado. (...) A maternidade é um marcador de opressão. (Albertim; Lima, 2017).

Há algo de insistência em seguir sonhando. Não se sonha apenas uma vez: sonha-se todas as noites. E deveríamos também sonhar todos os dias. Quando minha filha era muito pequena, pela dificuldade de dormir uma noite inteira, eu deixei de sonhar. Acordava esvaziada de imagens e de descanso. Restava-me sonhar durante o dia. Mas pode uma mãe sonhar, quando há um filho para cuidar?

Ingressar na licenciatura em artes foi, antes de tudo, um sonho - distante, quase impossível. Perguntei-me em qual configuração familiar esse desejo poderia caber. A decisão exigiu romper: divorciar-me, voltar ao Brasil, reaproximar-me da família depois de quinze anos distante, confiar em um trabalho que me sustentasse e, ao mesmo tempo, experimentar a construção de uma vida artística.

Sou artista? Entre a docência em formação, as tarefas burocráticas dos projetos culturais e o pouco tempo para criação, muitas vezes sinto que produzo pouco. Na pandemia, produzi gravuras e cadernos diariamente, vendia de um em um. Sempre um reinventar-se. Mas isso era ser artista? A obrigação de criar não se confunde com a experiência sensível da criação. Hoje, com quase quarenta anos, finalizando a graduação acompanhando minha filha no fim do primeiro semestre, sinto-me diante de mais um fechamento de ciclo. Sempre que um ciclo acaba, a urgência da mudança me atravessa. Antes, sem filha, eu mudava tudo: de cidade, de casa, de trabalho. Agora não é tão simples. Ainda assim, mulher, mãe, artista, licencianda, sonhadora: como posso seguir sonhando? No fim das contas, ter tempo, criar uma obra, gestar um processo criativo, escrever um memorial, fazer um livro, é um grande privilégio. *Ratti Smith, A linha M.*

A solidão da mãe solo é real - a solidão da artista que não tem plano de carreira, nem um caminho estabelecido. Busco liberdade ao mesmo tempo em que carrego o peso da responsabilidade das

por fim

/porvir

Tudo foi feito no soluço. No intervalo. Ou ao mesmo tempo em que outra coisa muito importante também estava acontecendo. Tudo o que passou sem atraso custou sanidade mental. Tudo de leve aconteceu atrasado. (...) A maternidade é um marcador de opressão. (Albertim; Lima, 2017).

Há algo de insistência em seguir sonhando. Não se sonha apenas uma vez: sonha-se todas as noites. E deveríamos também sonhar todos os dias. Quando minha filha era muito pequena, pela dificuldade de dormir uma noite inteira, eu deixei de sonhar. Acordava esvaziada de imagens e de descanso. Restava-me sonhar durante o dia. Mas pode uma mãe sonhar, quando há um filho para cuidar?

Ingressar na licenciatura em artes foi, antes de tudo, um sonho - distante, quase impossível. Perguntei-me em qual configuração familiar esse desejo poderia caber. A decisão exigiu romper: divorciar-me, voltar ao Brasil, reaproximar-me da família depois de quinze anos distante, confiar em um trabalho que me sustentasse e, ao mesmo tempo, experimentar a construção de uma vida artística.

Sou artista? Entre a docência em formação, as tarefas burocráticas dos projetos culturais e o pouco tempo para criação, muitas vezes sinto que produzo pouco. Na pandemia, produzi gravuras e cadernos diariamente, vendia de um em um. Sempre um reinventar-se. Mas isso era ser artista? A obrigação de criar não se confunde com a experiência sensível da criação. Hoje, com quase quarenta anos, finalizando a graduação, acompanhando minha filha no fim do primeiro setênio, sinto-me diante de mais um fechamento de ciclo. Sempre que um ciclo acaba, a urgência da mudança me atravessa. Antes, sem filha, eu mudava tudo: de cidade, de casa, de trabalho. Agora não é tão simples. Ainda assim, mulher, mãe, artista, licencianda, sonhadora: como posso seguir sonhando? No fim das contas, ter tempo, criar uma obra, gestar um processo criativo, escrever um memorial, fazer um livro, é um grande privilégio.

A solidão da mãe solo é real - a solidão da artista que não tem plano de carreira, nem um caminho estabelecido. Busco liberdade ao mesmo tempo em que carrego o peso da responsabilidade das

A casa é uma sala de leitura
um amálgama de um sonho
a casa são os gatos, meus
livros e meu trabalho
sempre por terminar

Patti Smith,
A linha M.

minhas escolhas, que afetam a mim, à minha filha e à família ampliada. Ao meu lado, felizmente, existe uma rede: coletivos de mães, coletivos de artistas, a família de sangue, os amigos do praia, as mulheres da lua, a universidade com docentes e discentes, sem a qual nada disso seria possível. Mas, no fim das contas, quando volto para casa, somos eu, minha filha, as gatas e as plantas.

A rotina é corrida, estressante, injusta. A conta nunca fecha. Nunca daremos conta de tudo. Aprendo, a duríssimas penas, a escolher qual prato deixar cair. Essa consciência foi se impondo também durante a escrita deste memorial, entre questionamentos: seria possível produzir um memorial interessante aos olhos dos outros? Existe diferença entre um memorial descritivo e um artístico? Trabalhar com memórias em imagens e textos é um caminho para a arte? Seria esse trabalho um portfólio? Ou será que nada disso importa, se o que importa é o processo - olhar para os trabalhos e conquistas sem apagar as dificuldades e as marcas da maternidade solo em espaço acadêmico?

Não tenho todas as respostas. Talvez a conclusão esteja sempre adiada, como o próprio tempo que segue. A pesquisa não se encerra aqui. Ela seguirá em movimento, entre a vida, a arte, a maternidade e os sonhos.

A arte, irmã da imaginação, é um *reliquire*. Escrever, associar imagens e palavras, criar processos - É quando me sinto viva. Ainda que o capitalismo capture o sensível e transforme sonhos em obrigações, sigo insistindo em sonhar. Porque, apesar do cartaz amarelo que diz que *neste país é proibido sonhar*, sigo escrevendo e criando para manter meus sonhos vivos - e, com eles, minha vida, e daqueles que estão ligados a mim.

malu,

uberlândia, 19 de setembro de 2025

PARARDESCANSAREPOU
SARRESPIARACLMAR
DORMIRSONHARREPARAR



PER
PAR
PAR



Referências

Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Embarcação naufraga no Pará e deixa 11 mortos. 8 set. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-09/embarcacao-naufraga-no-para-e-deixa-11-mortos>. Acesso em: 16 set. 2025.

AMAZÔNIA REAL. Naufrágio no Pará expõe negligência na Amazônia. 8 set. 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/naufragio-no-para-expoe-negligencia-na-amazonia/>. Acesso em: 16 set. 2025.

ALBERTIM, Roberta Calábria; LIMA, Carolina Rodrigues de. A exposição "Dentro, fora, entre: o corpo da mulher (não) é uma casa": estudo de caso para uma reflexão teórico-narrativa. In: Fazendo Gênero 12. 2021.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BORGES, Clarissa Monteiro. O parto nas artes visuais: uma abordagem histórica e feminista do nascimento e da maternidade. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/27455>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 18 set. 2025.

CARVALHO, Paula Aragão de. Sobre uma maternidade bordada. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2024.

CHALFEN, Richard. Snapshot versions of life. Bowling Green, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1991.

COSTA, Petra. Elena. Filme. 2012.



DATA FOLHA. 58% das mães brasileiras são viúvas, divorciadas ou solteiras. Dados da pesquisa Datafolha. Brasil de Fato, São Paulo, 14 maio 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/14/datafolha-metade-das-maes-brasileiras-sao-solo-e-69-das-mulheres-no-pais-tem-ao-menos-1-filho/>. Acesso em: 16 set. 2025.

ENTLER, Ronaldo (cur.). 1º Prêmio de Fotografia | Adelina Instituto. São Paulo: Adelina Instituto, 2021. Disponível em: <https://adelina.org.br/1o-premio-de-fotografia-adelina-instituto-exposicao-2021/>. Acesso em: 15 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Manuela Neumann; PARAÍZO, Daniele Slaga; BERLESE, Luciana. Dia das mães e as manifestações de estereótipo na publicidade - padecer ou não no paraíso? Caderno PAIC, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 73-84, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/594>. Acesso em: 16 set. 2025.

FIOCRUZ. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Depressão pós-parto acomete mais de 25% das mães no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2016. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/depressao-pos-parto-acomete-mais-de-25-das-maes-no-brasil>. Acesso em: 15 set. 2025.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JEREMIAH, Emily. Motherhood to Mothering and Beyond: Maternity in Recent Feminist Thought [tradução livre]. Journal of the Association for Research on Mothering, Toronto, v. 8, n. 1/2, p. 21-33, 2006. Disponível em: <https://sas-space.sas.ac.uk/5639>. Acesso em: 18 set. 2025.

LOPES, Rodrigo. Álbum de família na arte/educação: matéria de ficção. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas

do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENCARINI, Marta; REIS, Tatiana (Curadoras). Arte e Maternagem. Revista Trama Bodoque, n. [inserir número da edição], 2024. Disponível em: <https://revistatrama.artebodoque.com/exposicao-arte-e-maternagem/>. Acesso em: 17 set. 2025.

MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. São Paulo: Círculo de Poemas; Luna Parque. 2022.

PANADÉS, Julia. Antes que se tenha algo a dizer. Belo Horizonte: Cas'a, 2024.

PAULINO, Rosana. Imagens de sombras: a mulher negra na sociedade brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/publico/tese.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

PIMENTEL, Mariana Rodrigues. Como tornar-se uma teórica-doméstica. Apresentação de Trabalho/Comunicação: Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

R7. Naufrágio no Pará: população segue em busca de respostas sobre paradeiro de lancha. 8 set. 2022. Disponível em: <https://lorena.r7.com/categoria/noticias/Naufragio-no-Para-populacao-segue-em-busca-de-respostas-sobre-paradeiro-de-lancha>. Acesso em: 16 set. 2025.

SABIÁ, Ana. Madonnas e Fridas. Projeto contemplado com o Prêmio FUNARTE Marc Ferrez de Fotografia - 17ª Edição, 2025. Disponível em: <https://www.anasabia.com.br/madonnas-e-fridas>. Acesso em: 18 set. 2025.

SANDBYE, Mette. Looking at the family photo album: a resumed theoretical discussion of why and how. Journal of Aesthetics & Culture, v. 6, 2014. DOI: 10.3402/jac.v6.25419.

SILVA, Armando. Álbum de Família: A Imagem de Nós Mesmos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

UKELES, Mierle Laderman. Manifesto for Maintenance Art, 1969! Proposal for an exhibition "CARE". [S.l.]: s.n., 1969. Disponível em: <https://queensmuseum.org/wp-content/uploads/2016/04/>

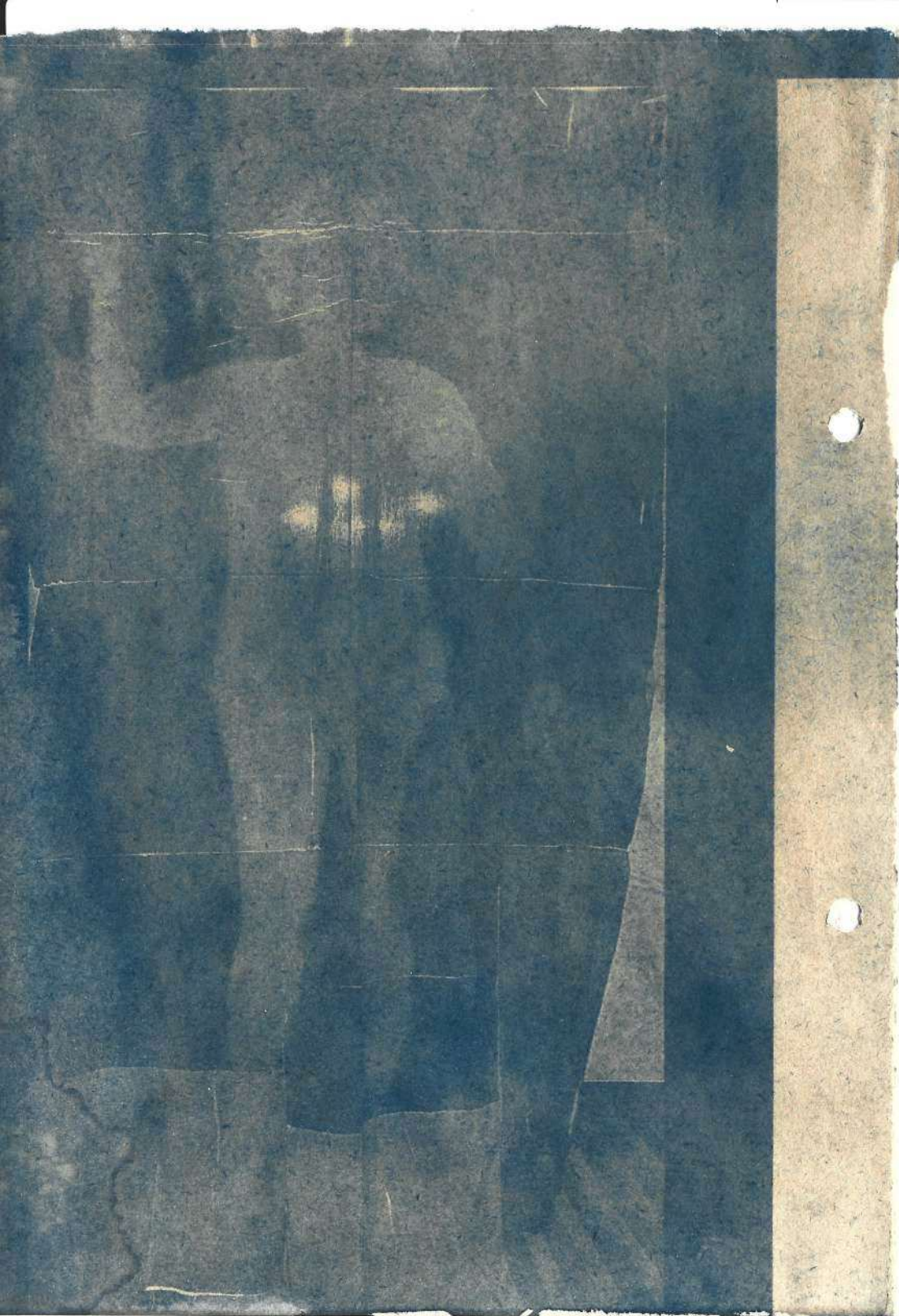
Ukeles-Manifesto-for-Maintenance-Art-1969.pdf

. Acesso em: 18 set. 2025.

VIERIA JR., Itamar. Torto Arado. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2019.

WINNICOTT, D. W. Cuidado e Desenvolvimento: a criança e a mãe suficientemente boa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.





MALE
...
...
...
...



WILSON